

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
01/71



Foto 1 – Retábulo-mor – Coroamento, camarim e pilastras laterais.



Foto 2 e Foto 3 – Retábulo-mor – Repintura branca, purpurina oxidada e perdas generalizadas de pinturas.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
02/71



Foto 4 – Retábulo mor – Coroamento.



Foto 5 – Retábulo mor – Camarim
com renda e trono escalonado.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
03/71



Foto 6 – Retábulo-mor – Deformações e perdas no suporte e pintura subjacente visível.



Foto 7 – Retábulo-mor – Galerias de insetos xilófagos e perdas de pintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
04/71



Foto 8 – Retábulo-mor – Abertura nas junções e repintura sobre ouro brunido.



Foto 9 – Retábulo-mor – Ataque de insetos xilófagos no trono do camarim.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
05/71



Foto 10 – Retábulo-mor – Prospeções
no trono e no revestimento da parede
do camarim



Foto 11 – Retábulo-mor – Atrás do
camarim com forro trespassando

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
06/71



Foto 12 – Retábulo-mor – Cambotas e estrutura do camarim com perdas.



Foto 13 – Retábulo-mor – Abertura no encontro e perdas na pintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
07/71



Foto 14 – Retábulo mor – Parte inferior com mesa.



Foto 15 – Retábulo mor – Marcas de penetração de água e manchas.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
08/71



Foto 16 – Retábulo mor – Marcas na parede da remoção da antiga credencia.



Foto 17 – Sacrário – Pintura prateada posterior e placa de metal.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
09/71



Foto 18 – Pinturas parietais e cimbalha lado da epístola – Repintura e pintura original abrasionada.



Foto 19 – Pinturas parietais e cimbalha lado do evangelho – Repintura e pintura original abrasionada.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
10/71



Foto 20 – Pinturas parietais e cimalha – Repintura e pintura original abrasionada.



Foto 21 – Pinturas parietais e cimalha – Separação da cimalha no canto.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
11/71



Fotos 22 e 23 – Pinturas parietais e cimbalha – Resquícios da repintura e pintura original com perdas, manchas e abrasões.



Foto 24 – Pinturas parietais e cimbalha – Arcos da capela mor recortando decoração da parede.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
12/71



Foto 25 – Pinturas parietais e cimalha – Rachaduras e elemento inserido.



Foto 26 – Pinturas parietais e cimalha – Detalhes da pintura subjacente.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
13/71



Foto 27 – Pinturas parietais e cimalha –
Resquício de repintura azul.



Foto 28 – Pinturas parietais e cimalha – Pintura mais
nova imitando mármore no arco.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
14/71



Foto 29 – Pinturas parietais e cimalha – Galerias abertas ocasionadas por ataques de insetos xilófagos.



Foto 30 – Pinturas parietais e cimalha – Arco de madeira carcomido por insetos xilófagos.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
15/71



Foto 31 – Forro da capela-mor – Vista geral.



Fotos 32 e 33 – Forro da capela-mor – Pintura central com arandela de lustre, perdas e substituição de suporte.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
16/71



Foto 34 – Forro da capela-mor – Perda de suporte, repintura, pintura antiga, manchas de chuva e perdas de pinturas.



Foto 35 – Forro da capela-mor – Perda de suporte e manchas na pintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
17/71



Foto 36 – Forro da capela-mor – Tábuas apodrecidas por penetração de água de chuva.



Foto 37– Forro da capela-mor – Fitas de alumínio sustentando suporte em desprendimento, apodrecido e com perdas.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
18/71



Foto 38 – Forro da capela-mor – Espaçamento entre forro e arco cruzeiro.



Foto 39 – Arco Cruzeiro – Arco e entablamentos com repintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
19/71



Fotos 40 e 41 – Arco cruzeiro – Prospecções exibindo pintura mais antiga sobre marmorizado mais recente.



Fotos 42 e 43 – Arco cruzeiro – Perda de pintura, fio elétrico, repintura e referência única de pintura na parede lateral do arco.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
20/71



Foto 44 – Arco cruzeiro – Perdas deixando aparente pintura mais antiga.



Foto 45 – Arco cruzeiro – Ataque de xilófagos.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
21/71



Foto 46 – Arco cruzeiro – Perdas, rachaduras, manchas e complementações com pó de serragem e cola.



Foto 47 – Arco cruzeiro – Substituição de friso/arremate de madeira.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
22/71



Foto 48 – Retábulo arco cruzeiro lado do evangelho – Perdas de suporte, repintura e perdas de pintura.



Foto 49 – Retábulo arco cruzeiro lado do evangelho – Perdas de suporte, repintura e perdas de pintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
23/71



Foto 50 – Retábulo arco cruzeiro lado do evangelho – Mesa com queimado na lateral direita, repintura e perdas de pinturas.



Fotos 51 e 52 – Retábulo arco cruzeiro lado do evangelho – Perda forro do camarim e perdas de pintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
24/71



Fotos 53 e 54 – Retábulo arco cruzeiro lado do evangelho – Insetos xilófagos, abrasões, queimas, perdas da repintura deixando visível pintura antiga.



Fotos 55 e 56 – Retábulo arco cruzeiro lado da epístola – Galerias de insetos xilófagos, repintura com perdas exibindo pintura antiga.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
25/71



Foto 57 – Retábulo arco cruzeiro lado da epístola – Detalhes do camarim exibindo perda do forro.



Foto 58 – Retábulo arco cruzeiro lado da epístola – Perda de repintura e de pintura antiga.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
26/71



Foto 59 – Retábulo arco cruzeiro lado da epístola –
Alterações e degradações no interior da mesa.



Foto 60 – Púlpito – Repintura em
branco e azul claro.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
27/71



Foto 61 – Púlpito – Área de prospecção na base.



Foto 62 – Púlpito – Substituição de suporte por tábuas de serra elétrica.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
28/71



Foto 63 – Púlpito – Perda de suporte e área de prospecção à direita.



Foto 64 – Púlpito – Deslocamento de junções.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
29/71



Foto 65 – Pia Batismal – Inserção de materiais e objetos.



Foto 66 – Pia Batismal – Ataques de insetos xilófagos.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
30/71



Foto 67 – Pia Batismal – Bacia de cimento no interior da pia.

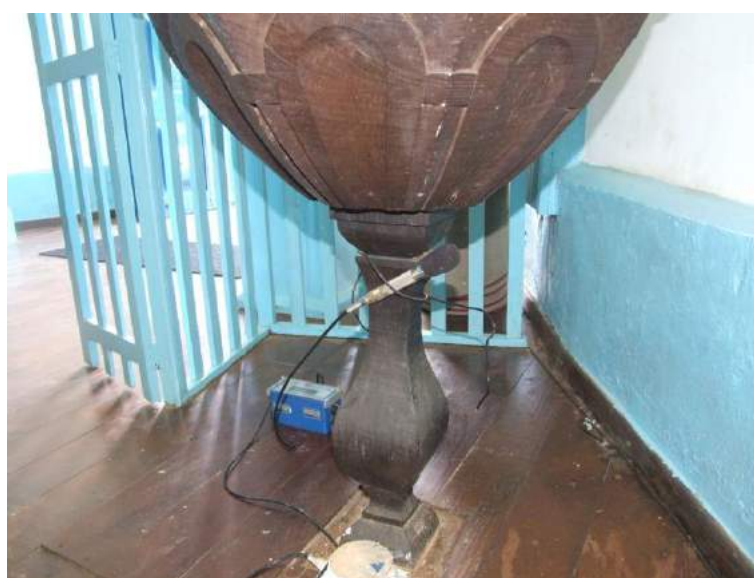


Foto 68 – Pia batismal – Peças aderidas ao suporte e pé substituído.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
31/71



Foto 69 – Pia Batismal – Rachadura na bacia



Foto 70 – Órgão – Face anterior.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
32/71



Foto 71 – Órgão – Repintura da frente e lateral.



Foto 72 – Órgão – Face posterior.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
33/71



Foto 73 – Órgão – Ataques de cupins e furos de pregos.



Foto 74 – Órgão – Fechaduras e dobradiças oxidadas e substituídas.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
34/71



Foto 75 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores – Camarins e sarcófago.



Foto 76 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores – Parte superior com perda de pintura e aparente corte para adaptação.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
35/71



Foto 77 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores – Falta de elemento central e substituição do forro do camarim.



Foto 78 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores – Perda de pintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
36/71



Foto 79 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores – Sacrário.



Foto 80 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores – Substituição de madeira no sarcófago.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
37/71



Fotos 81 e 82 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores – Visão detrás com tabuado novo.



Foto 83 – Retábulo da Sacristia – Junção de camarim, gaveteiro e arcaz.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
38/71



Foto 84 – Retábulo da Sacristia – Tábuas unindo partes dos móveis.



Foto 85 – Retábulo da Sacristia – Detalhe de gaveta com puxador e identificador.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
39/71



Foto 86 – Retábulo da Sacristia – Portas do arcaz fora do prumo, perda de suporte, substituições de fechaduras.



Foto 87 – Lavabo da Sacristia – Perda de suporte e manchas.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
40/71



Foto 88 – Lavabo da Sacristia – Remontagem de parte do lavabo e manchas.



Foto 89 – Lavabo da Sacristia – Aleta lateral inferior refeita em cimento.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
41/71



Foto 90 – Lavabo da Sacristia – Manchas, pequenas perdas e respingos de tinta.



Foto 91 – Lavabo da Sacristia – Cimento e tinta aderidos no suporte.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
42/71



Fotos 92 e 93 – Oratório da Sacristia – Portas fechadas e abertas.



Foto 94 – Oratório da Sacristia – Ausência de elemento no fundo.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
43/71



Foto 95 – Oratório da Sacristia – Perdas e quebra da renda.



Foto 96 – Oratório da Sacristia – Forro.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
44/71



Foto 97 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário) – Repintura e redouramento sobre “pastiglio”.



Foto 98 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário) – Parte inferior da base com ataque de insetos com Durepoxi®.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
45/71



Foto 99 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário) – Detalhe de rachadura com camada inferior aparente.



Fotos 100 e 101 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário) – Rostos deformados pelo excesso de massa aplicada.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
46/71



Foto 102 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário) – Prospecção feita na barra do mando da imagem.



Fotos 103 e 104 – Nossa Senhora do Rosário Portuguesa – Frente e Verso (com rachadura).

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
47/71



Foto 105 – Nossa Senhora do Rosário Portuguesa – Perdas de suporte e pintura e manchas na carnação.



Foto 106 – Nossa Senhora do Rosário Portuguesa – Perdas e manchas na carnação do Menino.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
48/71



Foto 107 – Nossa Senhora do Rosário Portuguesa – Perda de douramento.



Foto 108 – Nossa Senhora do Rosário Portuguesa - Perdas na carnção e pintura.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
49/71



Foto 109 – Nossa Senhora do Rosário Portuguesa – Perda de suporte na base da imagem.



Foto 110 – Nossa Senhora do Rosário Portuguesa – Pés do Menino Jesus com perda de suporte.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
50/71



Fotos 111 e 112 – Santo Antônio de Pádua – Frente e verso
(com rachadura longitudinal).



Foto 113 – Santo Antônio Pádua – Distanciamento de
blocos.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
51/71



Foto 114 – Santo Antônio de Pádua – Ataque de insetos xilófagos.



Foto 115 – Santo Antônio de Pádua – Rachadura com perda de suporte.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
52/71



Foto 116 – Santo Antônio de Pádua – Perda da carnação da face.



Foto 117 – Santo Antônio de Pádua – Perda dos dedos da mão.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
53/71



Fotos 118 e 119 – São Sebastião – Frente e verso.



Foto 120 – São Sebastião – Prospecção feita na base.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
54/71



Foto 121 – São Sebastião – Repintura grosseira.



Foto 122 – São Sebastião – Tosca complementação da mão.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
55/71



Foto 123 – São Sebastião – Galerias provenientes de ataques de insetos xilófagos aparentes.



Foto 124 – São Sebastião – Marca de queimado na base.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
56/71



Foto 125 – São Sebastião – Resplendor amassado nas extremidades.



Fotos 126 e 127 – São João Batista – Frente e verso.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
57/71



Foto 128 – São João Batista – Camada pictórica com manchas e sujidades.

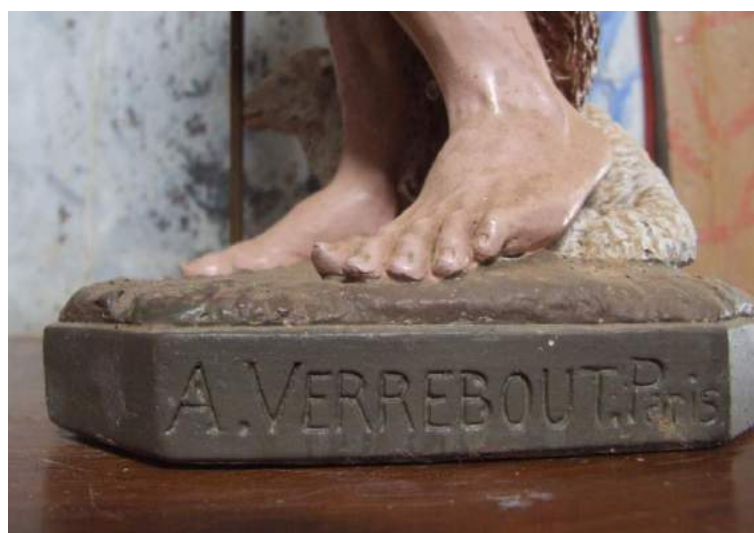


Foto 129 – São João Batista – Assinatura e procedência gravadas na base.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
58/71



Fotos 130 e 131 – Nossa Senhora das Dores – Frente e verso.



Foto 132 – Nossa Senhora das Dores - Pintura mais antiga aparecendo na sobrancelha.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
59/71



Foto 133 – Nossa Senhora das Dores – Complementação e amarração da rótula do cotovelo.



Foto 134 – Nossa Senhora das Dores – Azinhavre na solda do pino do resplendor.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
60/71



Foto 135 – Nossa Senhora das Dores –
Manchas, fissuras e perda de suporte no
cabelo.

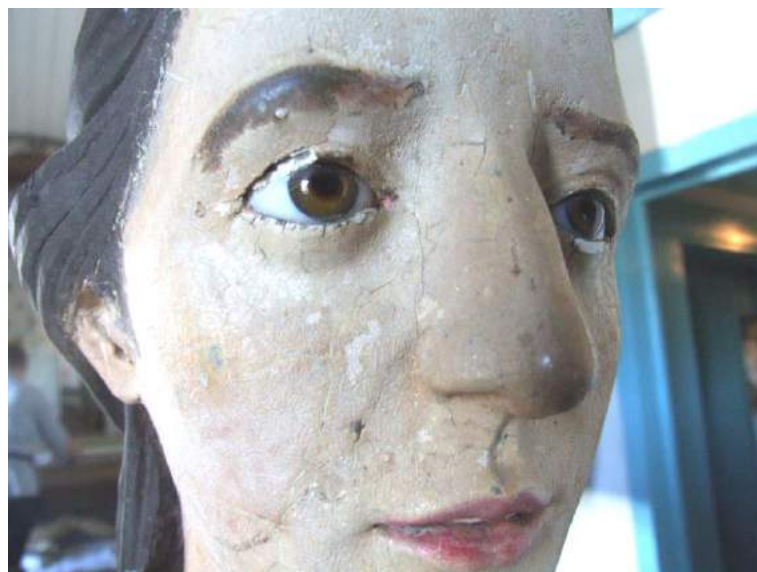


Foto 136 – Nossa Senhora das Dores – Carnação com
repintura crespa e perdas suporte.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
61/71



Foto 137 – Nossa Senhora das Dores – Base hexagonal com furo central.



Foto 138 – Nossa Senhora das Dores – Ataque de insetos xilófagos.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
62/71



Foto 139 – Senhor Morto – Visão geral dentro do sarcófago.



Foto 140 – Senhor Morto – Detalhe dos dentes naturais.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
63/71



Foto 141 – Senhor Morto – Manchas na camada pictórica.



Foto 142 – Senhor Morto – Complementação de couro.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
64/71



Foto 143 – Senhor Morto – Perda de dedo.



Foto 144 – Senhor Morto – Repintura grosseira.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
65/71



Foto 145 – Senhor Morto – Repintura Grosseira.



Foto 146 – Senhor Morto – Perizônio repintado.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
66/71



Foto 147 – Senhor Morto – Perda no pé direito mostra base de preparação branca.



Foto 148 – Crucifixo – Frente.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
67/71



Foto 149 – Crucifixo – Cristo e orifícios na madeira.



Foto 150 – Crucifixo – Resplendor.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
68/71



Foto 151 – Crucifixo – Braço consolidado incorretamente.



Foto 152 – Divino Espírito Santo – Frente.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
69/71



Foto 153 – Divino Espírito Santo – Detalhes em purpurina dourada no resplendor e nas penas da pomba.



Foto 154 – Divino Espírito Santo – Dourado no cabelo do querubim.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
70/71



Foto 155 – Divino Espírito Santo – Área de perda de camada pictórica revela douramento subjacente.



Foto 156 – Sagrado Coração de Jesus – Perda de suporte na mão direita.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Maio/2013

FOLHA
71/71



Foto 157 – Santa Luzia – Repintura e refixação incorreta da mão esquerda.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Retábulo

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Retábulo-mor

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt. – 714cm; Larg. – 454,5cm;
Prof. – 83,5cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/dourada/policromada.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Fundo da capela-mor (Item
3.1, folha 1, R1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Coroamento e tabuados laterais: Área – 7 m²
Entablamento: Área – 1 m²
Painéis e pilastras: Área – 5,4 m²
Camarim: Área – 4 m² / Volume – 14,08 m³
Trono: Área – 2 m² (aprox.) / Volume – 4,54 m³
Friso central: Área – 2,93m² / Vol – 0,41m³
Painéis intermediários: Área – 2 m²
Sacrário: Área – 0,413 m² / Vol – 0,335 m³
Antemessa: Área – 1,016 m² / Vol – 1,097m³
Frisos laterais: Área – 0,055m² / Vol – 0,0078m³
Mesa do altar: Área – 1,326 m² / Vol – 1,485m³
Painéis laterais: Área – 2,4 m²

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio UF: MG
Madureira, S/N

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO:
Revestimento de parede / Cimalha

TÍTULO/DESIGNAÇÃO:
Pintura parietal e cimalha do forro

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Comp.: 596cm; Larg: 564cm
(maior) e 501 cm (menor)
Cimalha: Alt: 58 cm; Larg: 27 cm (cada)

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira aparelhada /policromada

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Paredes laterais da capela-mor
(Item 3.1, folha 1, PP1 e PP2).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS

Pinturas parietais: Área – 20 m² cada
Cimalhas: Área – 3 m² cada

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio UF: MG
Madureira, S/N

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO:
Pintura de forro

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Forro da Capela-mor

CATEGORIA/ESPÉCIE: Decoração arquitetônica

DIMENSÕES: Comp: 643cm; Larg: 470 cm
Área: 30 m² (aprox.)

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira aparelhada/policromada.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Teto da capela-mor (Item 3.1,
folha 1, F1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Comp: 643cm;
Larg: 470 cm
Área: 30 m² (aprox.)

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO:
Arco do transepto

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Arco cruzeiro

CATEGORIA/ESPÉCIE: Decoração arquitetônica

DIMENSÕES: Alt. – 714cm; Larg. – 454,5cm;
Prof. – 83,5cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/dourada/policromada.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Transepto (Item 3.1, folha 1,
AC1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Arco: Área – 13 m² / Vol – 5,07m³

Entablamento: Área – 0,6 m² / Vol – 0,250m³

Pilastras: Áreas – 14 m² / Vol – 4,55m³

Entablamento inferior: Área – 1,6 m² / Vol – 0,776m³

Socos: Área – 0,8 m² / Vol – 0,328m³

Bases: 0,6 m² / Vol – 0,246m³

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Retábulo

TÍTULO/DESIGNAÇÃO:
Retábulo do arco cruzeiro, lado da epístola

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt – 524,5cm; Larg. - 196cm;
Prof – 102cm + 53cm da mesa

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/dourada/policromada.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Lateral esquerda da nave –
parede do transepto (Item 3.1, folha 1, R2).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ADICIONAIS:

Sanefa: Área – 1 m² (aprox.)
Coroamento: Área – 0,9 m² (aprox.)
Entablamento superior: Área – 0,4 m² (aprox.)
Pilastras e colunas: Área – 1,4 m² (aprox.)
Camarim: Área – 0,1 cm² / Vol – 0,155m³
(aprox.)
Entablamento intermediário: Área – 0,1 m²
(aprox.)
Sacrário: Área – 0,5 m² / Vol – 0,1 m³ (aprox.)
Mísulas e pilastras: Área – 0,4 m² (aprox.)
Friso inferior: Área – 0,2 m² (aprox.)
Ante-mesa: Área – 0,669 m² / Vol – 0,8506m³
Mesa: Área – 0,8 m² (aprox.)

RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Retábulo

TÍTULO/DESIGNAÇÃO:
Retábulo do arco cruzeiro, lado do evangelho

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt – 524,5cm; Larg - 196cm;
Prof – 102cm + 53cm da mesa

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/dourada/policromada.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Lateral direita da nave –
parede do transepto (Item 3.2, folha 1, R3).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ADICIONAIS:

Sanefa: Área – 1 m² (aprox.)
Coroamento: Área – 0,9 m² (aprox.)
Entablamento superior: Área – 0,4 m² (aprox.)
Pilastras e colunas: Área – 1,4 m² (aprox.)
Camarim: Área – 0,1 m² / Vol – 0,155m³ (aprox.)
Entablamento intermediário: Área – 0,1 m² (aprox.)
Sacrário: Área – 0,5 m² / Vol – 0,1 m³ (aprox.)
Mísulas e pilastras: Área – 0,4 m² (aprox.)
Friso inferior: Área – 0,2 m² (aprox.)
Ante-mesa: Área – 0,669 m² / Vol – 0,8506m³
Mesa: Área – 0,8 m² (aprox.)

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Púlpito

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Retábulo-mor

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt – 123,5cm; Larg - 120cm;
Prof – 79cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/pintada

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Parede da esquerda parte
central da nave (Item 3.1, folha 1, P1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Sanefa central: Área – 0,064 m² / Vol – 0,0064m³

Sanefas laterais: Área – 0,02m² / Vol – 0,002m³

Batente: Área – 0,1 m²

Pilastras: Área – 0,066 m² / Vol – 0,0085m³

Frisos : Área – 0,073m² / Vol – 0,015m³

Tambor: Área – 0,195 m² / Vol – 0,239m³

Bacia: Área – 0,0102 m² / Vol – 0,0020m³

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio UF: MG
Madureira, S/N

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Pia batismal

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Pia batismal

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt – 110cm; Diam - 75cm;
Área – 0,4 m² (aprox.)

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/envernizada

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Nave sob coro lado esquerdo
(Item 3.1, folha 1, Pb1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Alt – 110cm;
Diam - 75cm;
Área – 0,4 m² (aprox.)

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro DISTRITO: Córregos		ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio Madureira, S/N	UF: MG
PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães		PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento Estadual 24323 22/03/1985	
RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira		CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim	
OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Caixa de órgão		TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Órgão	
CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso		DIMENSÕES: Alt. – 392cm; Larg. – 206,5cm; Prof. – 102cm	
DATA/ÉPOCA: Século XVIII		AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida	
MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/pintada			
ORIGEM: Local		PROCEDÊNCIA:	
ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida		LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO MONUMENTO: Coro parte central junto à balastrada (Item 3.1, folha 1, O1).	
IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA: 		DIMENSÕES ESPECÍFICAS: Friso superior: Área – 0,198 m ² / Vol – 0,059m ³ Painéis vermelhos: Área – 0,017 m ² / Vol – 0,0259m ³ Tuberia externa: Área – 1,96m ² / Vol – 3,377m ³ Tábuas brancas inferiores: Área – 0,053m ² / Vol – 0,093m ³ Frisos azuis laterais frontais: Área – 0,006m ² / Vol – 0,02m ³ Frisos laterais superiores: Área – 0,011m ² / Vol – 0,0033m ³ Painéis laterais: Área – 0,072m ² / Vol – 0,246m ³ Verso: Área – 0,059m ² / Vol – 0,198m ³	
RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita			DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Retábulo

TÍTULO/DESIGNAÇÃO:
Retábulo de Nossa Senhora das Dores

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt – 338cm; Larg - 326cm;
Prof – 86cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII/XIX

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/envernizada

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Fundo da Capela de Nossa
Senhora das Dores (lado do evangelho, lateral
do retábulo mor – Item 3.1, folha 1, R4).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS

(Da esquerda para a direita)

Camarins 1 e 5:

Área – 0,12 m² / Vol – 3,72m³

Arremate superior: Área - 0,05 m²

Pilastras: Área – 0,14 m²

Base: Área – 0,14 m²

Camarins 2 e 4:

Área – 0,14 m² / Vol – 5,025 m³

Arremate superior: Área - 0,07 m²

Pilastras: Área – 0,16 m²

Base: 0,16 m²

Camarim 3:

Área – 0,3 m² - Vol – 14,25 m³

Arremate superior: Área - 0,056 m²

Pilastras camarim 3: Área – 0,2 m²

Base: Área – 0,19 m²

Interseção Camarins 1/5 e 4/5: Área – 0,1 m²

Interseção Camarins 2/3 e 3/4: Área – 0,08 m²

Friso intermediário: Área - 0,46 m²

Ante-mesa: Área – 0,5 m²

Mesa: Área – 0,9 m²

Sarcófago: Área – 0,4 m² / Vol - 0,146 m³

Painéis laterais: Área – 1,6 m²

RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Retábulo

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Retábulo da Sacristia

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt. – 315cm; Larg - 210cm;
Prof. – 80cm

DATA/ÉPOCA: Século XX

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira recortada/frisada/envernizada.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Fundo da sacristia (lado da
epístola, lateral do retábulo mor – Item 3.1, folha
1, R5).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Camarim: Área – 0,2 m² / Vol – 0,06 m³ (aprox.)
Gaveteiro 1º andar 2 gavetas: Área – 0,21 m² /
Vol – 0,052m³
Gaveteiro 2º andar 4 gavetas: Área – 0,402m² /
Vol – 0,1005m³
Gaveteiro 3º andar 5 gavetas: Área – 0,63 m² /
Vol – 0,157m³
Arcaz: Área – 0,902m² / Vol – 1,89m³
Base: 2,91m² / Vol – 0,291m³

RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio UF: MG
Madureira, S/N

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Lavabo

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Lavabo da Sacristia

CATEGORIA/ESPÉCIE: Equipamento arquitetônico

DIMENSÕES: Alt. – 27cm; Larg - 36cm;
Prof. – 30cm; Área – 0,04 m² (aprox.)

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Pedra sabão/entalhada

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Fundo da sacristia (do lado
esquerdo - de quem está de frente – do retábulo
da sacristia – Item 3.1, folha 1, C1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Alt. – 0,27m;
Larg – 0,36m;
Prof. – 0,30m;
Área – 0,108 m² / Vol – 0,029m³

RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Oratório

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Oratório da Sacristia

CATEGORIA/ESPÉCIE: Móvel religioso

DIMENSÕES: Alt. – 135cm; Larg. 50,5cm;
Prof. – 29cm; Área – 0,09 m² (aprox.)

DATA/ÉPOCA: Século XVIII/XIX

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/envernizada

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Fundo da sacristia (do lado
esquerdo - de quem está de frente – do retábulo
da sacristia – Item 3.1, folha 1, Or1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



DIMENSÕES ESPECÍFICAS:

Alt. – 1,35m;
Larg. – 0,505m;
Prof. – 0,29m;
Área – 0,159 m² / Vol – 0,215m³

RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Nossa Senhora
Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do
Rosário)

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Alt – 93cm; Larg - 39cm;
Prof – 30cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/ policromada/dourada

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Alto do trono do retábulo-mor
(Item 3.1, folha 1, R1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro DISTRITO: Córregos	ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio Madureira, S/N	UF: MG
PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães	PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento Estadual 24323 22/03/1985	
RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira	CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim	
OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura	TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Nossa Senhora do Rosário	
CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa	DIMENSÕES: Santa - Alt - 68cm; Larg. - 35,5cm; Prof - 23cm Menino - Alt. 22cm; Larg. - 13cm Prof. - 12cm	
DATA/ÉPOCA: Século XVIII	AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: desconhecida	
MATERIAL/TÉCNICA: madeira/entalhada/policromada/dourada/olhos de vidro.		
ORIGEM: Possivelmente Portugal	PROCEDÊNCIA:	
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora de Aparecida	LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO MONUMENTO: Escondida na parte de trás do retábulo de Nossa Senhora das Dores (Item 3.1, folha 1, R4)	
IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA: 		
RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita		DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro DISTRITO: Córregos	ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio Madureira, S/N	UF: MG
PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães	PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento Estadual 24323 22/03/1985	
RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira	CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim	
OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura	TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Santo Antônio de Pádua	
CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa	DIMENSÕES: Alt – 68cm; Larg. - 35cm; Prof – 21cm	
DATA/ÉPOCA: Século XVIII	AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: desconhecida	
MATERIAL/TÉCNICA: madeira/entalhada/policromada/dourada/olhos de vidro.		
ORIGEM: Possivelmente Portugal	PROCEDÊNCIA:	
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora de Aparecida	LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO MONUMENTO: Escondida na parte de trás do retábulo de Nossa Senhora das Dores (Item 3.1, folha 1, R4)	

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio UF: MG
Madureira, S/N

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: São Sebastião

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Alt – 77cm; Larg - 36,5cm;
Prof – 24cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/policromada/olhos de vidro.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Nicho do lado da epístola
próximo ao camarim do retábulo-mor (Item 3.1,
folha 1, R1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: São João Batista

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Alt – 66cm; Larg - 26cm;
Prof – 25,5cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Gesso/modelado/policromada/olhos de vidro.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Nicho do lado do evangelho
próximo ao camarim do retábulo-mor (Item 3.1,
folha 1, R1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Nossa Senhora das
Dores

CATEGORIA/ESPÉCIE:
Escultura religiosa de roca processional

DIMENSÕES: Santa: Alt – 155cm; Larg -
59cm; Prof – 48cm ;
Resplendor: Alt - 14cm; Larg - 14cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira/Imagem de roca articulada/policromada/Alpaca/martelamento
(resplendor)

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Camarim central da Capela de
Nossa Senhora das Dores (Item 3.1, folha 1,
R4).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Senhor Morto

CATEGORIA/ESPÉCIE:
Escultura religiosa processional

DIMENSÕES: Alt – 165cm; Larg - 82cm;
Prof – 27cm; Coroa de esp. Diam - 32cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira/entalhada/articulada/policromada/Cipó/enrolado/pintado(coroa)

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Sarcófago do retábulo de
Nossa Senhora das Dores (Item 3.1, folha 1,
R4).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO:
Crucifixo – Senhor do Bonfim

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Cruz: Alt – 86,5cm;
Larg - 55,5cm; Prof – 10cm
Cristo: Alt. – 25cm Larg. 20,5; Prof. – 8cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira/entalhada/policromada/prata.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Nicho central do retábulo da
Sacristia (Item 3.1, folha 1, R5).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhões

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Divino Espírito Santo

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Alt – 76 cm; Larg – 48 cm;
Prof – 14 cm

DATA/ÉPOCA: Século XVIII/XX

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Madeira entalhada/recortada/montada/policromada.

ORIGEM: Local

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Camarim do retábulo-mor
atrás do sacrário (Item 3.1, folha 1, R1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO:
Nossa Senhora do Perpétuo/São Geraldo/ São
Vicente de Paula/ Nossa Senhora das Graças

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Variadas alt. em torno de 80 cm

DATA/ÉPOCA: Século XX

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Gesso/modelagem/policromia/olhos de vidro

ORIGEM: Brasil

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Nichos laterais do retábulo-
mor (Item 3.1, folha 1, R1).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio
Madureira, S/N UF: MG

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Sagrado Coração de
Jesus e Nossa Senhora Aparecida do Rosário

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Variadas alt. em torno de 80 cm

DATA/ÉPOCA: Século XX

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Gesso/modelagem/policromia

ORIGEM: Brasil

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Retábulo do arco cruzeiro lado
da epístola e do evangelho respectivamente
(Item 3.1, folha 1, R3 e R2 –
respectivamente).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosângela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro
DISTRITO: Córregos

ENDEREÇO: Rua Cônego Antônio UF: MG
Madureira, S/N

PROPRIETÁRIOS: Diocese de Guanhães

PROTEÇÃO EXISTENTE: Tombamento
Estadual 24323 22/03/1985

RESPONSÁVEL: Padre Itamar José Pereira

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: Ruim

OBJETO/ELEMENTO INTEGRADO: Escultura

TÍTULO/DESIGNAÇÃO: Nossa Senhora das
Mercês, Sagrado Coração de Maria, São
Caetano, Santa Luzia, Santo Expedito e São
Tarcísio.

CATEGORIA/ESPÉCIE: Escultura religiosa

DIMENSÕES: Variadas alt. em torno de 80 cm

DATA/ÉPOCA: Século XX

AUTORIA/ATRIBUIÇÃO: Desconhecida

MATERIAL/TÉCNICA: Gesso/modelagem/policromia

ORIGEM: Brasil

PROCEDÊNCIA:

ACERVO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA NO
MONUMENTO: Nichos e em frente ao retábulo
de Nossa Senhora das Dores (Item 3.1, folha 1,
R4).

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA:



RESPONSÁVEL: Rosangela Costa / Bárbara Mesquita

DATA: Ago/2013

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

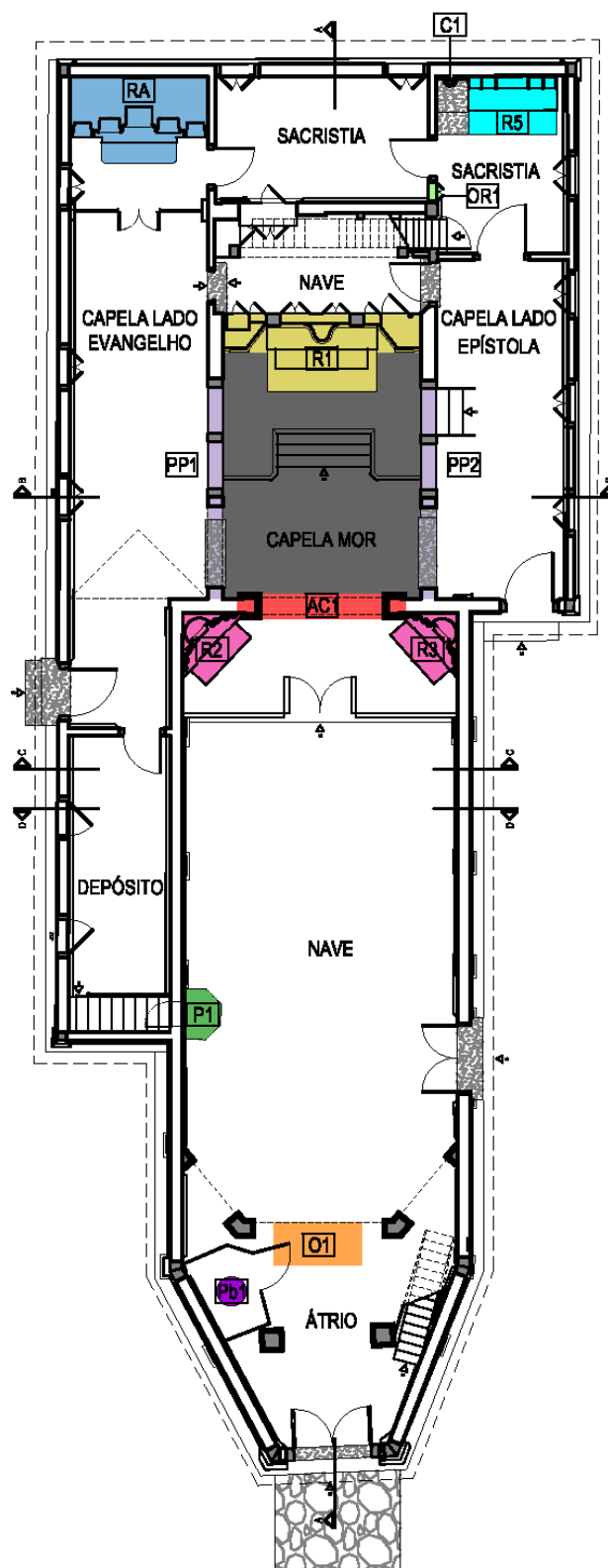
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
01/31

Planta



LEGENDA	
	RETÁBULO MOR - R1
	FORRO DA CAPELA MOR - F1
	PINTURAS PARIETAIS - PP1/PP2
	ARCO CRUZEIRO - AC1
	RETÁBULO DA SACRISTIA - R5
	RETÁBULOS DA NOSSA SENHORA DAS DORES - R4
	ORATÓRIO DA SACRISTIA - Or1
	LAVABO DA SACRISTIA - C1
	PÚLPITO - P1
	ÓRGÃO - O1
	PIA BATISMAL - Pb1

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

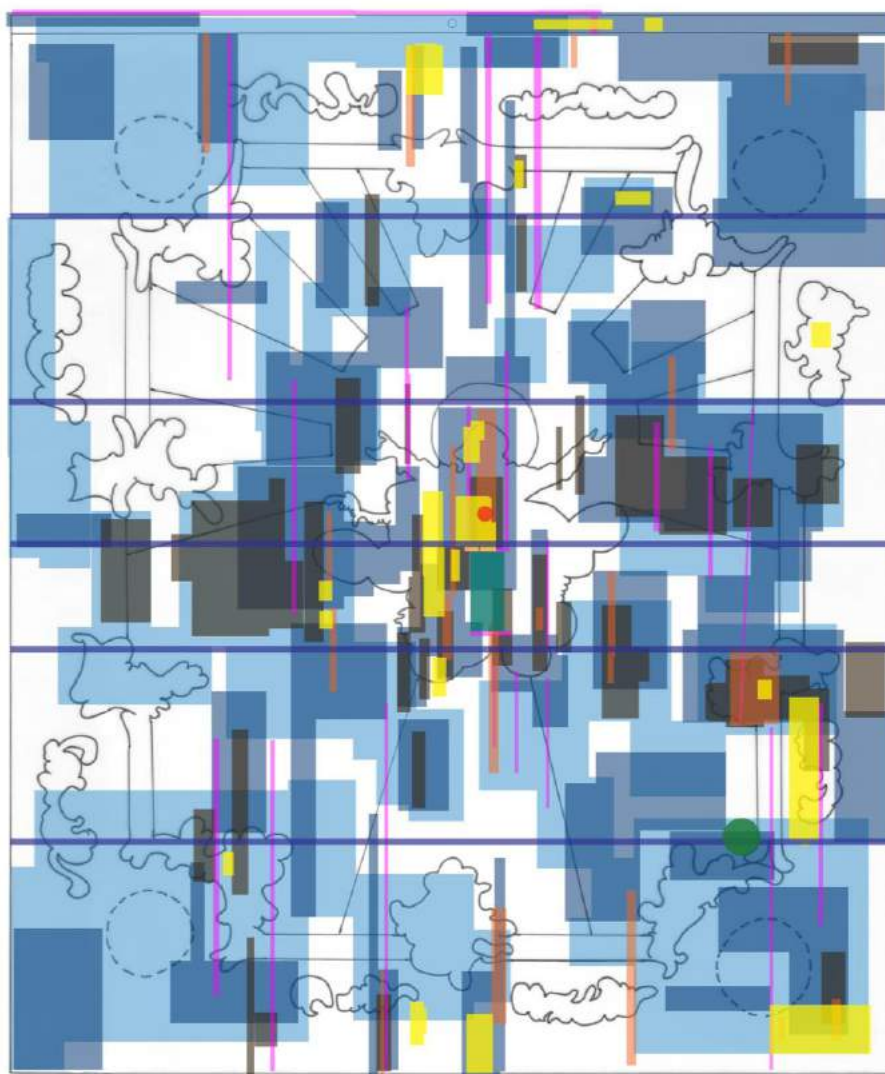
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
02/31

Forro da capela-mor



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE SUPORTE
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS E FISSURAS
	PERFURAÇÃO DE LUSTRE
	TÁBUA SUBSTITUÍDA COM REPINTURA
	CHAPAS DE ALUMÍNIO
	JANELA DE PROSPECÇÃO

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
03/31

Forro da capela-mor – Arco cruzeiro



MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

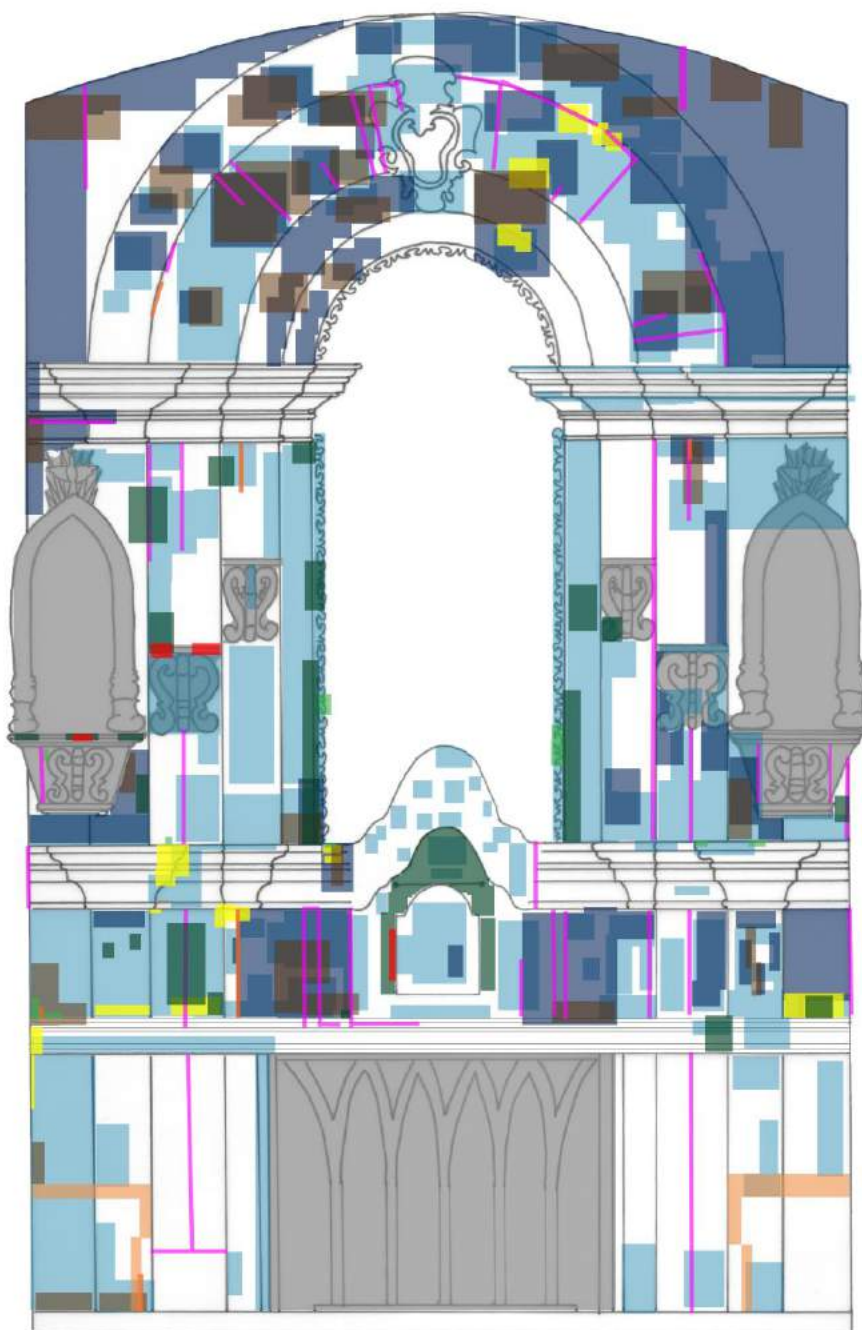
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
04/31

Retábulo-mor



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE PINTURA ANTIGA
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS
	PERDA DE SUPORTE
	CONCENTRAÇÃO DE ORIFÍCIOS
	OBJETOS ANEXADOS
	MARCAS DE REMOÇÃO DE MOBILIÁRIO
	ALTERAÇÃO POSTERIOR

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

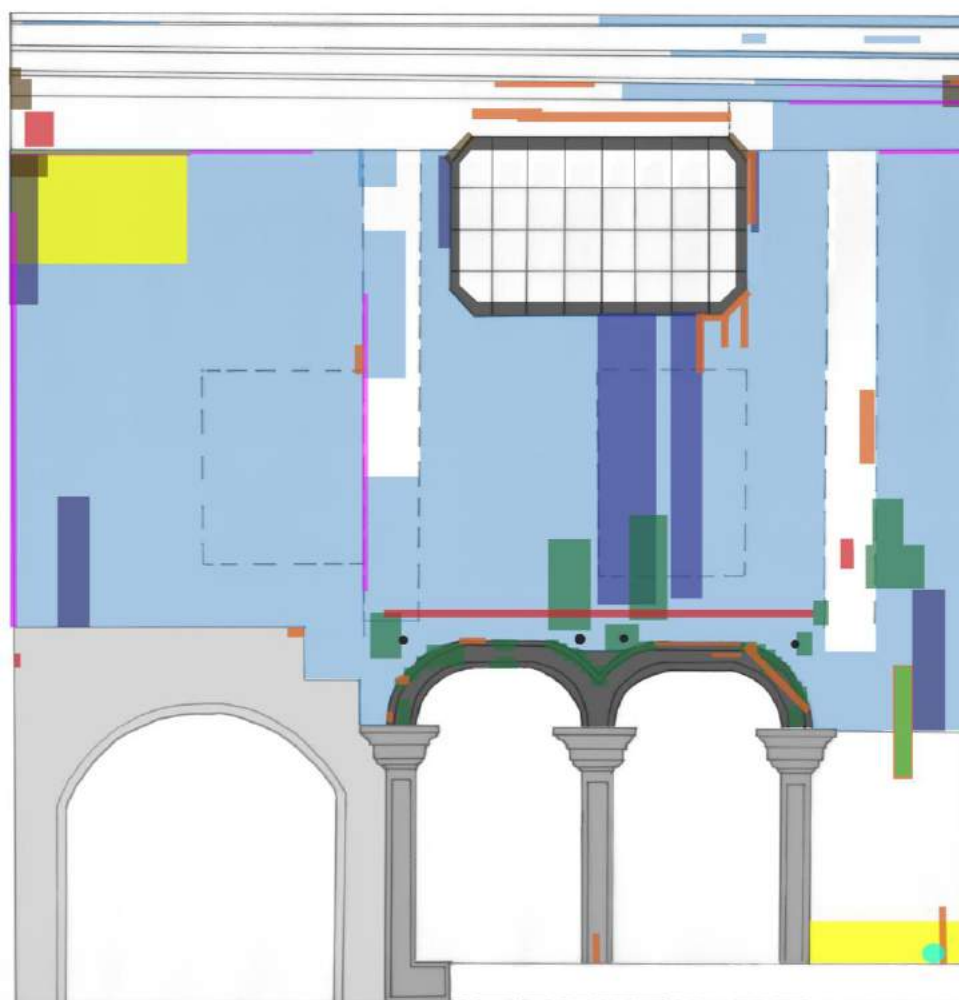
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
05/31

Pinturas Parietais e Cimalha – Lado da Evangelho (esquerdo)



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE PINTURA ANTIGA
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS
	COMPLEMENTAÇÕES
	CONCENTRAÇÃO DE ORIFÍCIOS
	OBJETOS ANEXADOS
	ORIFÍCIOS MAIORES
	MARCA DE REMOÇÃO DE MOBILIÁRIO
	ALTERAÇÃO POSTERIOR MOMENTO 1
	ALTERAÇÃO POSTERIOR MOMENTO 2
	ALTERAÇÃO POSTERIOR MOMENTO 3
	PERDA DE SUPORTE

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
06/31

Pinturas Parietais e Cimalha – Lado da Epístola (direito)



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE PINTURA ANTIGA
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS
	CONCENTRAÇÃO DE ORIFÍCIOS
	OBJETOS ANEXADOS
	ORIFÍCIOS MAIORES
	ALTERAÇÃO POSTERIOR MOMENTO 1
	ALTERAÇÃO POSTERIOR MOMENTO 2
	ALTERAÇÃO POSTERIOR MOMENTO 3
	MARCA DE REMOÇÃO DE MOBILIÁRIO

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

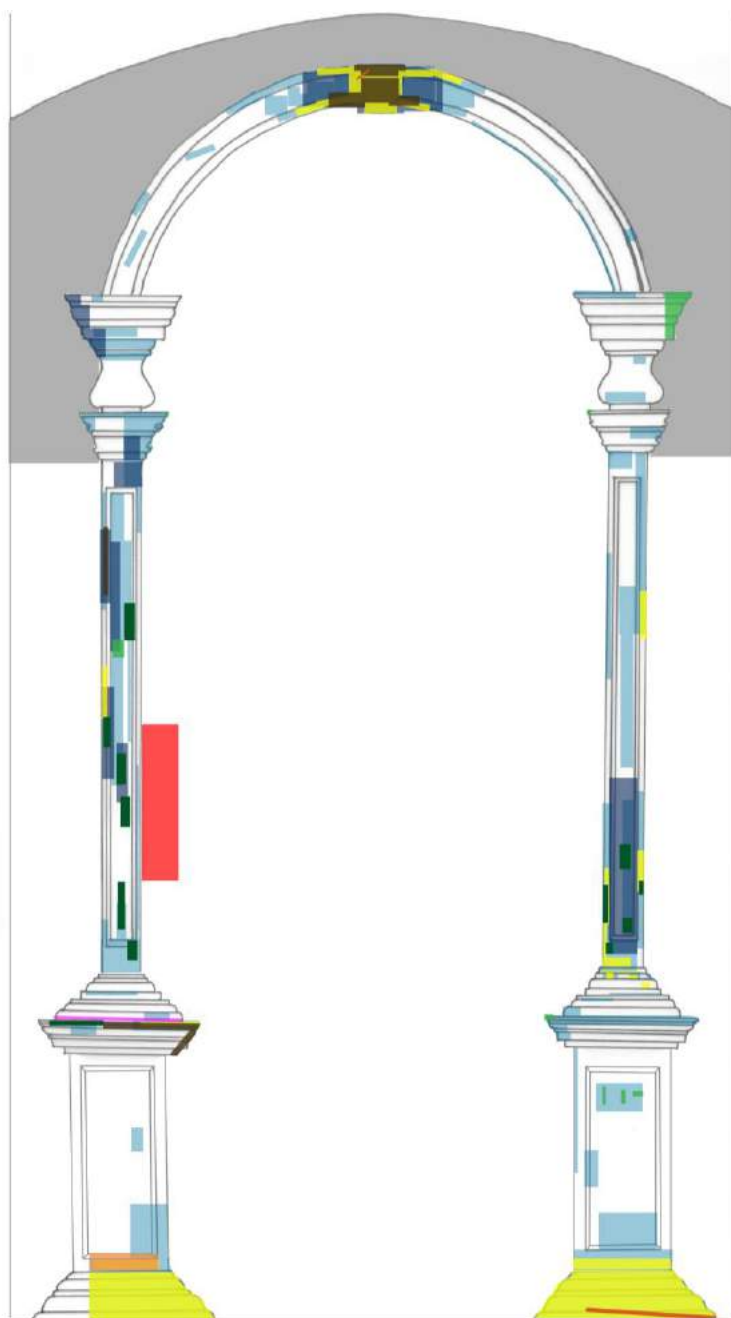
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
07/31

Arco Cruzeiro - Frente



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE PINTURA ANTIGA
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS
	PERDA DE SUPORTE
	CONCENTRAÇÃO DE ORIFÍCIOS
	OBJETOS ANEXADOS
	COMPLEMENTAÇÕES E SUBSTITUIÇÕES
	ALTERAÇÃO POSTERIOR

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

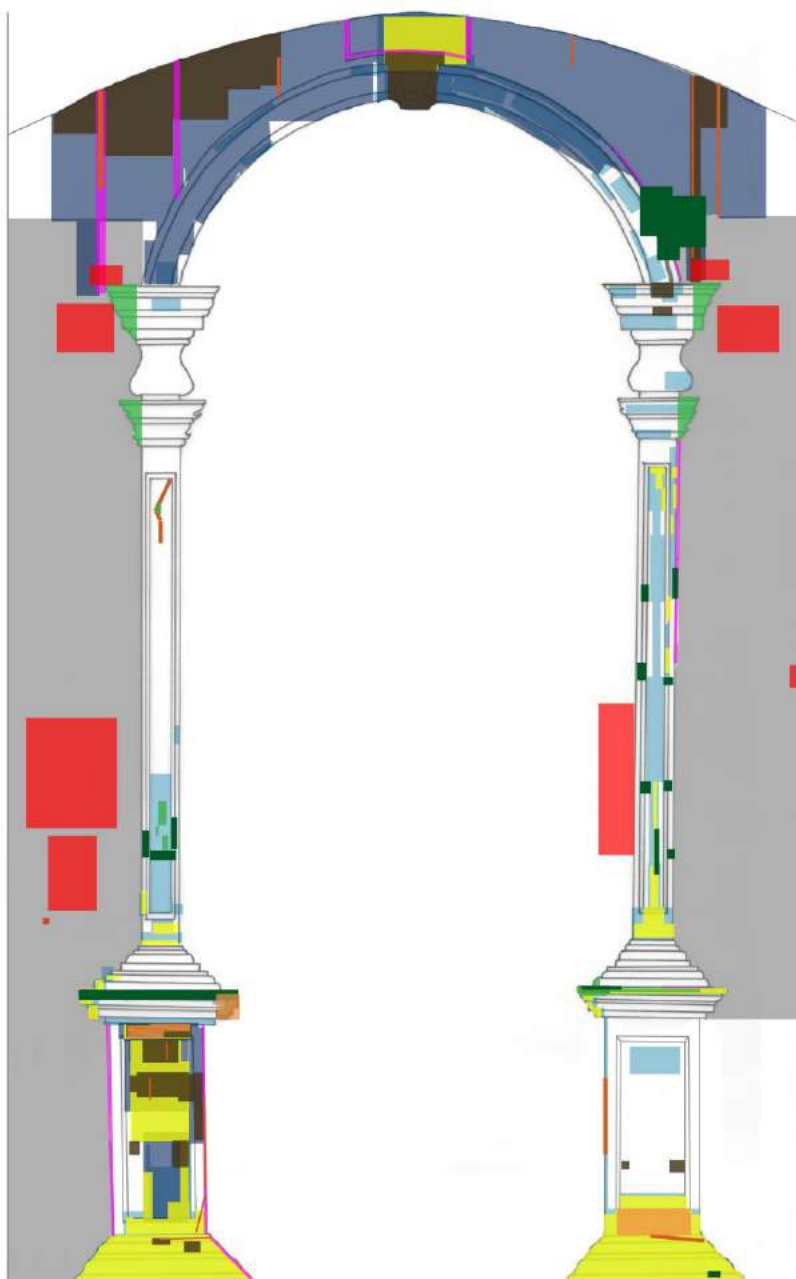
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
08/31

Arco Cruzeiro – Verso



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE PINTURA ANTIGA
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS
	PERDA DE SUPORTE
	CONCENTRAÇÃO DE ORIFÍCIOS
	OBJETOS ANEXADOS
	COMPLEMENTAÇÕES E SUBSTITUIÇÕES
	ALTERAÇÃO POSTERIOR

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

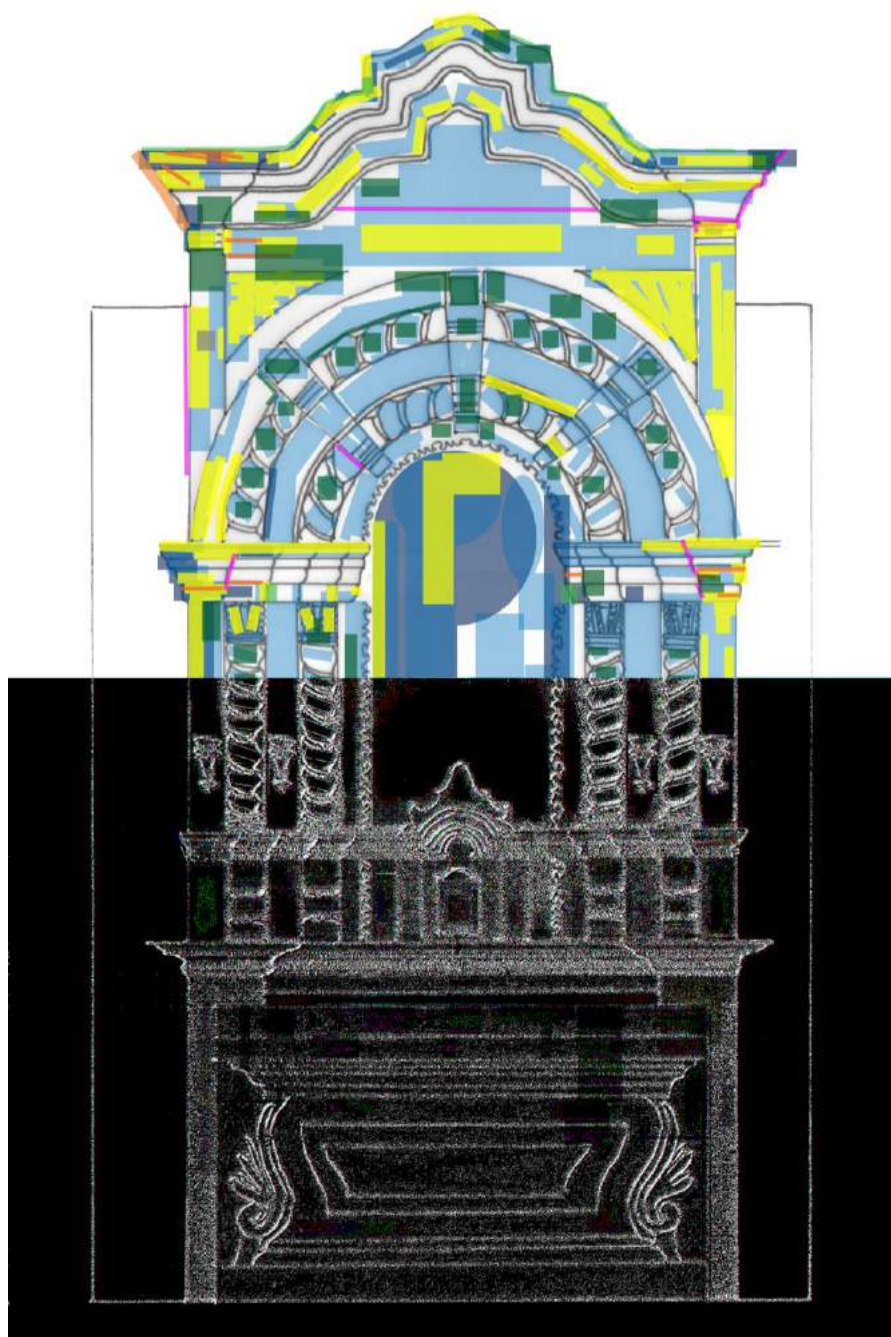
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
09/31

Retábulo do Arco Cruzeiro – Lado do Evangelho (Esquerdo)



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE PINTURA ANTIGA
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS
	PERDA DE SUPORTE
	CONCENTRAÇÃO DE ORIFÍCIOS
	OBJETOS ANEXADOS
	COMPLEMENTAÇÕES E SUBSTITUIÇÕES
	ALTERAÇÃO POSTERIOR

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
10/31

Retábulo do Arco Cruzeiro – Lado do Epístola (Direito)



LEGENDA

	PERDA DE REPINTURA
	PERDA DE PINTURA ANTIGA
	MARCAS DE PENETRAÇÃO DE ÁGUA
	APODRECIMENTO DE SUPORTE
	DISTANCIAMENTO ENTRE TÁBUAS
	RACHADURAS
	PERDA DE SUPORTE
	CONCENTRAÇÃO DE ORIFÍCIOS
	OBJETOS ANEXADOS
	ALTERAÇÕES POSTERIORES

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
11/31

Púlpito



LEGENDA

 REPINTURA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

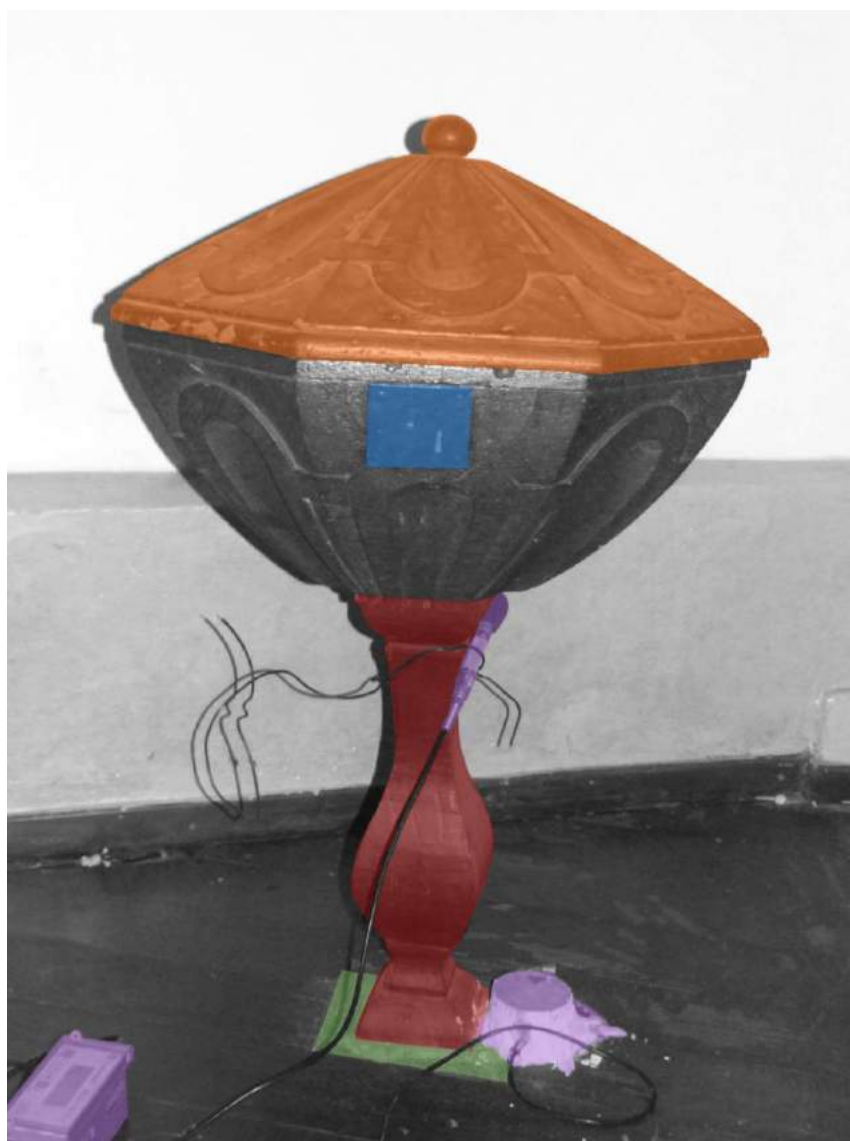
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
12/31

Pia Batismal



LEGENDA

	BASE DE PERDA ORIGINAL
	ATAQUES DE INSETOS XILÓFAGOS - GALERIAS
	ELEMENTOS ENTRANHOS INSERIDOS
	ADAPTAÇÃO DE FECHADURA
	PEÇA SUBSTITUÍDA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURCO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
13/31

Órgão

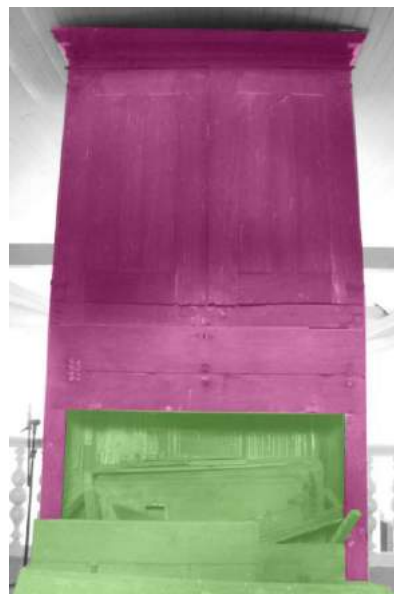


foto DPHAN 1962

LEGENDA

	REPINTURA
	ABRASÕES E PERDAS NO VERNIZ
	PERDA E PARTES SOLTAS DO SUPORTE
	PINTURA MAIS ANTIGA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
14/31

Retábulo de Nossa Senhora das Dores



LEGENDA

 RETÁBULO ADAPTADO PARA
NOVO ESPAÇO

 PERDA DE ARREIMATE
SUPERIOR

 SUBSTITUIÇÃO DO FORRO

 NOVO SACRÁRIO QUE NÃO
PERTENCE AO RETÁBULO

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
15/31

Retábulo da Sacristia



LEGENDA

	ADAPTAÇÃO DE MOBILIÁRIO: GAVETEIRO
	ADAPTAÇÃO DE MOBILIÁRIO: ORATÓRIO
	ADAPTAÇÃO DE MOBILIÁRIO: ARCAZ
	COMPLEMENTAÇÕES E INSERÇÃO DE NOVAS PARTES
	PERDAS DE SUPORTE
	DESNIVELAMENTO
	TÁBUAS DE UNIÃO DESENCONTRADAS

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
16/31

Lavabo da Sacristia - Atual



LEGENDA

-  COMPLEMENTAÇÃO EM CIMENTO
-  REGIÃO DE CORTE PARA ALTERAÇÃO DO LAVABO
-  INSERÇÃO DE TORNEIRA DE PVC

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
17/31

Lavabo da Sacristia – Foto IPHAN 1962



LEGENDA

 REGIÃO DE CORTE PARA
ALTERAÇÃO DO LAVABO

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
18/31

Oratório da Sacristia



LEGENDA

	VERNIZ OXIDADO
	PERDAS DE SUPORTE
	ELEMENTOS REMOVIDOS
	ADAPTAÇÃO DE NOVA FECHADURA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
19/31

Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora Aparecido do Rosário)



LEGENDA

 REPINTURA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
20/31

São Sebastião



LEGENDA

 REPINTURA

 ORIFÍCIOS DE FLECHAS VAZIO

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

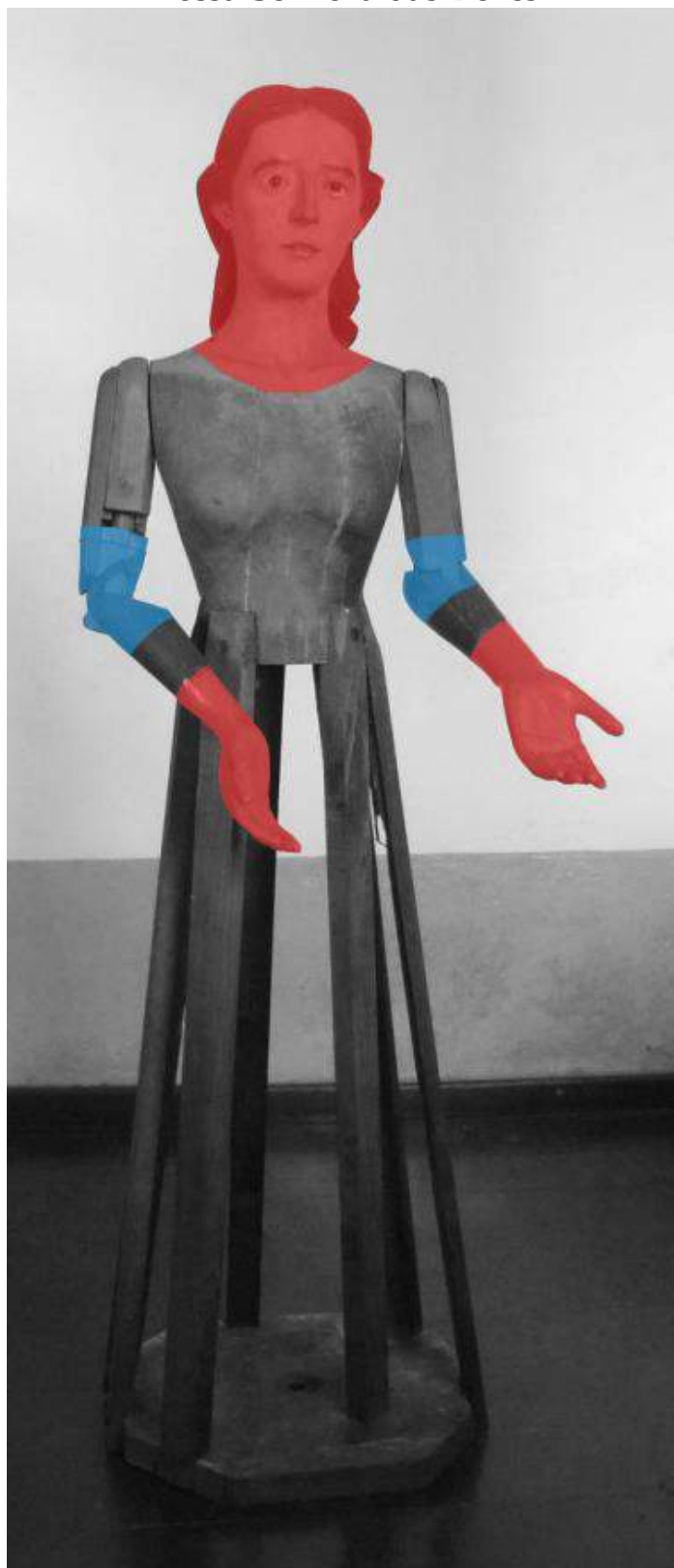
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
21/31

Nossa Senhora das Dores



LEGENDA

 REPINTURA

 COMPLEMENTAÇÃO
INADEQUADA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
22/31

Senhor Morto



LEGENDA

■ REPINTURA

■ RACHADURA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
23/31

Crucifixo do Retábulo da Sacristia



LEGENDA

	PERDAS, ABRASÕES E DESGASTES DE POLICROMIA
	METAIS COM OXIDAÇÕES, PERDAS E DEFORMAÇÕES

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
24/31

Nossa Senhora do Rosário – Frente



LEGENDA

- MANCHAS NA POLICROMIA
- PERDA DE CALAFETAÇÃO NA CABEÇA
- PERDA DE SUPORTE
- PERDA DE POLICROMIA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURAR

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
25/31

Nossa Senhora do Rosário – Verso



LEGENDA

 RACHADURA

 PERDA DE SUPORTE

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
26/31

Santo Antônio – Frente



LEGENDA

- MENINO JESUS FALTANTE
- PERDA DE SUPORTE

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURAR

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
27/31

Santo Antônio – Frente



LEGENDA

 RACHADURA

 PERDA DE SUPORTE

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
28/31

Divino Espírito Santo



LEGENDA

 REPINTURA

 PARTES NOVAS ADICIONADAS À
PEÇA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

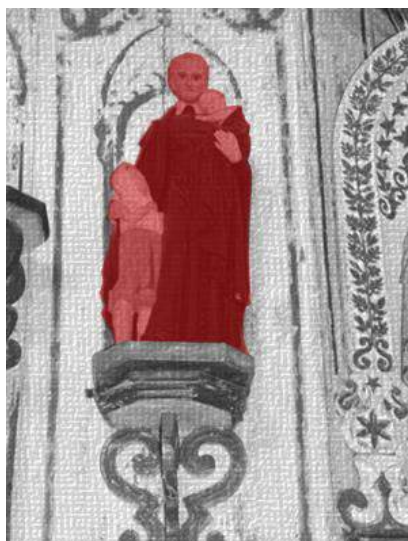
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
29/31

Cojunto Imagend de Gesso – Parte 2



LEGENDA

 REPINTURA

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURAR

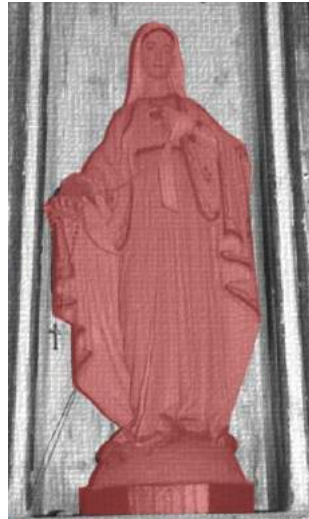
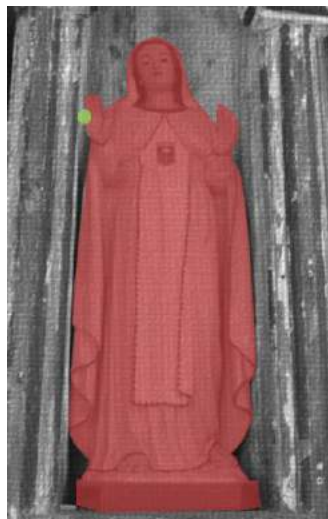
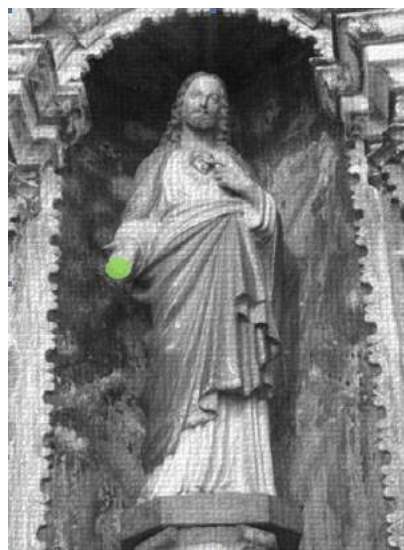
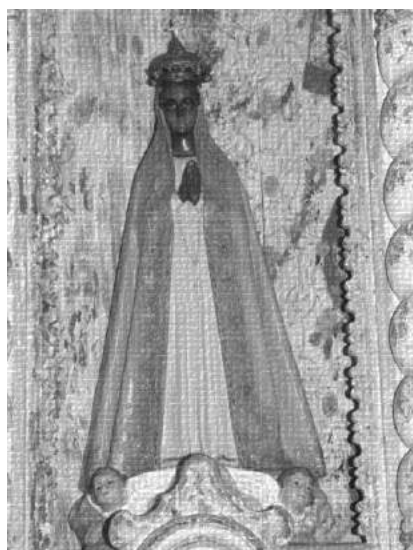
MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
30/31

Conjunto Imagens de Gesso – Parte 2



LEGENDA

 REPINTURA

 PERDAS DE SUPORTE

MAPEAMENTO DAS DEGRADAÇÕES E PATOLOGIAS



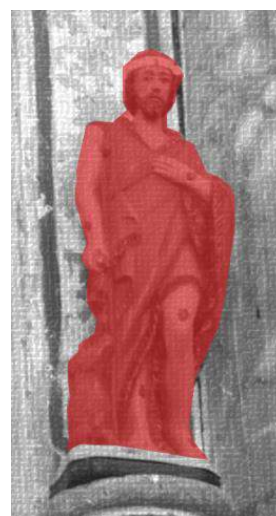
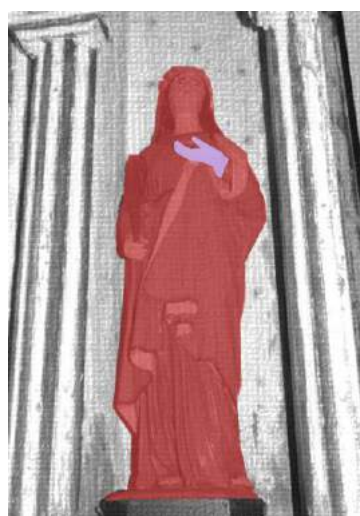
SÉCULO 30
ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
31/31



LEGENDA

 PERDA DE REPINTURA

 REPINTURA

 REFIXAÇÃO INADEQUADA DE
MÃO

MAPEAMENTO DE AMOSTRAS



BÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
01/07

Retábulo mor



MAPEAMENTO DE AMOSTRAS



SÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos

UF: MG

DATA

FOLHA

DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

Ago/2013

02/07

Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Sra. do Rosário)



MAPEAMENTO DE AMOSTRAS



BÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
03/07

São Sebastião



MAPEAMENTO DE AMOSTRAS



BÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos

UF: MG

DATA

FOLHA

DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

Ago/2013

04/07

Nossa Senhora do Rosário



MAPEAMENTO DE AMOSTRAS



SÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos

UF: MG

DATA

FOLHA

DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

Ago/2013

05/07

Nossa Senhora das Dores



MAPEAMENTO DE AMOSTRAS



ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

UF: MG

DATA
Ago/2013

FOLHA
06/07

Pintura Parietal – lado esquerdo (evangelho)



MAPEAMENTO DE AMOSTRAS



SÉCULO 30

ARQUITETURA E RESTAURO

MUNICÍPIO/DISTRITO: Conceição do Mato Dentro - Córregos

UF: MG

DATA

FOLHA

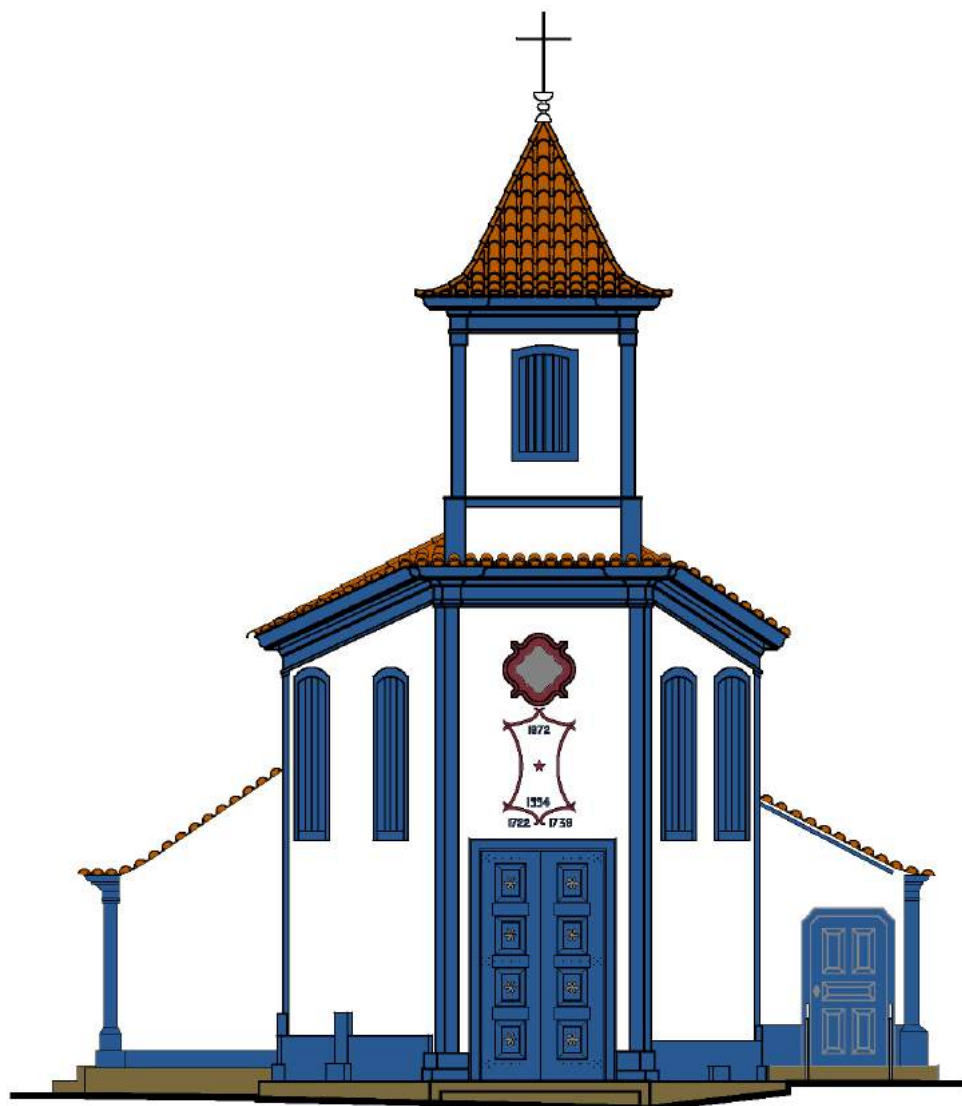
DENOMINAÇÃO: Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida

Ago/2013

07/07

Pintura Parietal – lado esquerdo (evangelho)





**IGREJA DE NOSSA SENHORA APARECIDA
CÓRREGOS
CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO/MG**

PROJETO EXECUTIVO DE RESTAURAÇÃO

**ELEMENTOS DE ARTE APLICADA E CONJUNTO DE
IMAGINÁRIA**

EXECUTIVO

VOLUME 03

Dezembro de 2013

SUMÁRIO

1 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

1.1 – Aspectos Teóricos e Conceituais

1.2 – Detalhamento da Proposta de Tratamento

1.3 – Especificações Técnicas

1.4 – Especificação de Materiais

1.5 – Serviços Preliminares

1.6 – Local Das Intervenções, Transporte, Embalagem e Acondicionamento

2 – FICHA TÉCNICA

1 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

1.1 – Aspectos teóricos e conceituais

1.1 – Aspectos Teóricos e Conceituais

A Carta do Restauro, criada em abril de 1972, define no artigo 4º que:

“Entende-se por salvaguarda qualquer medida de conservação que não implique a intervenção direta sobre a obra; entende-se por restauração qualquer intervenção destinada a manter em funcionamento, a facilitar a leitura e a transmitir integralmente ao futuro as obras e os objetos definidos nos artigos precedentes”. (artigo 4º, Carta do Restauro, 1972).

A Matriz de Nossa Senhora Aparecida encontra-se em avançado estado de degradação, apresentando uma demanda de cuidados que ultrapassa a necessidade de apenas conservar para que não seja perdida no tempo.

Para a sua preservação foram selecionados diversos tratamentos que vão trazer em evidência o seu material original, sempre protegendo seus aspectos e valores estéticos e históricos (Carta de Veneza, 1964). Estes tratamentos escolhidos são considerados essenciais para a preservação das obras, buscando-se sempre a mínima intervenção sobre os bens da Matriz (artigo 9º, Carta de Veneza, 1964).

Nos itens selecionados para a restauração constam bens integrados e imagens devocionais. Apesar de vários dos processos serem similares devido à natureza do suporte e de algumas técnicas pictóricas, há particularidades de cada tipo de obra que não podem ser ignorados no desenvolvimento da proposta.

Os procedimentos de higienização, assim como de limpeza, visam a preservação dos aspectos estéticos do bem, incluindo sua pátina. A limpeza química, para remoção de manchas e vernizes muito oxidados que comprometem a leitura adequada da obra, deve ser precedida de testes de solventes para evitar remoção indesejada de extratos (artigo 7º, Carta do Restauro, 1972).

Devido ao grande número de bens de grandes dimensões, a desinfestação do suporte por atmosferas anoxias é inviável. Ela se dará através da aplicação de Termidor, um inseticida recomendado pelos responsáveis pelo Departamento de Biologia Animal (Casa dos Cupins) da Universidade Federal de Viçosa/MG.

Será necessário o desmonte de alguns bens para seu tratamento. Para que as peças sejam remontadas de forma adequada, deve-se desenvolver um mapeamento dos bens

antes de seu desmonte. Da mesma forma que a documentação fotográfica, estes mapeamentos serão um registro da obra antes das intervenções.

Em complementações de suporte que requerem a confecção de partes que foram perdidas busca-se a preservação do original sem gerar uma falsificação histórica, como recomenda a Carta de Veneza, de 1964. Esta é uma preocupação ainda maior quando se trata do conjunto de imaginária da Matriz. Várias imagens apresentam perdas de suporte em locais significativos (mãos, nariz, dedos), assim como complementações inadequadas em locais nos quais já houve perda. Por se tratar de um conjunto de imagens devocionais, é importante que se mantenham íntegras, em respeito ao culto dos fiéis e para a manutenção das tradições da comunidade.

Pode ser observada no item 5.2 a opção de remoção de repinturas aplicadas em diversos bens da Matriz. A Carta de Veneza coloca que:

“... a exibição de uma etapa subjacente só se justifica em circunstâncias excepcionais e quando o que se elimina é de pouco interesse e o material que é revelado é de grande valor histórico, arqueológico, ou estético, e seu estado de conservação é considerado satisfatório”. (Carta de Veneza, 1964).

Em sua maioria, nota-se uma grande porcentagem de perda de repinturas, cujos resquícios se apresentam em estado ruim de conservação. O contrário é observado nas pinturas originais subjacentes, que se apresentam mais íntegras e com um percentual de perdas muito menor.

Brandi coloca que “Uma lacuna, naquilo que concerne à obra de arte, é uma interrupção no tecido figurativo. Mas contrariamente àquilo que se acredita o mais grave, em relação à obra de arte, não é tanto aquilo que falta quanto o que se insere de modo indevido.” (BRANDI, 2008, p. 48,49). As repinturas não apresentam um caráter estilístico específico e seu aspecto grosseiro na maioria das camadas mais recentes (Retábulo-mor, Forro da capela-mor, entre outros) adiciona ainda mais fatores favoráveis para sua remoção.

Os riscos de definições prévias no âmbito da limpeza e remoção de repintura, que são consideradas ações irreversíveis se não tratadas com o devido rigor, neste projeto são resguardadas. Entende-se que só é possível uma resposta segura nestes casos após longo período em contato direto e testes variados com cada elemento envolvido de forma a evidenciar resultados realmente almejados.

As reintegrações cromáticas em lacunas, assim como as apresentações estéticas propostas, serão realizadas com materiais diferenciados daqueles presentes nas obras para se evitar uma falsificação histórica e também para se buscar uma reversibilidade do tratamento, como coloca Brandi: “O terceiro princípio se refere ao futuro: ou seja, prescreve que qualquer intervenção de restauro não torne impossível mas, antes, facilite as eventuais intervenções futuras” (BRANDI, 2008, p. 48). A utilização de técnicas de reintegração como pontilhismo e tracejado trarão novamente uma unidade visual da obra e permitirão a identificação das áreas trabalhadas (artigo 7º, Carta do Restauro, 1972).

1.2 - Detalhamento da Proposta de Tratamento

1.2.1 – Retábulo-mor

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.1.1	Acúmulo de sujidades na parte de trás	Higienização	Higienização com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de entulhos e sujidades com aspirador de pó. Para higienização profunda, usar aguarrás.
1.2.1.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.1.3	Fragilização do suporte por ataques de insetos xilófagos	Avaliação das eventuais peças a serem desmontadas – mapeamento (<i>confecção de mapa para localização das peças a serem desmontadas</i>)	Confecção e demarcação em mapa das peças que eventualmente necessitarão de desmonte.
1.2.1.4	Estruturas fragilizadas por ataques de insetos xilófagos, penetração de água e alterações.	Revisão de estrutura	As estruturas serão revisadas e avaliadas, para seleção aquelas que necessitem de tratamento ou substituição.
1.2.1.5	Peças selecionadas para desmonte.	Desmonte cuidadoso de peças eventualmente selecionadas, uma de cada vez.	Utilização de cegueta para cortar cada cravo, mantendo a peça apoiada durante todo o processo.
1.2.1.6	Apodrecimento de suporte (madeira)	Fortalecimento da madeira através de banhos de Paraloid	Remoção da camada mais frágil com

		B72, consolidação.	trincha macia. Banhos de Paraloid B-72 a 5% em Xilol até obter aspecto de reidratada. Depois, banhos sucessivos de soluções a 10%, 15% e 20% até aumento da resistência. Complementação das lacunas com massa de pó de serragem com PVA e água destilada, aplicada em consistência de farofa.
1.2.1.7	Fissuras e rachaduras	Contenção com “rabo de andorinha” de madeira; preenchimento ambos os casos pelo verso.	Recorte na madeira original no formato de rabo de andorinha e colocação de peça similar em madeira (cedro); fixação com massa de pó de serragem e cola PVA, estabilização com grampos e sargentos.
1.2.1.8	Grandes perdas de suporte e lacunas provenientes de ataques de cupins e outras causas.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortado no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.1.9	Peças desmontadas	Remontagem das peças desmontadas ou substituição por peças novas	As peças deverão ser refixadas com parafusos galvanizados após perfuração do suporte com máquina elétrica. As peças novas deverão ser de madeiras (cedro) recortadas conforme original.
1.2.1.10	Distanciamento entre peças	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira

			(cedro) fixadas com PVA em só uma das peças.
TRATAM. DE CAMADA PICTÓRICA			
1.2.1.11	Acúmulo de sujidades na frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.1.12	Desprendimento de camada pictórica	Fixação da película em desprendimento, preparação prévia para desmonte.	Aplicação de álcool polivinílico diluído em baixas concentrações em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado.
1.2.1.13	Áreas de grande fragilização do suporte (madeira)	Preparação para desmonte através do faceamento da pintura (no caso de necessidade de remoção de peça).	Faceamento com Pellon e CMC (carboximetilcelulose) por pincelamento e massagem com os dedos sobre a pintura.
1.2.1.14	Repintura	Remoção de repintura (<i>sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/xilol/dimetilformamida</i>)	Realização de testes mecânicos e químicos (apolares) que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.1.15	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química (<i>sugestões para teste de limpeza: aguarrás mineral/xilol/dimetilformamida e soluções Marcheleine Kleiner ou Wolbers</i>)	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.1.16	Craquelês e descolamentos na camada pictórica e douramento após remoção de repintura.	Revisão da fixação da camada pictórica e do douramento	Aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico, utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação e fixação das escamas desniveladas. Para douramento utilizar cola de coelho diluída em água destilada aquecida em banho maria. Aplicar quente.
1.2.1.17	Lacunas da base de	Emassamento e nivelamento	Emassamento de

	preparação		lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
2.1.18	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
2.1.19	Lacunas de douramento	Aplicação de bolo armênio amarelo e folha de ouro e/ou reintegração cromática	Preparação nas áreas mais nobres com bolo armênio amarelo para aplicação de folha de ouro na técnica brunida. Nas demais áreas manter só bolo brunido ou reintegrar com aquarela Tallens sobre base branca na técnica do tracejado.
2.1.20	Acabamentos e apresentação estética	Homogeneização geral da pintura <i>(sem aplicação de verniz para que não haja alteração no aspecto original da têmpera – só fixação)</i>	Reintegração nas técnicas citadas acima sobre manchas e definição dos limites após remontagens de peças.
2.1.21	Áreas de douramento sem proteção.	Aplicação de camada de proteção sobre douramento.	Aplicação de solução de Paraloid B72 a 10% em Xilol por pincelamento e/ou aspersão.

1.2.2 – Pinturas parietais e cimalha do forro

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.2.1	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás)

			com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.2.2	Fragilização do suporte por ataques de insetos xilófagos e montagem incorreta de peças – descontinuidade da pintura	Avaliação das peças a serem desmontadas (<i>execução de mapa para identificação da localização das peças a serem desmontadas</i>)	Demarcação em mapa previamente executado das peças que necessitarão de desmonte.
1.2.2.3	Estruturas fragilizadas por ataques de insetos xilófagos, penetração de água e alterações.	Revisão de estrutura	As estruturas serão revisadas e avaliadas, para seleção aquelas que necessitem de tratamento ou substituição.
1.2.2.4	Peças selecionadas para desmonte.	Desmonte cuidadoso de peças, uma de cada vez.	Utilização de cegueta para cortar cada cravo, mantendo todo o tempo à parte em questão apoiada.
1.2.2.5	Tábuas da parede após desmonte	Acomodação das tábuas removidas da parede.	Peças deverão ser tabicadas.
1.2.2.6	Apodrecimento de suporte (madeira)	Fortalecimento da madeira através de banhos de Paraloid B72, consolidação.	Remoção da camada mais frágil com trincha macia. Banhos de Paraloid B-72 a 5% em Xilol até obter aspecto de reidratada. Depois, banhos sucessivos de soluções a 10%, 15% e 20% até aumento da resistência. Complementação com massa de pó de serragem com PVA e água destilada, aplicada em consistência de farofa.
1.2.2.7	Fissuras e rachaduras	Contenção com “rabo de andorinha” de madeira; preenchimento por trás.	Recorte na madeira original no formato de rabo de andorinha e colocação de peça similar em madeira (cedro); fixação com massa de pó de serragem e cola PVA, grampos e sargentos.
1.2.2.8	Grandes perdas de suporte e lacunas provenientes de ataques de cupins e outras causas.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada.

			Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.2.9	Peças desmontadas	Remontagem das peças desmontadas conforme mapeamento	As peças deverão ser refixadas com parafusos galvanizados após perfuração do suporte com máquina elétrica. Deve-se atentar para o remonte das peças na posição correta, obedecendo a referências do mapa e locais.
1.2.2.10	Distanciamento entre tábuas ou peças	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em uma só das tábuas ou peças.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.2.11	Acúmulo de sujidades na frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.2.12	Desprendimento de camada pictórica	Fixação da película em desprendimento, preparação prévia para desmonte.	Aplicação de álcool polivinílico, diluição fraca em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado.
1.2.2.13	Áreas de grande fragilização do suporte (madeira)	Preparação para desmonte através do faceamento da pintura.	Faceamento com Pellon e CMC(carboximetilcelulose) por pincelamento e massagem com dedo sobre a pintura.
1.2.2.14	Repintura	Remoção de repintura (<i>sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/xilol/dimetilformamida</i>)	Realização de testes mecânicos e químicos (apolares) que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.2.15	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química (<i>sugestões para teste de limpezas: aguarrás mineral /xilol/dimetilformamida e soluções Marcheleine Kleiner ou Wolbers</i>)	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes (apolares) para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.2.16	Craquelês e descolamentos na camada pictórica após remoção das repinturas	Revisão da fixação da camada pictórica	Aplicação de álcool polivinílico em várias diluições em água e álcool etílico, utilizar pressão de dedo ou espátula de osso

			sobre Pellon até acomodação e fixação das escamas desniveladas.
1.2.2.17	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.2.18	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz de Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.2.19	Acabamentos e apresentação estética	Homogeneização geral da pintura <i>(sem aplicação de verniz para que não haja alteração no aspecto original da têmpera – só fixação)</i>	Reintegração nas técnicas citadas acima sobre manchas e definição dos limites após remontagens de peças.

1.2.3 – Forro da Capela-mor

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.3.1	Acúmulo de sujidades por trás	Higienização	Higienização com trinchas, escovas e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de entulhos e sujidades com aspirador de pó. Para higienização profunda, usar aguarrás.
1.2.3.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.3.3	Fragilização do suporte por ataques de insetos xilófagos	Avaliação das tábuas a serem desmontadas	Demarcação no mapa do forro as tábuas que

		<i>(confeção de mapa para localização das peças a serem desmontadas)</i>	necessitarão de desmonte.
1.2.3.4	Estruturas fragilizadas por ataques de insetos xilófagos, penetração de água e alterações.	Revisão de estrutura <i>(confeção de mapa para localização das peças a serem desmontadas)</i>	As estruturas serão revisadas e avaliadas, para seleção daquelas que necessitem de tratamento ou substituição.
1.2.3.5	Fixação de fitas de alumínio com pregos	Remoção dos pregos e das fitas.	Retirada cuidadosa, prego a prego, com turquês, chave de fenda e/ou alicate.
1.2.3.6	Tábuas selecionadas para desmonte	Desmonte cuidadoso de tábua por tábua	Utilização de cegueta para cortar cada cravo, mantendo todo o tempo a tábua apoiada.
1.2.3.7	Tábuas desmontadas sobre andaimes	Descendimento das tábuas em maca de madeira	Confeção de maca de madeirite com apoios laterais e corda para apoio de tábua a tábua.
1.2.3.8	Tábuas após descendimento do andaime	Acomodação das tábuas removidas do forro.	Tábuas deverão ser tabicadas.
1.2.3.9	Apodrecimento de suporte (madeira)	Fortalecimento da madeira através de banhos de Paraloid B72, consolidação.	Remoção da camada mais frágil com trincha macia. Banhos de Paraloid B-72 a 5% em Xilol até obter aspecto de reidratada. Depois, banhos sucessivos de soluções a 10%, 15% e 20% até aumento da resistência. Complementação com massa de pó de serragem com PVA e água destilada, aplicada em consistência de farofa.
1.2.3.10	Fissuras e rachaduras	Contenção com “rabo de andorinha” de madeira; preenchimento por trás.	Recorte na madeira original no formato de rabo de andorinha e colocação de peça similar em madeira (cedro); fixação com massa de pó de serragem e cola PVA, grampos e sargentos.
1.2.3.11	Grandes perdas de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada.

			Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.3.12	Cambotas com comprometimento estrutural	Tratamento das cambotas antigas e fixação de novas <i>(na substituição utilizar madeira angelim ou madeira de qualidade similar a esta)</i>	Tratamento das cambotas originais – desinfestação e imunização. Confecção em madeira (angelim) e fixação de partes de cambotas ou cambotas inteiras na lateral das originais através de parafuso de rosca, estabilizado com porca na extremidade.
1.2.3.13	Tábuas desmontadas	Remontagem das tábuas desmontadas	As tábuas deverão ser refixadas às cambotas com parafusos galvanizados após perfuração com máquina elétrica.
1.2.3.14	Distanciamento entre tábuas	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em uma só das tábuas.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.3.15	Acúmulo de sujidades na frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.3.16	Desprendimento de camada pictórica	Fixação da película em desprendimento, preparação prévia para desmonte.	Aplicação de álcool polivinílico diluído em várias proporções em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado.
1.2.3.17	Áreas de grande fragilização do suporte (madeira)	Preparação para desmonte através do faceamento da pintura.	Faceamento com Pellon e CMC(carboximetilcelulose) por pincelamento e massagem com dedo sobre a pintura.
1.2.3.18	Repintura	Remoção de repintura <i>(sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/ xilol/dimetilformamida)</i>	Realização de testes mecânicos e químicos (apolares) que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.3.19	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química <i>(sugestões para teste de limpezas: aguarrás mineral /xilol/dimetilformamida e</i>	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes (apolares) para limpeza de sujidade aderida e manchas.

		<i>soluções Marcheleine Kleiner ou Wolbers)</i>	
1.2.3.20	Craquelês e descolamentos persistentes na camada pictórica	Revisão da fixação da camada pictórica	Aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico, utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação e fixação das escamas desniveladas.
1.2.3.21	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.3.22	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz de Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.3.23	Acabamentos e apresentação estética	Homogeneização geral da pintura (sem aplicação de verniz para que não haja alteração no aspecto original da têmpera – só fixação)	Reintegração nas técnicas citadas acima sobre manchas e definição dos limites após remontagens de peças.

1.2.4 – Arco-cruzeiro

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.4.1	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.4.2	Apodrecimento de suporte	Fortalecimento da madeira	Injeção de Paraloid

	(madeira)	através de banhos de Paraloid B72, consolidação.	B-72 a 5% em Xilol através das lacunas. Depois, banhos sucessivos de soluções a 10%, 15% e 20% até aumento da resistência. Complementação com massa de pó de serragem com PVA e água destilada, aplicada em consistência de farofa.
1.2.4.3	Fissuras e rachaduras	Preenchimento.	Preenchimento das aberturas com massa de pó de serragem e cola PVA, grampos e sargentos.
1.2.4.4	Grandes perdas de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa, através das galerias abertas na superfície.
1.2.4.5	Distanciamento entre tábuas ou peças	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em uma das tábuas ou peças.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.4.6	Acúmulo de sujidades na frente	Higienização	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.4.7	Desprendimento de camada pictórica	Fixação da película em desprendimento, precedendo a remoção de repintura.	Aplicação de álcool polivinílico em diluição mais fraca em água e álcool etílico por pincelamento nas áreas de

			desprendimento de capa pictórica subjacente.
1.2.4.8	Repintura	Remoção de repintura (<i>sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/xilol/dimetilformamida</i>)	Realização de testes mecânicos e químico (apolares) que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.4.9	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química (<i>sugestões para teste de limpeza: aguarrás mineral/xilol/dimetilformamida e soluções Marcheleine Kleiner ou Wolbers</i>)	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes (apolares) para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.4.10	Craquelês e descolamentos na camada pictórica	Revisão da fixação da camada pictórica	Aplicação de álcool polivinílico, diluído em água e álcool etílico em proporções variadas. Utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação das escamas desniveladas.
1.2.4.11	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.4.12	Lacunas de pintura e manchas persistentes	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e/ou verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e ilusionismo.
1.2.4.13	Acabamentos e apresentação estética	Homogeneização geral da pintura (<i>sem aplicação de verniz para que não haja</i>	Reintegração nas técnicas citadas acima sobre manchas com

		<i>alteração no aspecto original da têmpera – só fixação)</i>	vistas no conjunto.

1.2.5 – Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades)

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.5.1	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.5.2	Fragilização do suporte por ataques de insetos xilófagos	Avaliação das eventuais peças a serem desmontadas <i>(confeccionar mapa com localização das peças a serem desmontadas)</i>	Confecção e demarcação em mapa das peças que eventualmente necessitarão de desmonte.
1.2.5.3	Estruturas fragilizadas por ataques de insetos xilófagos, penetração de água e alterações.	Revisão de estrutura	As estruturas serão revisadas e avaliadas, para seleção daquelas que necessitem de tratamento ou substituição.
1.2.5.4	Peças selecionadas para desmonte.	Desmonte cuidadoso de peças eventualmente selecionadas, uma de cada vez.	Utilização de cegueta para cortar cada cravo, mantendo a peça apoiada durante todo o processo.
1.2.5.5	Apodrecimento de suporte (madeira)	Fortalecimento da madeira através de banhos de Paraloid B72, consolidação.	Remoção da camada mais frágil com trincha macia. Banhos de Paraloid B-72 a 5% em Xilol até obter aspecto de reidratada. Depois, banhos sucessivos de soluções a 10%, 15% e 20% até aumento da resistência.

			Complementação das lacunas com massa de pó de serragem com PVA e água destilada, aplicada em consistência de farofa.
1.2.5.6	Marcas de queimado	Raspagem das partes carbonizadas, complementação.	Raspagem da parte carbonizada, aplicação de camada de Paraloid B-72 a 5% em xilol. Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada e pedaços de madeira. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.5.7	Fissuras e rachaduras	Preenchimento.	Preenchimento das aberturas com massa de pó de serragem e cola PVA, grampos e sargentos.
1.2.5.8	Grandes perdas de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa, através das galerias abertas na superfície.
1.2.5.9	Peças desmontadas	Remontagem das peças desmontadas	As peças deverão ser refixadas com parafusos galvanizados após perfuração do suporte com máquina elétrica.
1.2.5.10	Partes soltas do retábulo	Refixação das partes ao suporte	O suporte será perfurado com furadeira e a peça, depois de devidamente posicionada, fixada com parafusos galvanizados.
1.2.5.11	Distanciamento entre peças	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira

			(cedro) fixadas com PVA em uma das peças.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.5.12	Acúmulo de sujidades na frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.5.13	Desprendimento de camada pictórica	Fixação da película em desprendimento, preparação prévia para desmonte.	Aplicação de álcool polivinílico diluído em baixas concentrações em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado.
1.2.5.14	Áreas de grande fragilização do suporte (madeira)	Preparação para desmonte através do faceamento da pintura (no caso de necessidade de remoção de peça).	Faceamento com Pellon e CMC (carboximetilcelulose) por pincelamento e massagem com os dedos sobre a pintura.
1.2.5.15	Repintura	Remoção de repintura (<i>sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/xilol/dimetilformamida</i>)	Realização de testes mecânicos e químicos (apolares) que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura e douramento originais.
1.2.5.16	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química (<i>sugestões para teste de limpeza: aguarrás mineral/xilol/dimetilformamida e soluções Marcheleine Kleiner ou Wolbers</i>)	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.5.17	Craquelês e descolamentos na camada pictórica	Revisão de fixação da camada pictórica	Aplicação de álcool polivinílico, diluído em água e álcool etílico em proporções variadas. Utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação das escamas desniveladas.
1.2.5.18	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de

			álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.5.19	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.5.20	Lacunas de douramento	Aplicação de bolo armênio amarelo e folha de ouro e/ou reintegração cromática	Preparação nas áreas mais nobres com bolo armênio amarelo para aplicação de folha de ouro na técnica brunida. Nas demais áreas manter só bolo brunido ou reintegrar com aquarela Tallens sobre base branca na técnica do tracejado.
1.2.5.21	Acabamentos e apresentação estética	Homogeneização geral da pintura (<i>sem aplicação de verniz para que não haja alteração no aspecto original da têmpera – só fixação</i>)	Reintegração nas técnicas citadas acima sobre manchas com vistas no conjunto.
1.2.5.22	Áreas de douramento sem proteção.	Aplicação de camada de proteção sobre douramento.	Aplicação de solução de Paraloid B72 a 10% em Xilol por pincelamento e/ou aspersão.

1.2.6 – Púlpito

ITEM ref.plan.orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.6.1	Acúmulo de sujidades por dentro	Higienização	Higienização com trinchas escovas. Remoção de entulhos e sujidades com aspirador de pó. Para higienização profunda, usar aguarrás.

1.2.6.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.6.3	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.6.4	Distanciamento entre peças	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em uma das peças.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.6.5	Acúmulo de sujidades na frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.6.6	Repintura	Remoção de repintura (<i>sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/ xilol/dimetilformamida</i>)	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção buscando remanescentes das pinturas mais antigas.
1.2.6.7	Pintura subjacente	Identificação e avaliação	Definição juntamente com o IEPHA da pintura mais adequada ou manutenção do que for descoberto após a total remoção da repintura.
1.2.6.8	Manutenção da pintura	Limpeza e fixação (<i>sugestões</i>)	Limpeza com

	subjacente	<i>para teste de limpezas: aguarrás mineral /xilol/dimetilformamida e soluções Marcheleine Kleiner ou Wolbers)</i>	solventes testados previamente. Fixação com álcool polivinílico ou cola PVA diluída em água destilada (50% concentração) após testes.
1.2.6.9	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.6.10	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico ou com tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento na técnica ilusionista.
1.2.6.11	Não reutilização das pinturas encontradas	Aplicação de nova pintura	Pintar utilizando tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento. Buscar harmonização com as cores e pátinas do restante da decoração do templo.
1.2.6.12	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura	Apresentação estética final com retoques com a tinta escolhida.
1.2.6.13	Camada sem saturação de cor e sem proteção	Aplicação de camada de proteção	Aplicação de solução de Paraloid B72 a 10% em Xilol por pincelamento e/ou aspersão.

1.2.7 – Pia Batismal

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.7.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.7.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do	Para esta imunização,

		suporte.	utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.7.3	Fissuras e rachaduras	Preenchimento.	Preenchimento com massa de pó de serragem e cola PVA.
1.2.7.4	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.7.5	Fechadura e dobradiças oxidadas	Remoção de oxidação	Remoção e estabilização da oxidação através de aplicação de ácido fosfórico a 10% em água destilada. Avaliar possível substituição de peças.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.7.6	Sujidade aderida e manchas na superfície da bacia de cimento	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.7.7	Verniz irregular e abrasionado	Remoção do verniz e aplicação de novo verniz	Testes de solventes para remoção do verniz e aplicação de novo verniz por aspersão.

1.2.8 – Caixa do órgão

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.8.1	Acúmulo de sujidades na parte de trás	Higienização	Higienização com trinchas. Remoção de entulhos e sujidades com aspirador de pó. Para higienização profunda, usar aguarrás.
1.2.8.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.8.3	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.8.4	Fechaduras, dobradiças e outras ferragens oxidadas e com perdas.	Remoção de oxidação	Remoção e estabilização da oxidação através de aplicação de ácido fosfórico a 10% em água destilada.
1.2.8.5	Distanciamento entre peças	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em uma das peças.

TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.8.6	Acúmulo de sujidades na frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.8.7	Repintura	Remoção de repintura (sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/xilol/dimetilformamida)	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção buscando remanescentes das pinturas mais antigas.
1.2.8.8	Pintura subjacente	Identificação e avaliação	Definição juntamente com o IEPHA da pintura mais adequada ou manutenção do que do for descoberto após a total remoção da repintura.
1.2.8.9	Manutenção da pintura subjacente	Limpeza e fixação	Limpeza com solventes testados previamente. Fixação com álcool polivinílico ou cola PVA diluída em água destilada (50% concentração) após testes.
1.2.8.10	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.8.11	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico ou com tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento na técnica ilusionista.
1.2.8.12	Não reutilização das pinturas encontradas	Aplicação de nova pintura	Pintar utilizando tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento. Buscar harmonização com as cores e pátinas do

			restante da decoração do templo.
1.2.8.13	Verniz irregular e abrasionado do verso	Remoção do verniz e aplicação de novo verniz	Testes de solventes para remoção do verniz e aplicação de novo verniz por aspersão.
1.2.8. 14	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura	Apresentação estética final com retoques com a tinta escolhida.
1.2.8.15	Camada pictórica sem saturação e sem proteção	Aplicação de camada de proteção	Aplicação de solução de Paraloid B72 a 10% em Xilol por pincelamento e/ou aspersão.

1.2.9 – Retábulos de Nossa Senhora das Dores

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.9.1	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.9.2	Estruturas fragilizadas por ataques de insetos xilófagos, penetração de água e alterações.	Revisão de estrutura	As estruturas serão revisadas e avaliadas, para seleção daquelas que necessitem de tratamento ou substituição.
1.2.9.3	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa

			aplicada na consistência de farofa.
1.2.9.4	Fissuras e rachaduras	Preenchimento.	Preenchimento com massa de pó de serragem e cola PVA.
1.2.9.5	Distanciamento entre peças	Calafetação	Calafetação com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em uma das peças.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.9.6	Acúmulo de sujidades na parte da frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.9.7	Desprendimento de camada pictórica	Fixação da película em desprendimento	Aplicação de álcool polivinílico em diluições de proporção crescente (2%, 5% e 10%) em água e álcool etílico por aspersão seguida de pincelamento do adesivo aplicado e acomodação da película com massagem de dedo ou espátula de osso protegidos com Pellon.
1.2.9.8	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes (apolares) para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.9.9	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água. Avaliando juntamente com IEPHA o limite do preenchimento.

			Lacunas exibindo madeira poderão permanecer.
1.2.9.10	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e ilusionismo. Avaliando juntamente com IEPHA o limite do preenchimento. Lacunas exibindo madeira poderão permanecer.
1.2.9.11	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura ou do que restou dela. <i>(sem aplicação de verniz para que não haja alteração no aspecto original da têmpera – só fixação)</i>	Apresentação estética final com retoques nos materiais e técnicas definidos na reintegração.

1.2.10 – Retábulo da Sacristia

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.10.1	Acúmulo de sujidades na parte de trás	Higienização	Higienização com trinchas, vassourinha de piaçava. Remoção de entulhos e sujidades com aspirador de pó. Para higienização profunda, usar aguarrás.
1.2.10.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em

			aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.10.3	Deslocamento entre junções e partes fora do prumo	Remontagem e fixação	Definir a melhor posição e fixar peças com parafusos galvanizados após perfuração com máquina elétrica.
1.2.10.4	Fissuras e rachaduras	Contenção com “rabo de andorinha” de madeira; preenchimento.	Recorte na madeira original no formato de rabo de andorinha e colocação de peça similar em madeira (cedro); fixação com massa de pó de serragem e cola PVA, grampos e sargentos.
1.2.10.5	Registro aberto de orifício de fechadura.	Complementação	Complementação com massa de pó de serragem com PVA e água destilada na consistência de farofa.
1.2.10.6	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.10.7	Fechaduras, dobradiças e outras ferragens oxidadas e com perdas.	Remoção de oxidação	Remoção e estabilização da oxidação através de aplicação de ácido fosfórico a 10% em água destilada.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.10.8	Acúmulo de sujidades na parte da frente	Higienização da frente	Higienização com trinchas e pincéis macios.

1.2.10.9	Verniz irregular e abrasionado.	Remoção do verniz e aplicação de novo verniz	Testes de solventes para remoção do verniz e aplicação de novo verniz por aspersão.

1.2.11 – Lavabo da Sacristia

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.11.1	Sujidades e manchas.	Limpeza e remoção das manchas.	Limpeza com água destilada utilizando escova macia nas reentrâncias. Testar o Hidróxido de amônio/peróxido de oxigênio 50 vol. ou hiposulfito de sódio em várias diluições em água destilada nas manchas.
1.2.11.2	Incrustações persistentes	Remoção	Remoção mecânica com auxílio de talhadeiras de geólogo e martelinhos. Este trabalho é de execução cuidadosa e precisa.
1.2.11.3	Fissuras e rachaduras	Contenção	Utilizar resina epóxi Araldite para pedra com pó de pedra sabão em tonalidade similar a pedra do chafariz.
1.2.11.4	Perda de suporte	Complementação com apresentação estética	Utilizar resina epóxi Araldite para pedra com pó de pedra sabão em tonalidade similar a pedra do chafariz. Aplicar com espátula odontológica.
1.2.11.5	Torneira branca	Substituição	Substituição por

			torneira de bronze que possa valorizar o que restou do chafariz. Documentação da substituição para acompanhar histórico da peça.

1.2.12 – Oratório da Sacristia

ITEM ref.plan. orç.	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE			
1.2.12.1	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte, consolidação do suporte e substituição de madeiras.	Para esta imunização, utilizar as áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas para aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel, por gotejamento e/ou com equipo de soro e seringas hipodérmicas.
1.2.12..2	Fissuras e rachaduras	Preenchimento.	Preenchimento com massa de pó de serragem e cola PVA.
1.2.12..3	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
TRATAM DA CAMADA PICTÓRICA			
1.2.12.4	Acúmulo de sujidades na frente e no interior	Higienização	Higienização com trinchas e pincéis macios.
1.2.12.5	Verniz irregular e abrasionado.	Remoção do verniz (sugestões para testes: removedor pastoso automotivo/	Testes de solventes para remoção do verniz cuidando para

		<i>xilol/dimetilformamida)</i>	que o solvente não remova a pintura nem sua pátina.
1.2.12.6	Sujidade aderida e manchas.	Limpeza e fixação (<i>sugestões para teste de limpeza: aguarrás mineral /xilol/dimetilformamida e soluções Marcheleine Kleiner ou Wolbers</i>)	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.12.7	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz de Paraloid B72, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.12.8	Ausência de verniz sobre madeira aparente	Aplicação de novo verniz	Seleção de verniz que atenda bem a dupla função de acabamento sobre a madeira aparente e saturação e proteção da pintura. Possivelmente o Paraloid B72 seja o melhor.

**** Não foi previsto em contrato o projeto para a restauração da imaginária, portanto, segue o detalhamento de intervenção como sugestão.***

1.2.13 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.13.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
1.2.13.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação	Utilizar técnica de anóxia. (Se não for de domínio técnico da empresa terceirizar os serviços). Avaliar com IEPHA.
1.2.13.3	Prevenção contra futuros	Imunização	Aplicação de

	ataques de insetos xilófagos.		Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos diretos à madeira crua.
1.2.13.4	Desprendimento de camada pictórica	Fixação da película em desprendimento, preparação prévia para remoção de repintura.	Aplicação de álcool polivinílico em diluição fraca em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado.
1.2.13.5	Fissuras e rachaduras	Preenchimento	Nas mais abertas utilizar talisca de cedro no formato e colar de um só lado. Manter abertura para movimentação futura. Nas mais estreitas preencher com massa de cola PVA e pó de serragem.
1.2.13.6	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.13.7	Repintura	Remoção de repintura	Realização de testes mecânicos e químicos (apolares) que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.13.8	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes (apolares) para limpeza de

			sujidade aderida e manchas.
1.2.13.9	Craquelês e descolamentos persistentes na camada pictórica e douramentos originais	Revisão da fixação da camada pictórica	Aplicação de álcool polivinílico em diluições crescentes em água e álcool etílico, utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação das escamas desniveladas.
1.2.13.10	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.13.11	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.13.12	Lacunas de douramento	Douramento com ouro brunido e/ou reintegração cromática	Preparação nas áreas mais nobres com bolo armênio amarelo para aplicação de folha de ouro na técnica brunida. Nas demais áreas manter só bolo brunido ou reintegrar com aquarela Tallens sobre base branca na técnica do tracejado.
1.2.13.13	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura e douramento	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.14 – Nossa Senhora do Rosário

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.14.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
1.2.14.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação	Utilizar técnica de anóxia. (Se não for de domínio técnico da empresa terceirizar os serviços). Avaliar com IEPHA.
1.2.14.3	Prevenção contra futuros ataques de insetos xilófagos.	Imunização	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos diretos à madeira crua.
1.2.14.4	Desprendimento de camada pictórica e do douramento.	Fixação das películas em desprendimento	Aplicação de álcool polivinílico em diluições crescentes em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado. Utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação das escamas desniveladas
1.2.14.5	Menino Jesus pertencente à outra peça fixado com cola quente sobre o manto	Remoção da cola quente, complementação de partes faltantes e devolução do menino Jesus à peça original.	Derretimento e remoção da cola quente através de espátula odontológica aquecida em fonte de calor. Confeção de partes faltantes em cedro esculpido, fixado por cavilha de madeira e PVA.
1.2.14.6	Grampo fixado abaixo da orelha	Remoção de grampo	Remoção cuidadosa de grampo através de alicate e espátulas odontológicas com proteção da área ao

			redor com papel ou tecido macios.
1.2.14.7	Fissuras e rachaduras	Preenchimento	Nas mais abertas utilizar talisca de cedro no formato e colar de um só lado. Manter abertura para movimentação futura. Nas mais estreitas preencher com massa de cola PVA e pó de serragem.
1.2.14.8	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.14.9	Partes coladas ou confeccionadas de forma grosseira e partes faltantes (dedos, mãos, nariz).	Remoção das partes coladas indevidamente e refixação na posição correta. Confeção de novas partes e fixação	Remoção cuidadosa mecanicamente ou com solvente previamente testado que não prejudique o original. Confeção: Esculpir em madeira cedro (serviço poderá ser terceirizado com escultor) e avaliar com IEPHA. Fixar com cola PVA e inserir cavilha de madeira para garantir aderência.
1.2.14.10	Manchas na carnação (Nossa Senhora e Menino Jesus do Santo Antônio).	Remoção ou reversão química.	Contratar profissional em química de restauro para acompanhamento dos testes e identificação do problema. Avaliar todo o procedimento junto ao IEPHA.
1.2.14.11	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica	Remoção mecânica e limpeza química.	Remoção cuidadosa com bisturi de

	original.		incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.14.12	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.14.13	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.14.14	Lacunas de douramento	Douramento com ouro brunido e/ou reintegração cromática	Preparação nas áreas mais nobres com bolo armênio amarelo para aplicação de folha de ouro na técnica brunida. Nas demais áreas manter só bolo brunido ou reintegrar com aquarela Tallens sobre base branca na técnica do tracejado.
1.2.14.15	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura e douramento	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.15 – Santo Antônio

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.15.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação	Utilizar técnica de anóxia. (Se não for de domínio técnico da

			empresa terceirizar os serviços). Avaliar com IEPHA.
1.2.15.2	Prevenção contra futuros ataques de insetos xilófagos.	Imunização	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos diretos à madeira crua.
1.2.15.3	Desprendimento de camada pictórica e do douramento.	Fixação das películas em desprendimento	Aplicação de álcool polivinílico em diluições crescentes em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado. Utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação das escamas desniveladas
1.2.15.4	Fissuras, rachaduras distanciamento de blocos.	Preenchimento	Nas mais abertas utilizar talisca de cedro no formato e colar de um só lado. Manter abertura para movimentação futura. Nas mais estreitas preencher com massa de cola PVA e pó de serragem.
1.2.15.5	Marcas de queimado	Raspagem das partes carbonizadas, complementação.	Raspagem da parte carbonizada, aplicação de camada de Paraloid B-72 a 5% em xilol. Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.15.6	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e	Enxerto de madeira (cedro) recortada no

		consolidação do suporte.	formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.15.7	Partes faltantes (dedos, parte superior da cabeça).	Confecção de novas partes e fixação	Confecção: Esculpir em madeira cedro (serviço poderá ser terceirizado com escultor) avaliar com IEPHA. Fixar com cola PVA e inserir cavilha de madeira para garantir aderência.
1.2.15.8	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.15.9	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.15.10	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.15.11	Lacunas de douramento	Douramento com ouro bruido e/ou reintegração cromática	Preparação nas áreas mais nobres com bolo armênio amarelo para aplicação de folha de ouro na técnica

			brunida. Nas demais áreas manter só bolo brunido ou reintegrar com aquarela Tallens sobre base branca na técnica do tracejado.
1.2.15.12	Menino Jesus removido da Nossa Senhora do Rosário.	Devolução à imagem de Santo Antônio após de restaurado nas mesmas técnicas que da Nossa Senhora do Rosário	Reposicioná-lo sobre a bíblia, verificar se precisa ajustes específicos na fixação.
1.2.15.13	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura e douramento	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.16 – São Sebastião

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.16.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
1.2.16.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação	Utilizar técnica de anóxia. (Se não for de domínio técnico da empresa terceirizar os serviços). Avaliar com IEPHA.
1.2.16.3	Prevenção contra futuros ataques de insetos xilófagos.	Imunização	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos diretos à madeira crua.
1.2.16.4	Desprendimento de camada pictórica	Fixação das películas em desprendimento	Aplicação de álcool polivinílico em diluições crescentes em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado. Utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até

			acomodação das escamas desniveladas
1.2.16.5	Fissuras, rachaduras distanciamento de blocos.	Preenchimento	Nas mais abertas utilizar talisca de cedro no formato e colar de um só lado. Manter abertura para movimentação futura. Nas mais estreitas preencher com massa de cola PVA e pó de serragem.
1.2.16.6	Marcas de queimado	Raspagem das partes carbonizadas, complementação.	Raspagem da parte carbonizada, aplicação de camada de Paraloid B-72 a 5% em xilol. Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.16.7	Complementação incorreta do dedo mínimo da mão esquerda, de um dos galhos do tronco e das flechas faltantes (quatro).	Remoção das complementações e complementar as partes corretamente.	Remoção cuidadosa mecanicamente ou com solvente previamente testado que não prejudique original. Confecção: Esculpir em madeira cedro. Complementação (serviço poderá ser terceirizado com escultor) a ser avaliada com IEPHA. Fixar com cola PVA e inserir cavilha de madeira para garantir aderência.
1.2.16.8	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e

			água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.16.9	Repintura	Remoção de repintura	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.16.10	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.16.11	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.16.12	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.16.13	Resplendor amassado nas extremidades	Desamassar resplendor	Utilizar martelo de joalheiro e contra forma de madeira forrar com feltro de ambos os lados.
1.2.16.14	Resplendor sem brilho e com abrasões	Polimento	Polimento com micro retífica e ponta de disco de feltro.
1.2.16.15	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura.	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.17 – São João Batista

ITEM	PATOLOGIA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.17.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trinchas macias.
1.2.17.2	Repintura	Remoção de repintura	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.17.3	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.17.4	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.17.5	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.17.6	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.18 – Nossa Senhora das Dores

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.18.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
1.2.18.2	Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação	Utilizar técnica de anóxia. (Se não for de domínio técnico da empresa terceirizar os serviços). Avaliar com IEPHA.
1.2.18.3	Prevenção contra futuros ataques de insetos xilófagos.	Imunização	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos diretos à madeira crua.
1.2.18.4	Desprendimento de camada pictórica e do douramento.	Fixação das películas em desprendimento	Aplicação de álcool polivinílico em diluições crescentes em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado. Utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação das escamas desniveladas.
1.2.18.5	Fissuras, rachaduras distanciamento de blocos.	Preenchimento	Nas mais abertas utilizar talisca de cedro no formato e colar de um só lado. Manter abertura para movimentação futura. Nas mais estreitas preencher com massa de cola PVA e pó de serragem.
1.2.18.6	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA

			(puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.18.7	Roca desestruturada	Substituição e readaptação das partes comprometidas	Revisão de cada régua e encaixe da peça. Substituir todas que não cumpram função por similares recortados em cedro e completar encaixes com cavilhas ou similares conforme original. Documentar todas as substituições.
1.2.18.8	Repintura	Remoção de repintura	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.18.9	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.18.10	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.18.11	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.

	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura.	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.19 – Senhor Morto

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.19.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
1.2.19.2	Prevenção contra futuros ataques de insetos xilófagos.	Imunização	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos diretos à madeira crua.
1.2.19.3	Repintura (restauração inadequada recente)	Remoção de repintura	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.19.4	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.19.5	Descolamentos persistentes na camada pictórica original após remoção (acredita-se que em restauração anterior esta carnação tenha sido fixada)	Revisão da fixação da camada pictórica	Aplicação de álcool polivinílico em diluições crescentes em água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado. Utilizar pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon até acomodação das escamas desniveladas.

1.2.19.6	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.19.7	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.19.8	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura e douramento	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.20 – Crucifixo

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.20.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
1.2.20.2	Prevenção contra futuros ataques de insetos xilófagos.	Imunização	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos diretos à madeira crua.
1.2.20.3	Desprendimento de camada pictórica	Refixação da película em desprendimento, preparação prévia para desmonte.	Aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico por aspersão e em seguida pincelamento do adesivo aplicado.
1.2.20.4	Orifícios	Consolidação	Preenchimento de orifícios com massa de pó de serragem com PVA e água destilada.
1.2.20.5	Colagem incorreta de dedos e	Remoção e colagem correta das	Reposicionar as

	braço direito do Cristo	partes	partes problemáticas. Refixá-las com cola PVA. Quando possível, reforçar com cavilhas de madeira.
1.2.20.6	Perda de suporte e galerias de cupins.	Complementação de áreas de perdas de madeira e consolidação do suporte.	Enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e colagem com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serragem com PVA e água destilada. Massa aplicada na consistência de farofa.
1.2.20.7	Repintura	Remoção de repintura	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.20.8	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.20.9	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.20.10	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.20.11	Lacunas de douramento	Douramento com ouro brunido e/ou reintegração cromática	Preparação nas áreas mais nobres com bolo

			armênio amarelo para aplicação de folha de ouro na técnica brunida. Nas demais áreas manter só bolo brunido ou reintegrar com aquarela Tallens sobre base branca na técnica do tracejado.
1.2.20.12	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura e douramento	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.
1.2.20.13	Elementos em prata deformados e sem acabamento	Desentortar as partes, polimento.	Utilizar martelo de joalheiro e contra forma de madeira. Proteger com feltro em ambos os lados. Limpar e polir com hidróxido de amônia diluído a 5% em álcool etílico e aplicado com algodão.
1.2.20.14	Perdas de partes dos raios de prata	Complementação	Contratar serviço terceirizado de joalheiro. Avaliar com IEPHA.
1.2.20.15	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura e douramento	Reintegração nas técnicas e tintas citadas acima para apresentação estética final.

1.2.21 – Divino Espírito Santo

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.21.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trincha macia.
1.2.21.2	Prevenção contra futuros ataques de insetos xilófagos.	Imunização	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) com pincel e/ou seringas hipodérmicas nas partes e acessos

			diretos à madeira crua.
1.2.21.3	Repintura nas partes antigas	Remoção de repintura	Realização de testes mecânicos e químicos que auxiliem na remoção sem prejudicar a pintura original.
1.2.21.4	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.21.5	Lacunas da base de preparação das partes mais antigas	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
1.2.21.6	Lacunas de pintura e manchas nas partes mais antigas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo.
1.2.21.7	Partes novas	Repintura	Repintar as partes novas de forma a homogeneizar e valorizar as partes mais antigas restauradas. Utilizar mesma tinta e técnica selecionada para a reintegração. Avaliar com IEPHA antes da decisão final.
1.2.21.8	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura	Apresentação estética final com retoques com a mesma técnica e tinta escolhidas.

1.2.22 – Conjunto de Imagens em Gesso

ITEM	PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
1.2.22.1	Acúmulo de sujidades	Higienização	Higienização com trinchas macias.
1.2.22.2	Perda de suporte	Consolidação	Preenchimento das lacunas com gesso rápido preparado em água e acrescido de pequena quantidade de cola PVA para fortalecimento. Depois de seco, remoção dos excessos com lixas d'água e/ou bisturis cirúrgicos.
1.2.22.3	Pequenas perdas e partes faltantes (dedos, mãos, nariz).	Complementação/confecção de novas partes e fixação	Pequenas complementações usar mesma técnica descrita no item acima. Confecção: modelagem em argila e moldagem em gesso de peças similares. Inclusão de pino de metal inox para reforço das junções entre as partes.
1.2.22.4	Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original	Remoção mecânica e limpeza química	Remoção cuidadosa com bisturi de incrustações e realização de testes com diferentes solventes (apolares) para limpeza de sujidade aderida e manchas.
1.2.22.5	Lacunas da base de preparação	Emassamento e nivelamento	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com

			lixas d'água.
1.2.22.6	Lacunas de pintura e manchas	Reintegração cromática	Reintegração cromática com tinta aquarela Tallens e/ou pigmento e verniz Paraloid B72 ou álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo. Poderá ser avaliado com o IEPHA casos individualizados que a melhor opção seja a repintura total com tinta vinílica ou acrílica branca pigmentada.
1.2.22.7	Acabamentos	Homogeneização geral da pintura	Apresentação estética final com retoques com a mesma técnica e tinta escolhidas.

1.3 – Especificações Técnicas

1.3 - Especificações Técnicas

1.3.1- Montagem de andaimes/plataforma de trabalho/armazenagem de materiais da obra/medidas de segurança

Para a obra de restauração de bens móveis deverão ser observados os atendimentos pertinentes às etapas específicas de condução técnica que proporcionem segurança ao acervo e às estruturas arquitetônicas ali presentes. Para tal, deverão constar as orientações a seguir:

Serão montadas estruturas metálicas de andaimes (com número de patamares suficiente para atingir o ponto mais alto a ser intervindo com painéis de andaimes tipo torre nas dimensões individualizadas de 1,00 x 1,00 m ou 1,50 x 1,00 m), devidamente forradas com tábuas de pinho ou madeirites, de forma a possibilitar o acesso em toda extensão dos elementos artísticos. Os patamares aos redor dos pisos deverão ser protegidos com rodapés de madeira para evitar queda de ferramentas ou vasilhames com solventes/tintas/etc. e com guarda-corpo resistente (montado com tubos metálicos) nos vãos para garantir a completa segurança dos técnicos em ação.

Todos os andaimes a serem utilizados deverão ser do tipo autoportantes e metálicos e não poderão ser montados sobre os elementos artísticos. Nos locais onde exista a possibilidade de contato com as estruturas dos andaimes, os elementos artísticos aplicados deverão contar com proteção apropriada.

As bases dos andaimes deverão estar localizadas sobre áreas seguras e protegidas de forma a não prejudicar os pisos e suportes

As plataformas de trabalho deverão ser cuidadosamente montadas e desmontadas, para não causarem prejuízos aos elementos existentes – quinas, decorações, frisos, cimbalhas, etc.

Deverão ser adquiridas ou mesmo produzidas estantes para guarda de equipamentos e materiais, bem como bancadas de apoio para o preparo de colas, tintas, vernizes, etc.

O acondicionamento do material inflamável deverá ser feito em área ventilada observando a sinalização de segurança, informações sobre as características dos produtos e mantendo extintores de incêndio acessíveis nestas áreas. Os solventes deverão ser armazenados em armários de aço, devidamente sinalizados, com indicação de uso e trancados evitando o acesso de pessoas não autorizadas. As áreas internas da igreja não poderão ser utilizadas como depósito de materiais. Estes

deverão ser dispostos em depósito provisório a ser construído na área externa da igreja, juntamente com a estrutura prevista no projeto arquitetônico.

As instalações elétricas deverão ser feitas por profissional especializado, cuidando para dividir corretamente as cargas quando do uso de aparelhos de maior consumo de energia, e na fiação correta com dupla proteção e gradeamento para as lâmpadas incandescentes.

É essencial a distribuição de extintores de incêndio de pó químico em todos os ambientes, em quantidade suficiente para atender toda a extensão da obra e de fácil acesso, incluindo aí um em patamar intermediário do andaime e outro no espaço de armazenamento de materiais.

1.3.2 - Higienização:

**Todas os bens integrados e imagens*

Primeiramente, os bens integrados serão limpos por trás, superficialmente, com trinchas e vassoura pequena de piaçava para remoção de partículas de diversas naturezas como poeira, teias de aranhas, excrementos de insetos e animais, entre outros. Também serão removidos entulhos e acúmulos maiores de sujidades e limpos com aspirador de pó.

Para regiões com poeira muito solta ou que demandem higienização mais eficaz poderá ser utilizada aguarrás mineral aplicada com trinchas largas.

Na superfície pictórica destes bens, assim como nas imagens, deve-se fazer uma limpeza cuidadosa nas áreas sem desprendimento de pintura ou douramento, com trinchas macias.

1.3.3 - Desinfestação e imunização preventiva de todo o madeirame

**Forro da capela-mor, Retábulo-mor, Pinturas parietais e Cimalha do forro, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Pia batismal, Caixa do órgão, Oratório da sacristia, Nossa Senhora Aparecida de Córregos, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, São Sebastião, Nossa Senhora das Dores, Divino Espírito Santo.*

Antes de realizar a desinfestação, as galerias acessíveis presentes nos bens integrados provenientes de ataques de insetos xilófagos serão desobstruídas, para que o produto possa penetrar em todos os canais. Com auxílio de formões afiados serão abertas as galerias, pelo verso de cada uma delas, de forma a permitir a penetração do produto e

posterior consolidação. O produto de desinfestação/imunização - Termidor¹ - será utilizado em solução a 2% em aguarrás mineral - aplicado por pincelamento ou com seringas hipodérmicas em todas as frestas e acessos disponíveis.

Nas colunas, pilastras e madeiras posicionadas na vertical este processo deverá ser realizado por gotejamento, com utilização de equipo de soro hospitalar.

Nos elementos que não forem desmontados, utilizar galerias de cupins que chegaram a atingir a superfície, os espaçamentos entre as junções das tábuas e furos e acessos de outras naturezas.

As imagens serão submetidas a desinfestação por anóxia. Deve-se avaliar juntamente com o IEPHA a terceirização do serviço. Após a desinfestação deverá ser realizada a imunização das peças contra futuros ataques de insetos xilófagos com Termidor em solução a 2% em águarraz mineral por pincelamento ou através de seringas hipodérmicas em partes e acessos diretos à madeira crua.

O restante das peças de madeira listadas aqui que não apresentarem ataques de insetos xilófagos serão imunizadas, preventivamente contra futuro ataques de insetos, com Termidor na mesma formulação recomendada acima.

1.3.4 - Demarcação em mapas das partes dos bens a serem desmontadas:

**Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades).*

Todos o os bens integrados da Igreja sofreram ataques de insetos xilófagos e apresentam fragilização estrutural, fazendo-se necessário o seu desmonte parcial para que sejam tratados adequadamente. Esta ação deverá ser realizada somente quando as possibilidades da intervenção, na posição original da(s) peça(s), já tenham se esgotado. A opção pela menor intervenção é um dos princípios fundamentais da restauração e deve ser sempre levado em conta.

No caso da definição pelo desmonte é importante que as peças sejam avaliadas, identificadas e demarcadas em mapeamentos individuais para que sejam desmontadas em seguida.

¹ O Termidor é um inseticida do grupo químico do Fenil Pirazol e tem sido indicado por diversos especialistas, tais como os responsáveis pelo Departamento de Biologia Animal (Casa dos Cupins) da Universidade Federal de Viçosa/MG. Uma pulverização do produto na área de assentamento do painel também está prevista.

1.3.5 - Fixação da pintura

**Forro da Capela-mor, Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Arco-Cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Retábulo de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Crucifixo.*

Para uma fixação de camada pictórica adequada, será utilizada solução de álcool polivinílico, água destilada e álcool etílico 95% na proporção 75 g x 375 ml x 750 ml, aplicada por aspersão, seguida de seu pincelamento. Deve-se realizar testes com diferentes proporções da solução - de mais diluída para mais concentrada - que serão determinadas pela reação da camada pictórica a estas soluções. Se, após os testes, o adesivo demonstrar-se inadequado, novos testes serão realizados com outros produtos. Uma vez aplicado o adesivo, deve-se fazer pressão com dedo ou espátula de osso sobre pedaços médios de Pellon para acomodação das escamas.

Nas áreas com douramento de folha de ouro a fixação deverá ser realizada com cola de coelho diluída em água destilada na proporção de 1:30, aplicada quente (banho Maria) por pincelamento.

Este processo também é uma preparação para o desmonte de peças da maioria dos bens integrados e/ ou prévios a remoção de repintura quando a pintura original ou almejada se apresentar com falta de aderência ao suporte.

1.3.6 - Revisão da estrutura

**Todos os itens*

Todas as estruturas de sustentação dos elementos artísticos deverão passar por criteriosa revisão, de forma que sejam observados todos os pontos de desagregação e instabilidade. No caso das peças danificadas, as mesmas deverão ser substituídas por outras novas, enquanto as que se encontrarem com pequenos danos deverão ser recuperadas.

1.3.7 - Remoção das intervenções posteriores

** Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da Capela-mor, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Pia batismal, Caixa do órgão, Retábulo da sacristia, Chafariz da sacristia, Oratório da sacristia, Nossa Senhora Aparecida de Córregos, Nossa Senhora do Rosário, São Sebastião, São João Batista, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Crucifixo, Divino Espírito Santo.*

As intervenções posteriores que são inadequadas para a conservação dos bens como repinturas, complementações, consolidações, fixação de pregos e arames, entre outros, deverão ser removidos ou alterados. Elas serão descritas em itens separados.

1.3.8 - Remoção do Menino Jesus e devolução à peça original

**Nossa Senhora do Rosário*

Para a remoção do Menino que se encontra na imagem de Nossa Senhora do Rosário, a cola quente que o prende à santa pelos pés será removida através de ação mecânica com o seu derretimento por espátula odontológica aquecida em fonte de calor. Este procedimento deverá ser precedido de testes para avaliação da eficácia da intervenção.

A peça deverá ser restaurada com as mesmas técnicas descritas para todos os santos e peças de madeira em geral, incluindo neste trabalho a confecção das partes faltantes que deverão ser esculpidas em madeira (cedro) e fixadas por cavilha de madeira e PVA.

1.3.9 – Remoção dos pregos, fitas de alumínio e grampos

** Forro da Capela-mor, Nossa Senhora do Rosário*

A instabilidade da fixação do forro às cambotas em virtude dos intensos ataques de cupins e apodrecimentos das madeiras pela penetração de águas pluviais resultou em uma fixação inadequada de fitas de alumínio por pregos. Após as intervenções que garantam estabilidade das tábuas do forro as fitas deverão ser retiradas com turquês, chave de fenda (para alavancar os pregos), alicate, ou outras ferramentas que se fizerem necessárias. Observar a ação cuidadosa com o uso de proteção - como papel, tecido ou couro - para que não haja abrasões ou perdas na pintura.

O grampo, inserido abaixo da orelha de Nossa Senhora do Rosário, por motivos desconhecidos, deve ser removido cuidadosamente com o uso de alicate e espátulas odontológicas. As regiões circundantes devem ser protegidas com papel ou tecidos macios.

1.3.10 - Faceamento da pintura para desmonte de peças

**Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades).*

Nas peças que serão desmontadas deverá ser observada a resistência da camada pictórica. Quando for detectada a fragilização do suporte sob ela por ataques de insetos xilófagos, apodrecimentos ou outra qualquer situação que coloque em risco a decoração a ser restaurada, deve-se proteger a pintura a fim de se evitar perdas. Será

feito o faceamento da camada pictórica com a fixação de Pellon cortado em pedaços de tamanho médio posicionado sobre a mesma com Carboximetilcelulose (CMC). Este será aplicado através de pincelamento e o Pellon será então massageado com os dedos para sua devida acomodação.

Para facilitar a posterior remoção do faceamento, sempre que os testes prévios se mostrarem seguros deverá ser aplicada uma camada generosa de verniz (Dammar por exemplo), que não interaja com a pintura e possibilite a sua remoção (aguarrás mineral) logo após a retirada da película de proteção.

1.3.11 – Desmonte parcial dos bens

**Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Retábulos do arco-cruzeiro(2 unidades).*

Com as partes frágeis devidamente faceadas, o restante das pinturas fixado e o mapeamento das partes executado, segue-se para o desmonte das tábuas ou partes das peças selecionadas. Será retirada uma peça ou tábua de cada vez, com muito cuidado para não danificar ainda mais o suporte e/ou a camada pictórica. Deve-se cortar os cravos com cegueta, mantendo a peça apoiada o tempo todo para que não incorra em riscos de queda.

1.3.12 – Descendimento das tábuas ou peças retiradas das partes altas

** Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades).*

Após o seu desmonte, deve-se descer as tábuas ou peças pousadas temporariamente no piso do andaime através de maca de madeirite com apoios laterais e corda. Deve-se descer uma tábua ou peça de cada vez, cuidadosamente.

1.3.13 – Acomodação das tábuas removidas

** Forro da capela-mor, Pinturas parietais.*

Assim que forem descendidas, as tábuas serão acomodadas adequadamente sobre tabiques de madeira forrados com papel Kraft ou diretamente sobre a bancada de trabalho.

1.3.14 – Tratamento do suporte com apodrecimento

** Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Arco-Cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades).*

Para o tratamento das regiões com fragilização por apodrecimentos é bom que seja removida toda a área comprometida, desde que não ofereça riscos à estabilidade da superfície pictórica. Em seguida inicia-se aplicação de Paraloid B-72 a no máximo 5% de concentração em xilol até que a madeira perca o aspecto ressecado. Serão realizados então banhos sucessivos (entre secagens) de Paraloid B-72 a 10%, 15% e 20% em xilol, progressão esta elevada à medida que o suporte apresentar um aumento de resistência, para que possa mais uma vez exercer seu papel estrutural.

1.3.15 - Fixação de junções deslocadas e partes fora do prumo

** Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades).*

Devido a remontagens incorretas e adaptações inadequadas de mobiliário, algumas partes encontram-se soltas, sendo a sua fixação necessária. Deve-se definir a melhor posição para as peças e fixá-las por meio de inserção de parafusos galvanizados em orifícios feitos com máquina elétrica e/ou reforçados com cola PVA sem diluição.

1.3.16 - Remoção de incrustações persistentes

**Chafariz da sacristia*

Alguns materiais como cimento ou concreto quando aderidos a determinadas superfícies, tornam-se difíceis de remover. Optou-se pela sua remoção mecânica através de talhadeira de geólogo e martelinhos, que deve ser executada com muito cuidado e precisão.

1.3.17 – Remoção e tratamento de suporte queimado:

**Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Santo Antônio, São Sebastião*

A área carbonizada do suporte apresenta baixa tenacidade e poderá ser removida por raspagem através de espátulas e bisturis. Em seguida, aplica-se uma camada de Paraloid B-72 a 5% em xilol para restabelecimento de resistência do suporte restante.

Nas situações em que a remoção das áreas em carvão signifiquem perda de linhas específicas de entalhe, esta deverá ser mantida e impregnada com a resina sugerida acima.

1.3.18 - Colagem e/ou preenchimento das rachaduras e fissuras

**Forro da capela-mor, Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Pia batismal, Retábulo de Nossa Senhora das Dores, Oratório da sacristia, Retábulo da Sacristia, Chafariz da*

Sacristia, Nossa Senhora Aparecida de Córregos, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, São Sebastião, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto.

As rachaduras e fissuras encontradas em diversos bens da Igreja que serão desmontados precisam ser contidas para conferir novamente estabilidade do suporte. A recolocação das partes deve ser feita com auxílio de pressão com grampos e sargentos, sempre que possível. O procedimento adotado para o tratamento é rebaixar, através de recorte com formão, a madeira original em formato de “duplo rabo de andorinha”, confeccionar peça similar, também em madeira (cedro ou equivalente) e fixar levemente com cola PVA preenchendo a área livre.

Quando não for possível realizar este procedimento, deverá ser feito o preenchimento das aberturas conforme descrição abaixo para o conjunto de imaginária.

Em imagens, será inserida talisca de cedro no formato das rachaduras de maior dimensão e colada somente um dos lados. Deverá ser mantida uma abertura para permitir movimentação futura do suporte. As fissuras mais estreitas serão preenchidas com massa de pó de serragem com PVA – este tratamento também será aplicado na Pia Batismal e Retábulo de Nossa Senhora das Dores.

As fissuras e rachaduras encontradas no Chafariz da sacristia necessitam de contenção, que será realizada com a aplicação de resina Epóxi Araldite para pedras com pó de pedra-sabão de cor similar à da pedra do suporte.

1.3.19 - Consolidação de orifícios

** Crucifixo*

Os orifícios encontrados na cruz serão preenchidos com massa de pó de serragem misturado com PVA e água destilada.

1.3.20 - Consolidação do suporte e complementação de áreas de perda

**Forro da Capela-mor, Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Pia batismal, Caixa do órgão, Retábulo de Nossa Senhora das Dores, Oratório da Sacristia, Retábulo da Sacristia, Chafariz da Sacristia, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, São Sebastião, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Conjunto de imagens de gesso.*

A consolidação do suporte será utilizada nos bens que apresentarem perdas e fragilidades, seja por perda de peças em remontagens, ataques de insetos xilófagos, apodrecimento de suporte, entre outros.

Em perdas maiores deve-se fazer um enxerto de madeira recortada (cedro) no formato da perda, que será colado com PVA puro e se possível com reforço de cavilhas de madeira. Nas demais perdas, a consolidação/complementação será feita com o emprego de massa de pó de serragem com cola PVA e água destilada (1:1). Essa massa deverá conter uma parte de pó de serragem e uma parte igual de microesfera de vidro e atingir, quando associada com a cola + água, ter consistência de farofa (mistura mais seca) e será aplicada em sucessivas camadas após a secagem da anterior.

Para a consolidação do chafariz da sacristia será aplicada resina epóxi Araldite (para pedras) com pó de pedra-sabão em tonalidade próxima ao do suporte original.

Na consolidação do conjunto de imagens em gesso, as lacunas serão reenchidas com gesso rápido. Sua preparação consiste na mistura do pó com água e uma pequena quantidade de PVA, o que confere mais força ao sólido. Após sua secagem, o acabamento será realizado com lixa d'água e/ou bisturi cirúrgico.

1.3.21 - Remoção de partes coladas e/ou confeccionadas de forma grosseira

**Nossa Senhora do Rosário, São Sebastião, Crucifixo*

Algumas imagens apresentam complementações inadequadas que devem ser removidas mecânicamente ou com solvente que não ataque a pintura original - escolhido através de testes feitos anteriormente. Esta etapa será realizada com muito cuidado.

1.3.22 - Confeção e fixação das partes faltantes no suporte

**Retábulo-mor, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Pia batismal, Chafariz da sacristia, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio e Menino Jesus, São Sebastião, Crucifixo, Imagens de gesso.*

As partes faltantes dos retábulos, tais como entalhes e frisos, deverão ser confeccionadas em madeira de lei (cedro ou similar) e coladas com PVA e reforço de parafusos de metal galvanizado.

Outras partes faltantes, como dedos, mãos e pés de imagens em madeira serão confeccionadas em madeira de lei (cedro ou similar) esculpida, serviço que pode ser terceirizado, para um escultor com qualidade reconhecida, de acordo com avaliação conjunta com o IEPHA. Sua fixação ocorrerá através de inserção de cavilha de madeira e PVA. É importante a reposição destas partes faltantes, uma vez que se tratam de imagens de culto e em respeito a este culto, busca-se a integridade destas imagens novamente.

As partes faltantes do Chafariz da Sacristia serão modeladas em resina epóxi Araldite para pedras misturada com pó de pedra-sabão de cor similar à do suporte.

As pequenas perdas e partes faltantes como dedos, nariz e mãos das imagens de gesso necessitam de complementação, por também serem imagens devocionais. A confecção consistirá na modelagem em argila das novas partes, moldagem em silicone e, em seguida, em gesso. Será inserido em cada peça um pino de metal inox para reforçar a união das partes.

1.3.23 - Substituição e readaptação das régua comprometidas da roca

** Nossa Senhora das Dores*

Para reestruturar a imagem é necessário revisar cada régua e encaixe. Aquelas que se encontrarem estruturalmente comprometidas serão substituídas por régua recortadas em cedro ou madeira de qualidade semelhante. Os encaixes também comprometidos serão complementados com cavilhas ou substituídos por encaixes similares, de acordo com as partes originais. Todas as intervenções serão devidamente documentadas.

1.3.24 - Substituição de torneira branca de plástico

**Chafariz da sacristia*

Foi inserida no chafariz uma torneira branca de plástico que não condiz com o conjunto decorativo da Igreja. Ela será substituída por uma torneira de bronze que seja mais harmoniosa e valorize o restante do chafariz. Esta substituição será devidamente documentada e registrada e escolhida juntamente com o IEPHA.

1.3.25 – Limpeza e remoção de oxidação de cravos e parafusos:

**Pia Batismal*

Fechaduras e dobradiças oxidadas podem manchar e danificar a madeira circundante. Deve-se aplicar ácido fosfórico a 10% em água destilada com swab de algodão, precedido de teste localizado para segurança da atuação. O produto removerá as oxidações e estabilizará o suporte. Deve-se avaliar a possibilidade de se substituir peças.

1.3.26 – Tratamento de cambotas originais e fixação de novas cambotas:

**Forro da capela-mor*

Para que as tábuas do forro sejam refixadas de forma adequada, é importante que as cambotas tenham sua capacidade estrutural reestabelecida. Dessa forma, as peças originais serão submetidas a limpeza, desinfestação, imunização, remoção de suporte apodrecido e a banhos de Paraloid B-72 para enrijecimento do suporte. De acordo com as perdas sofridas pelas cambotas antigas, partes ou peças completas serão confeccionadas em angelim e fixadas na lateral da antiga cambota, nas posições correspondentes às regiões de perda. As cambotas serão furadas com furadeira, fixadas com parafuso de rosca e estabilizadas com porca na extremidade.

1.3.27 – Remoção de repintura

**Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Caixa do órgão, Nossa Senhora Aparecida de Córregos, São Sebastião, São João Batista, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Crucifixo, Divino Espírito Santo.*

Para se realizar a remoção da repintura solventes apolares (levando-se em conta a tinta a têmpera seca e os douramentos com base de preparação muito suscetíveis a água) serão testados, a fim de se determinar o mais adequado que remova a repintura sem comprometer a camada subjacente. Caso não seja selecionado nenhum produto que atenda às premissas, será feita remoção mecânica.

Para a remoção mecânica será utilizado o bisturi cirúrgico de lâmina descartável. Sempre que necessário o trabalho deverá ser definido com auxílio de lupas binoculares. Toda a ação deve ser realizada com extrema acuidade de forma a não danificar a camada subjacente, seja de tinta ou de ouro (este é muito vulnerável a este tipo de remoção).

De acordo com as análises realizadas no item 4.1, em pinturas mais antigas foi encontrada cola proteica, suspeitando-se da utilização de têmperas; em regiões de pintura mais recente, foi encontrada tinta com base vinílica ou acrílica (tabela 1, item 4.1). Diante disso, serão buscados adesivos que sensibilizem a camada mais externa.

1.3.28 - Remoção ou reversão química das manchas em carnações

** Nossa Senhora do Rosário e Menino Jesus*

As manchas presentes na carnação das imagens de Nossa Senhora do Rosário e do Menino Jesus são de origem desconhecida. Recomenda-se a contratação de químico da restauração no acompanhamento da realização de testes para a identificação do problema. Todo o processo será avaliado juntamente com o IEPHA.

1.3.29 - Limpeza da pintura/superfícies e remoção de manchas:

** Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Arco-Cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Caixa do órgão, Retábulo de Nossa Senhora das Dores, Oratório da Sacristia, Nossa Senhora Aparecida de Córregos, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, São Sebastião, São João Batista, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Crucifixo, Divio Espírito Santo, Conjunto de Imagens em Gesso.*

A limpeza da pintura deve ser feita mecanicamente ou por meios químicos. Incrustações serão removidas cuidadosamente com bisturi. A limpeza química, exercida de forma mais profunda, deverá remover a sujidade aderida sobre o filme pictórico, e nos casos onde houve remoção de repintura, os resquícios remanescentes. Para tal intervenção deverão ser realizados testes com solventes para determinar o produto que seja capaz de remover a sujidade, sem comprometer a integridade da camada pictórica.

A limpeza da superfície do chafariz da sacristia ocorrerá com água destilada e escova macia. Para remoção de manchas, testes serão realizados com Hidróxido de amônio, Peróxido de oxigênio (50 vol.) e Hiposulfito de sódio em diversas diluições em água destilada.

1.3.30 - Remoção de verniz

**Pia batismal, Caixa do órgão,*

O verniz de alguns bens encontra-se abrasionado, oxidado e irregular, optando-se pela sua remoção. Serão realizados testes de solventes para obter-se o melhor solvente para a remoção que não agredirá o suporte, como por exemplo um removedor automotivo pastoso (marcas comerciais: Anjo, Stripe, Wanda entre outros), o Xilol, o Dimetilformamida ou o Dimetilsufóxido.

1.3.31 - Revisão da fixação da camada pictórica e do douramento:

**Forro da capela-mor, Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Arco-Cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Retábulo de Nossa Senhora das Dores, Nossa senhora do Rosário, Santo Antônio, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Crucifixo.*

Após a remoção da repintura, deverá se feita uma criteriosa revisão da fixação. Caso observe-se ainda descolamentos, deve-se fixar novamente as camadas. Neste momento, o fixador a ser utilizado deverá ser levemente mais espesso que o primeiro e aplicado com pincéis macios. Foi selecionada solução de álcool polivinílico na proporção 15:20:25 em água destilada e álcool etílico,

respectivamente, como diluição básica. Esta poderá se tornar mais fluida com acréscimo proporcional de água destilada e álcool, atendendo a cada necessidade específica. A solução será aplicada por pincelamento e as escamas em elevação acomodadas novamente através de pressão de dedo ou espátula de osso exercida sobre Pellon nas regiões com o adesivo.

Para refixação das áreas de douramento deve-se utilizar cola de coelho diluída em água destilada na proporção inicial de 1:20, aquecida em banho-maria. Deve ser aplicada quente e a pressão exercida nas áreas - sobre pedaços médios de Pellon - deve ser delicada.

Verificou-se que o Senhor Morto foi submetido a uma restauração anterior e acredita-se que a carnação já tenha passado por fixação. Dessa forma, toda esta camada também será revista.

1.3.32 - Emassamento e nivelamento das lacunas de superfície

** Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da Capela-mor, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Caixa do órgão, Retábulo de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora Aparecida de Córregos, Nossa Senhora do Rosário, Menino Jesus, Santo Antônio, São Sebastião, São João Batista, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Crucifixo, Divino Espírito Santo, Conjunto de imagens de gesso.*

O emassamento das lacunas de superfície será feito utilizando-se de uma massa constituída de álcool polivinílico ou cola de coelho e carbonato de cálcio, aplicada por intermédio de espátulas odontológicas. Seu nivelamento será realizado através de lixas d'água de diversas gramaturas, após a total secagem da massa. O acabamento deverá ser definido conforme a área trabalhada, como mais ou menos liso, de forma a propiciar uma boa reintegração cromática.

1.3.33 - Reintegração cromática de lacunas de camada pictórica

** Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da Capela-mor, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Caixa do órgão, Retábulo de Nossa Senhora das Dores, Oratório da Sacristia, Nossa Senhora Aparecida de Córregos, Nossa Senhora do Rosário, Menino Jesus, Santo Antônio, São Sebastião, São João Batista, Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Crucifixo, Divino Espírito Santo, Conjunto de imagens de gesso.*

As lacunas de pintura deverão ser preenchidas nas cores correspondentes, de forma a reintegrar a composição pictórica. Para tal, será utilizada aquarela Tallens ou pigmentos (como os das marcas Sennelier, Maimeri ou equivalentes em qualidade)

misturados em Paraloid B-72, diluído a 8% em xilol ou em álcool polivinílico diluído em água destilada numa concentração de 15% aproximadamente. Devem-se utilizar as técnicas de tracejado, pontilhismo e/ou ilusionismo, conforme melhor resultado oferecido.

1.3.34 - Reintegração cromática de lacunas de douramento

** Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Nossa Senhora Aparecida de Córregos,*

Nestas áreas poderão ser realizados dois tratamentos: preparação de áreas mais importantes com bolo armênio amarelo e aplicação de folha de ouro de qualidade (23 kts), na técnica brunida; manter somente o bolo brunido ou reintegrar a lacuna com aquarela Tallens/Windsor & Newton/ ou similar – aquarelas profissionais - sobre um fundo branco na técnica de tracejado.

1.3.35 - Aplicação de nova pintura

**Púlpito, Caixa do órgão, Divino Espírito Santo, Conjunto de Imagens de gesso.*

A aplicação de uma nova pintura pode ocorrer diante de duas situações: se após a remoção da repintura a camada subjacente for avaliada como desinteressante, ou seja, sem decoração, sem características peculiares que lhe agreguem valor específico, por exemplo; se não for encontrada pintura abaixo da camada removida. Caso a opção seja a aplicação de uma nova camada, deve-se buscar harmonização com as cores e pátinas encontradas nas demais partes do retábulo. Serão utilizadas tinta látex ou acrílica comercial branca misturada a pigmentos.

Aconselha-se que, mesmo sendo desprezada a camada pictórica antiga e se opte por uma repintura, que seja aplicado um verniz separando os resquícios mais antigos da repintura que se for aplicar. Neste caso, pode ser utilizado um verniz de Paraloid B72 em concentração mais espessa – 20% em xilol, de forma a facilitar a reversibilidade da intervenção.

No Divino Espírito Santo, após a remoção de repintura das partes antigas, recomenda-se a aplicação de nova pintura nas partes novas, para homogeneizar a peça e ressaltar melhor as partes originais. Esta etapa será avaliada juntamente com o IEPHA.

Essa aplicação de nova pintura pode se mostrar uma opção viável para algumas das imagens de gesso. Esta possibilidade será avaliada com o IEPHA também.

1.3.36 – Desamassamento do resplendor de metal

** São Sebastião, Crucifixo.*

A peça será envolvida em feltro em ambos os lados e desamassada cuidadosamente com martelo de joalheiro e contra forma de madeira.

1.3.37 - Polimento do resplendor e demais peças em metal

**São Sebastião, Crucifixo.*

Para conferir novamente brilho ao metal, as peças serão polidas com micro retífica e ponta de disco de feltro.

1.3.38 - Remontagem

**Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades).*

As partes desmontadas deverão ser remontadas com parafusos galvanizados após perfuração com máquina elétrica, que serão camuflados com preenchimento de massa – a mesma utilizada para o emassamento – e reintegrada também dentro da mesma opção de tinta definida para a reintegração cromática da pintura e na técnica do tracejado ou pontilhismo para facilitar futuras desmontagens.

1.3.39 - Devolução do Menino Jesus à imagem de Santo Antônio

** Menino Jesus e Santo Antônio*

Uma vez restaurado, o Menino Jesus retornará à sua imagem de origem. Ele será posicionado sobre a bíblia do santo e serão verificados e avaliados os ajustes necessários para a sua fixação.

1.3.40 - Calafetação

**Retábulo-mor, Pinturas parietais, Cimalha do forro, Forro da capela-mor, Arco-cruzeiro, Retábulos do Arco-cruzeiro (2 unidades), Púlpito, Caixa do órgão, Retábulo de Nossa Senhora das Dores.*

Devido à movimentação do suporte e remontagens incorretas de peças, diversas regiões dos bens apresentam distanciamentos entre as partes. Nestes casos, será feita a calafetação dos espaços com taliscas de madeira (cedro provavelmente) fixadas com PVA puro em somente um dos lados.

1.3.41 - Aplicação de verniz

**Todos os itens*

A aplicação de verniz se faz necessária, não somente como acabamento em seu aspecto estético saturando as cores, mas também como uma camada de proteção que impeça o contato direto da camada pictórica com particulados diversos. Porém nas pinturas à têmpera seca com aspecto muito opaco não se observa um bom funcionamento da cobertura com verniz, pois este costuma provocar alteração significativa no aspecto original da tinta. Nestes casos é melhor evitar o seu uso, considerando a fixação com álcool polivinílico como a melhor opção. Será então empregada uma solução de álcool polivinílico, que deverá ser diluído em água destilada e álcool etílico (92%) na seguinte proporção: 75 g X 375 ml x 750 ml.

Nas regiões de douramento poderá ser utilizado o verniz Paraloid B 72 diluído a no máximo 10% de concentração em xilol.

Esses vernizes poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento sobre toda a superfície pictórica.

1.3.42 – Apresentação estética e acabamentos gerais

**Todos os itens*

Os acabamentos gerais consistem na revisão dos serviços, tais como frestas aparentes ou parafusos descobertos que não tenham sido devidamente ocultos, no intuito de se obter melhor resultado estético nos elementos trabalhados. Reintegrações muito aparentes ou manchas que não desaparecerem com as limpezas também serão suavizadas através de retoques sutis com os mesmos materiais e técnicas utilizados na reintegração cromática.

1.3.43 - Relatório final

Todos os dados levantados antes e após a restauração irão compor o relatório final, que deverá conter textos, ilustrações e documentação fotográfica legendada de forma a manter atualizado o histórico da obra.

1.3.44 - Normas para a conservação

Ao final dos trabalhos, deverá ser elaborada uma lista de procedimentos a serem adotados pelos responsáveis pela matriz, no intuito de se preservar, ao máximo, a integridade das obras.

1.4 – Especificação de materiais

1.4 - Especificação de materiais

Acetato de polivinila (PVA): é um ester vinílico do tipo acetato, de natureza polihidrocarboneto esterificado. É uma resina polar termoplástica, comercialmente apresentada como uma suspensão aquosa. É um adesivo de boa aderência, lenta oxidação, estabilidade quando exposto à luz solar, UV e salinas. Quando em temperaturas entre 10°C e 15°C, torna-se quebradiço. É solúvel em etanol, isopropanol, ciclohexona, diacetona álcool, metiletilcetona, acetatos de butila, etila e metila, tetracloreto de carbono, di e triclouroetileno, ácido acético, benzeno e tolueno. Esta solubilidade varia de acordo com o grau de polimerização: quanto mais polimerizado, menor a solubilidade. Torna-se mais solúvel se for adicionado a água.

Ácido fosfórico: É um ácido mineral que pode variar de fraco a medianamente forte. É muito solúvel em água e etanol. Apresenta pH menor do que 1,5.

Água destilada: é um solvente inorgânico polar em forma líquida, sendo inerte e estável. Sua versão destilada não apresenta gases, sais ou matéria orgânica, removidos por destilação. É aplicado como solvente para soluções aquosas, colas, gomas, proteínas, corante e sais inorgânicos. É diluente para emulsões, como gema de ovo. A água destilada é comumente aplicada na preparação de soluções e reagentes.

Aguarrás mineral: solvente resultante da mistura de hidrocarbonetos alifáticos e aromáticos. Apresenta baixo teor de enxofre. É indicado para remoção de esmaltes sintéticos, tintas a óleo, vernizes e complementos à base de resina alquídica. É inflamável.

Álcool etílico (Etanol): é um solvente orgânico alifático, em estado líquido e de aspecto transparente. É altamente inflamável e volátil. É higroscópico, apresenta odor característico e é solúvel em água, álcool, éter, acetona, clorofórmio, ácido acético e benzeno. É utilizado como solvente geral (inclusive de produtos orgânicos), também utilizado para diminuir a tensão superficial. Pode ser aplicado puro ou em solução na remoção de vernizes e repinturas. Acelera a evaporação de água. É desinfetante e fungicida. Remove fitas adesivas.

Álcool polivinílico: É um adesivo que apresenta alta capacidade de aglutinação e resistência mecânica da película formada com sua secagem, além de alta adesão a diversos materiais. Pode ser utilizado como adesivo, consolidante e aglutinante. Não é considerado uma substância tóxica.

Aquarela: É uma tinta a base de polissacarídeo - composta de goma arábica e pigmentos - solúvel em água, trabalhada em transparências.

Bolo armênio: Terra argilosa moída finamente, adicionada de pigmentos vermelho, amarelo, laranja, etc. É utilizado na preparação do suporte para aplicação de folhas metálicas em diluído em uma solução com cola de coelho e água.

Carbonato de cálcio: é um sal inorgânico, encontrado na natureza como calcita, aragonita e vaterita. É insípido, inodoro e incompatível com ácidos, alumem e sais de amônia. É insolúvel em água, porém é solúvel em ácidos diluídos. É utilizado como carga, abrasivo. Quando em solução aquosa, é utilizado em neutralização e alcalinização em restauração de documentos.

CMC (carboximetilcelulose): Adesivo da espécie éter de celulose. É um pó branco que, ao ser dissolvido, se torna um gel transparente, que permite a obtenção de soluções de viscosidades mais altas do que aquelas obtidas com metilcelulose, especialmente em pH de 7 a 9. A viscosidade de uma solução com CMC diminui quando aquecida. Soluções com CMC podem ser submetidas a temperaturas de 100°C sem que o produto degrade. É compatível com vários polímeros solúveis a água (caseína, gelatina, amido, goma arábica, hidroxietilcelulose e álcool polivinílico), com plastificantes solúveis em água (glicerina, etanolaminas, etilenoglicol) e com polímeros de látex (acetato de polivinila, poliestireno, copolímero de butadieno).

É utilizado como encolante e consolidante da conservação/restauração de documentos, fotografias, livros, em faceamentos, na remoção de reentelamento, colas e manchas. Pode ser utilizado também em veladuras ou laminações.

Feltro: É um têxtil de fibra natural (lã), que é tosada do carneiro e tratada com sabão neutro e soda cáustica. Começa a perder suas propriedades a 105°C. Pode ser utilizado como amortecedor e na prensagem de bens.

Folha de ouro: O ouro é um metal nobre que nas ligas com pequenas quantidades de prata e cobre, principalmente, consegue uma ductilidade que permite que ele seja transformado em folhas finíssimas sem se romper. É também muito denso e não sofre oxidação facilmente. A concentração de ouro em uma liga é representada como quilate. O ouro mais puro possui 24 quilates e são comumente encontradas ligas de 9, 18, 22 e 23 quilates.

Gesso rápido: É um sal inorgânico de cálcio (sulfato de cálcio desidratado). Quando aquecido entre 100°C e 190°C, perde o equivalente a $\frac{3}{4}$ de água de cristalização.

Quando se adiciona um volume igual ou aproximadamente 1/3 de sua massa em água fria, solidifica entre 5 a 15 minutos. Não sofre contração. É solúvel em água, álcool, tiosulfato de amônio, tiosulfato de sódio, ácidos. É levemente solúvel em glicerol e insolúvel na maioria dos solventes orgânicos. É utilizado em bases de preparação de pinturas (puro ou com branco de zinco ou com adesivos). Pode ser usado como carga, pigmento branco em pinturas, emassamento de áreas de perda de camada pictórica.

Hidróxido de amônio: Também chamado de amoníaco ou amônia é uma base inorgânica fraca. É um gás incolor muito solúvel em água e álcool. Quando misturado em água, a mistura se torna alcalina e corrosiva. Neutraliza ácidos e forma sais de amônia. É solúvel em éter, solventes orgânicos, álcool e água. Pode ser utilizado na remoção de vernizes e pinturas. A solução aquosa pode ser utilizada em limpezas. Elimina cloreto de prata dos objetos de prata, permite que mais rapidamente superfícies sejam umedecidas. Penetra películas finas de óleo e gordura e, quando misturado a solventes orgânicos, os remove, e por isso também pode ser utilizado - com cautela - na remoção de superfície de pinturas. É utilizado na duplicação de filme Diazo.

Hipossulfito de sódio: Denominado Tiosulfato de sódio, é um sólido (cristais) sem odor, de pH 8,6, e solúvel em água. É utilizado em banhos fixadores na fotografia, em curtumes (curtidura ao cromo), entre outros. É incompatível com nitrato de metais, nitrito de sódio, iodo, ácidos, mercúrio e sais prateados.

Madeiras de lei (cedro, angelim): Considerando a indisponibilidade de madeiras de lei no mercado, atualmente (pelas limitações estabelecidas na legislação ambiental), a sugestão é que sejam utilizadas madeiras de demolição ou similares às madeiras macias (para entalhe e recorte) como cedro, angelim, peroba-rosa; e para estrutura ipê e parajú, por exemplo.

Mordente à base de óleo de linhaça: usado como base para fixação de folha de ouro em madeira, pedras e metal. Composto de óleo de linhaça, óleo de madeira, aguarrás mineral, secante extrato seco. A folha de ouro pode ser aplicada em até 12 horas após a aplicação do mordente em condições normais de temperatura.

Paraloid B-72: É um éster acrílico (copolímero de etilmetacrilato e metilacrilato). É uma das resinas mais estáveis empregada na conservação-restauração, sendo muito durável, pouco susceptível a amarelecimento e é compatível com outros materiais que formam filmes (vinílicos derivados de celulose, borrachas cloradas, silicones), formando películas de revestimento de variedade e transparência. O Paraloid forma filmes claros flexíveis e resistentes a baixa umidade relativa. Tem baixa reatividade com pigmentos sensíveis e adquire aspecto fosco se usado em baixas concentrações.

No entanto, apresenta aspecto brilhante e levemente amarelecido se usado em altas concentrações (acima de 3%). Apresenta grande resistência ao etanol e formam filmes claros se aplicado em dispersão em álcool.

É solúvel em xileno, tolueno, misturas de tolueno e etanol, metiletilcetona, dimetilformamida, acetona, diacetona álcool e cloreto de metileno. É insolúvel em isopropanol, “thinners” minerais e água. Ao adicionar etanol à solução concentrada de Paraloid B-72 em tolueno ou xileno, pode aumentar o tempo de secagem.

Pode ser utilizado como verniz, consolidante, consolidante de alguns guaches ou pastéis que sofreram perda de aglutinante, adesivo de fixação de craquelês (quando aplicada em soluções a 3% com pincel).

Pellon: também chamado de Reemay, Hollytex e Poliéster não tramado, é um têxtil de fibras sintéticas longas de trama não orientada. É branco e pode ser encontrado em duas formas: nº P-15 (possui 0,6 cm de espessura, é muito macio e é usado para entrefolhamento e acolchoamento) e nº P-29 (usado para tecidos de embalagem para armazenamento). É comumente utilizado como reforço e suporte em restauração de papéis por imersão e lavagem, em reintegrados manuais, e na fabricação de papéis reintegrados.

Peróxido de oxigênio: É um líquido viscoso e um oxidante poderoso e muito versátil, com reatividade inferior apenas ao fluor. É comercialmente vendido como água oxigenada, sendo se encontrada em soluções de baixa concentração (3% a 9%). Apresenta pH inferior a 3.5 a 20°C e é solúvel em água.

Termidor: Pertence ao grupo químico do Fenil Pirazol e tem sido indicado a partir de estudos e experimentações realizadas pelos técnicos do Departamento de Biologia Animal da Universidade Federal de Viçosa/MG (Casa dos Cupins). Pode ser utilizado por aspersão, pincelamento e gotejamento, diluído em água ou hidrocarbonetos alifáticos ou aromáticos.

Tinta acrílica: É uma tinta sintética, composta de dispersão aquosa de copolímero estireno acrílico, pigmentos isentos de metais pesados, cargas minerais inertes, hidrocarbonetos alifáticos, glicóis e tensoativos etoxilados e carboxilados. É solúvel em água e pode ser trabalhado em camadas espessas como tinta a óleo ou em transparências como aquarela.

Tinta látex: É também uma tinta sintética e solúvel em água. É composta de resina em dispersão aquosa PVA (poli acetato de vinila), pigmentos isentos de metais pesados, cargas minerais inertes, glicóis, tensaoativos e carboxilados. Utilizada na

pintura de ambientes internos e externos, sobre reboco, fibrocimento, concreto, gesso e madeira.

Xilol (Xileno): É um hidrocarboneto aromático em estado líquido e aspecto incolor. Comumente utilizado como solvente (puro ou em solução) na remoção de repinturas e vernizes. Dilui resinas acrílicas. É altamente inflamável e tóxico.

1.5 – Serviços Preliminares

1.5 – Serviços Preliminares

Antes da atuação diretamente nas peças será necessária a preparação do canteiro de obras, com montagem de andaimes de torres tubulares metálicas de encaixe e piso de madeirite (pelo menos 20,5 mm de espessura) apoiado em peças de madeira (6x6). Os andaimes deverão ser estáveis, com escada de marinheiro para acesso aos andares, guarda-corpo e rodapé anti-queda de materiais. Todo o entorno das torres e escada de acesso protegidos com guarda-corpo de tubos metálicos ou fitas metálicas.

O técnico de segurança irá acompanhar esta fase das instalações regulando as necessidades específicas para a situação e determinando os locais, características e número necessário de extintores para cada ambiente.

As instalações elétricas deverão ser distribuídas em quadro de força para a obra, conforme definição do técnico em eletricidade, observando a distribuição entre as gambiarras de luz, os pares elétricos de emissão de calor e outros que exijam mais potência. Os cabos de extensão e fiação, em geral, deverão ter duplo encapamento e os bocais das lâmpadas separados por grade de isolamento. A iluminação deverá ser distribuída de forma a atender satisfatoriamente todas as áreas de intervenção.

As instalações sanitárias e demais instalações de apoio deverão ser realizadas em conjunto com a empresa que irá realizar os serviços de intervenção arquitetônica.

Deverão ser isoladas áreas que serão organizadas com bancadas (apoiadas em cavaletes) e estantes para restauração das peças desmontadas.

Um espaço ventilado e separado das áreas de atuação (externo à igreja) deverá ser preparado para armazenar produtos inflamáveis e equipamentos.

Estantes de apoio para organização de material e equipamento de segurança, EPIs, de fácil acesso e bancos para etapas mais demoradas da restauração, deverão ser mantida durante a execução dos trabalhos.

Definição do local para recolhimento e posterior descarte de lixo, visando a seleção do material tóxico. O descarte deverá ser viabilizado pela Prefeitura local ou órgãos competentes.

1.6 – Local das Intervenções, Transporte, Embalagem E Acondicionamento

1.6 – Local das Intervenções, Transporte, Embalagem E Acondicionamento

As intervenções deverão ser realizadas na própria Igreja e, no caso dos trabalhos de intervenção arquitetônica ultrapassarem o período da restauração de arte aplicada e bens móveis, estes deverão ser protegidos.

A proteção deverá ser realizada com tecido e fitas de TNT ou costuras somente no próprio tecido. Não deverá, em hipótese alguma, ser afixadas fitas adesivas ou preguinhos diretamente nas peças restauradas. Se necessário, poderá ser construída estrutura de madeira independente para apoiar o tecido, ou em caso mais grave, o fechamento radical com folhas de madeirite.

2 – FICHA TÉCNICA

2 – FICHA TÉCNICA

Execução

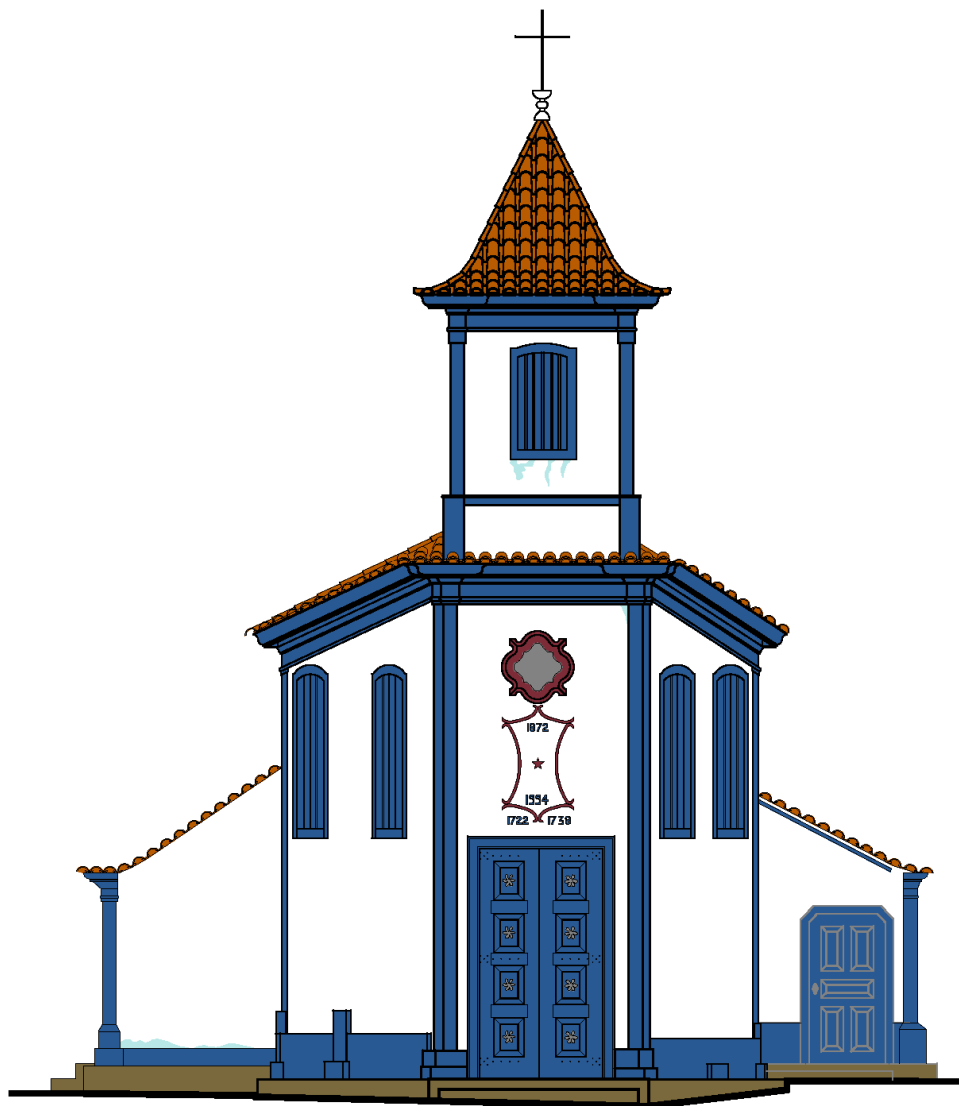
Bárbara Mesquita dos Santos Gomes – Restauradora

Rosângela Reis Costa - Restauradora

Responsabilidade de Execução

Século 30 Arquitetura e Restauro Ltda.

Belo Horizonte, novembro de 2013.



**IGREJA DE NOSSA SENHORA APARECIDA
CÓRREGOS
CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO/MG**

PROJETO EXECUTIVO DE RESTAURAÇÃO

**ELEMENTOS DE ARTE APLICADA E CONJUNTO DE
IMAGINÁRIA**

DIAGNÓSTICO

VOLUME 01

Agosto de 2013

SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO

2 – IDENTIFICAÇÃO E CONHECIMENTO DO BEM

2.1 – Fichas de Identificação

2.2 – Pesquisa histórica

2.3 – Pesquisa Iconográfica

2.4 – Pesquisa Hagiográfica

2.5 – Descrição Formal e Estilística

2.6 – Análise de Materiais e Técnicas Pictóricas

2.7 – Análise dos Materiais Compositivos e da Técnica Construtiva

3 – DIAGNÓSTICO

3.1 – Mapeamento das Degradações e Patologias

3.2 – Análise do Estado de Conservação

3.2.1 – Avaliação do Estado de Conservação dos Materiais

3.2.2 – Avaliação do Estado de Conservação do Sistema Estrutural

3.3 – Identificação dos Agentes de Degradação

3.4 – Intervenções Anteriores

3.5 – Estimativas de Áreas Degradadas

4 – ANÁLISES QUÍMICAS

4.1 – Análises Científicas de Materiais e Técnicas

4.1.1 – Mapeamento de Amostras

4.1.2 – Espectros de Espalhamento de Luz Ramam e Fotografia dos Cortes

4.1.3 - Conclusões

5 – DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7 – FICHA TÉCNICA

1 – APRESENTAÇÃO

1 – APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a identificação e diagnóstico dos elementos de arte aplicada e conjunto de imaginária pertencente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Aparecida de Córregos, distrito de Conceição do Mato Dentro, localizado na região central do estado de Minas Gerais.

O serviço contratado não prevê o projeto das imaginárias, mas entendemos que o acervo existente é de boa qualidade e grande importância para a Matriz que se encontra em situação de risco eminente devido ao ataque de insetos xilófagos e infiltrações, justificando a inclusão deste acervo no projeto.

Estes levantamentos e análises iniciais irão trazer subsídios para a elaboração do projeto de restauração, que será iniciado após a apreciação e aprovação do IEPHA.

2 – IDENTIFICAÇÃO E CONHECIMENTO DO BEM

2.1 – Fichas de Identificação

2.2 – Síntese Histórica

2.2 – Síntese Histórica

As referências relativas à história dos bens móveis e arte aplicada da Matriz de Nossa Senhora Aparecida de Córregos são limitadas e de significativo apurou-se que em 1944, o Livro de Tombo da Matriz N. Sra. Aparecida de Córregos faz referência a uma "decoração total "da Igreja, supondo-se que se trate de alguma repintura.

Já em 1954/1955, conforme anotação no Livro de Tombo da Matriz N. Sra. Aparecida de Córregos, o vigário Pe. Antônio Alves Ribeiro substituiu as duas portas de acesso das sacristias ou capelas laterais à capela-mor por arcos de alvenaria de tijolos, danificando novamente, e irremediavelmente, parte das pinturas parietais da capela-mor.

Em novembro de 1962, de acordo com um Relatório de Vistoria da DPHAN, “os três altares da Igreja encontram-se caiados de branco, recobrimdo a policromia original até os dias atuais, os mesmos estão parcialmente recobertos por caiação branca”.

Em julho de 1964, conforme anotação no Livro de Tombo da Matriz N. Sra. Aparecida de Córregos, o vigário Pe. Geraldo Vieira Gusmão alude à "pintura a óleo na Igreja".

Nos documentos - relatório de vistoria do IEPHA/MG de 1990 e em Proposta de Restauração do mesmo instituto de 1992 -lê-se “Sabe-se que a capela-mor apresenta ao menos dois programas decorativos superpostos: um original, presumivelmente do século XVIII, por suas características, e o outro, supõe-se, aplicado na segunda metade do século XIX”.

Ainda em relatório de visita técnica do IEPHA de 1994: “A Matriz foi reformada pela comunidade de Córregos, com renovação da pintura; tiras metálicas foram afixadas no forro da capela-mor, parafusadas, para evitar o desprendimento”.

2.3 – Pesquisa Iconográfica

2.3 – Pesquisa Iconográfica

2.3.1 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário) – PADROEIRA

Representada como uma imagem de Nossa Senhora da Conceição escurecida (referência à imagem original de barro que escureceu devido à sua longa permanência em um rio), envolvida por um manto azul ornamentado, mostrando apenas seu rosto e suas mãos, que se encontram unidas em posição de oração, em frente ao peito. Usa em sua cabeça uma coroa imperial. Algumas imagens atuais apresentam um rosário em suas mãos. A imagem chamada de Aparecida em Córregos tem na verdade características iconográficas relativas à Nossa Senhora do Rosário, possivelmente para valorização da padroeira houve uma substituição de imagens.

2.3.2 – Nossa Senhora do Rosário (duas imagens)

Imagem de Maria segurando o Menino Jesus sentado sobre seu manto no braço esquerdo e elevando um rosário entre sua mão direita e a do Menino. Nas esculturas barrocas é usualmente representada de pé com túnica e manto comprido.

2.3.3 – Santo Antônio de Pádua

É representado como um homem franciscano segurando um livro em sua mão e, sobre este, encontra-se o Menino Jesus. É também representado entre chamas, com uma flor-de-lis, um crucifixo florido, peixes e um burro em frente a uma hóstia.

2.3.4 – São Sebastião

Representado como figura masculina jovem preso a um tronco de árvore com o corpo perfurado por flechas. Pode ou não ser representado com barba e despido. Também pode ser representado como um caçador segurando um arco e flechas.

2.3.5 – Nossa Senhora das Dores

A Virgem Maria é retratada em pé, com feições de angústia e sofrimento, usando roupas roxas e um manto longo que lhe cobre o corpo. Comumente apresenta o coração perfurado por uma espada ou sete punhais (3 de um lado e 4 do outro) com uma das mãos apertando o coração e a outra estendida em desolação.

2.3.6 – Cristo crucificado - Crucifixo

A figura de Jesus crucificado pode ser representada com os pés presos por um ou dois cravos, morto e pendendo da cruz, vivo e olhando para o chão ou para o espectador, com o corpo retorcido pela dor e com o perizônio em movimento ou estático.

2.3.7 - Senhor Morto

Representação do Cristo após a retirada da cruz, morto e com o corpo estendido. Apresenta as feridas de sua paixão e as de sua crucificação.

2.3.8 – Divino Espírito Santo

Comumente representado como uma pomba, símbolo da pureza e da simplicidade, que a partir do Novo Testamento, é reconhecida como representante do Espírito Santo.

2.3.9 – São João Batista

Pode ser representado como um menino juntamente com o menino Jesus, associados a um cordeiro; ou como uma figura masculina ascética, com barbas e cabelos grossos e desgrehados, que veste uma túnica de pele de carneiro ou camelo e cinto de couro. Tem como atributos um cordeiro e um estandarte com uma bandeira contendo a inscrição “Ecce Homo”.

2.3.10 – Conjunto imagens de gesso:

2.3.10.1 – Sagrado Coração de Jesus

Representação de Jesus, usualmente vestindo túnica e manto em vermelho e branco, com um coração à frente de seu peito, envolto por espinhos, encimado por uma cruz e emoldurado por chamas. Uma de suas mãos encontra-se apontando ou segurando o coração.

2.3.10.2 – Nossa Senhora das Graças

Virgem Maria representada sobre o globo terrestre pisando sobre uma serpente, com as mãos estendidas. Usa uma coroa aberta de pontas.

2.3.10.3 – Nossa Senhora das Mercês

A Virgem Maria é retratada em pé, usando uma túnica amarrada à cintura por um cinto e sobre ele encontra-se um escapulário que contém as armas da ordem dos Mercedários. Pode apresentar cabelos longos sobre os ombros ou usando um céu curto.

2.3.10.4 – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

A representação é originária de uma pintura bizantina em madeira dourada. A Virgem Maria é retratada vestindo uma túnica vermelha e manto escuro, que envolve seu cabelo. Ela acolhe o menino Jesus, que está sentado em seu braço esquerdo e olha assustado para os instrumentos de sua paixão, trazidos por São Miguel e São Gabriel. Maria segura as mãos do menino com sua mão direita e a sandália do pé direito do mesmo está desamarrada e solta. Em representações escultóricas, encontra-se em pé, usando coroa pontiaguda e é envolvida por resplendor elíptico em madeira dourada, e, sobre este, encontram-se os anjos.

2.3.10.5 – Sagrado Coração de Maria

Virgem Maria representada com túnica e manto que lhe cobre os cabelos, com um coração à frente do peito, envolto por uma coroa de rosas ou emoldurado por uma coroa de espinhos. O coração é encimado por chamas. Uma de suas mãos pode estar apontando ou segurando o coração.

2.3.10.6 – Santo Expedito

Representação de figura masculina vestida com armadura romana, segurando ao chão com o pé um corvo que diz “amanhã” e erguendo uma cruz com a inscrição “hoje”.

2.3.10.7 – São Geraldo

Representado com a vestimenta dos beneditinos: hábito com mangas, capeirote com capuz e sapatos com meias. Carrega um rosário em seu cinto, representando a contínua oração, permanente dedicação ao trabalho espiritual e da vida consagrada.

2.3.10.8 – Santa Luzia

Representação de figura feminina segurando dois olhos sobre um prato e, ocasionalmente é representada com uma junta de bois.

2.3.10.9 – São Tarcísio

Nesta imagem, apresenta a palma, símbolo dos mártires, e um ramo de lírios, símbolo da pureza, assim como sua vestimenta branca. Possui adereços em dourado e azul claro.

2.3.10.10 – São Vicente de Paula

Figura masculina retratada vestindo uma sotaina, segurando e acolhendo crianças abandonadas.

2.3.10.11 – São Roque

Representação de figura masculina vestido de peregrino, usando chapeirão, cabaça, sacola e bordão. Mostra marcas da peste na pele. Ao seu lado encontra-se um cachorro e, ocasionalmente, um anjo. É representado às vezes com uma rela de leproso.

2.3.10.12 – São Caetano

Figura masculina representado vestindo um teatino, sotaina escura e meias brancas. Apresenta como atributos a flor-de-lis e/ou um coração com asas. Pode ser representado junto à Virgem Maria ou a São José, que lhe entregam o menino Jesus.

2.4 – Pesquisa Hagiográfica

2.4 – Pesquisa Hagiográfica

2.4.1 – Nossa Senhora Aparecida

A imagem de Nossa Senhora Aparecida foi encontrada, no Rio Paraíba por pescadores enquanto procuravam peixes para o banquete dedicado ao governador da capitania de São Paulo e Minas de Ouro, Dom Pedro de Almeida, conde de Assumar, quando em passagem por Guaratinguetá a caminho para Vila Rica. Devido a inúmeros milagres realizados para os seus devotos e ao seu crescente culto, Nossa Senhora Aparecida foi proclamada padroeira do Brasil em 1930.

2.4.2 – Nossa Senhora do Rosário (duas imagens)

Título dado a Virgem Maria devido à sua aparição a São domingos de Gusmão na Igreja de Prouille em 1208, quando lhe dá seu rosário.

2.4.3 – Santo Antônio de Pádua

Também chamado de Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, nasceu em Lisboa, em 1191 e morreu em 1231, sendo canonizado em 1232. Estudou em Lisboa e concluiu seus estudos em Coimbra. Tornou-se franciscano por admiração aos mártires marroquinos que conheceu em Coimbra e foi enviado ao Marrocos. No entanto, retornou à Europa devido a enfermidades e na Itália revelou-se grande pregador e teólogo. Viveu seus últimos anos em Pádua, onde deu continuidade à sua pregação.

2.4.4 – São Sebastião

Nascido na Gália, foi centurião romano e executado por ser cristão e converter dois de seus companheiros. Condenado a morrer por flechadas, foi dado como morto pelos soldados romanos e curado por Santa Irene. Apresentou-se novamente ao imperador e foi mais uma vez martirizado e morto.

2.4.5 – Nossa Senhora das Dores

“Nossa Senhora das Dores” é um título atribuído à Virgem Maria devido às sete dores de Nossa Senhora: as profecias de Simão sobre Jesus; a fuga da Sagrada Família para o Egito; o desaparecimento do Menino Jesus durante três dias; o encontro de Maria e Jesus a caminho do Calvário; o sofrimento e morte de Jesus na cruz e o seu sepultamento.

2.4.6 – Cristo crucificado

Após sua prisão e seu interrogatório, Jesus foi açoitado e obrigado a carregar a sua cruz até o lugar de sua crucificação, o Calvário. Lá, foi crucificado juntamente com dois ladrões. Teve suas pernas quebradas e foi golpeado no abdômen com uma lança por um de seus torturadores.

2.4.7 – Senhor Morto

Depois de crucificado e morto o Senhor foi retirado da cruz por José de Arimatéia e Nicodemos. Permaneceu três dias no sepulcro e ressuscitou no terceiro dia.

2.4.8 – Divino Espírito Santo

É a terceira pessoa da Santíssima Trindade, relativa à doutrina da maioria das igrejas cristãs e refere-se à existência de um só Deus preconizado em três figuras distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

2.4.9 – São João Batista

Primeiro mártir do Cristianismo e último profeta da Antiga Lei, filho de Zacarias e Isabel, prima de Maria. Viveu no deserto em penitência e batizou inúmeras pessoas, incluindo Jesus, o qual reconheceu como Messias. Foi preso por Herodes Antipas, que acusou de adultério. Foi degolado em sua prisão por Salomé, filha da esposa de Herodes.

2.4.10 – Conjunto imagens de gesso:

2.4.10.1 – Sagrado Coração de Jesus

Sua aparição se deu a primeira vez para Santa Margarida Maria de Alacoque, em 1675. Nesta aparição, diz-se que o Sagrado coração representa todo o amor de Deus pelos homens e Jesus incumbiu a santa de propagar a devoção ao Sagrado Coração. Imagem proveniente do culto às chagas de Jesus, especificamente aquela na lateral de seu tórax. Foi devido a este culto que mudou-se a chaga do lado direito para o esquerdo. A chaga em questão acredita ser o coração perfurado de Jesus pela lança de Longinus.

2.4.10.2 – Nossa Senhora das Graças

Com sua morte, Maria foi glorificada e coroada no Mundo divino. Em aparição à irmã Catarina Labouré, mostrou-se sobre um globo terrestre, pisando em uma serpente.

2.4.10.3 – Nossa Senhora das Mercês

A Virgem Maria, em aparição a São Pedro Nolasco (1218), disse-lhe que fundasse uma comunidade religiosa que amparasse pessoas em cativeiro, inclusive aquelas levadas a lugares distantes. São Pedro então fundou uma ordem dedicada à ações misericordiosas – ou mercês e, anos depois, se difundiu o culto de “Nossa Senhora das Mercês”.

2.4.10.4 – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

De referência Bizantina, é um dos títulos dados à Virgem Maria que protege os cristãos em momentos de extrema dificuldade.

2.4.10.5 – Sagrado Coração de Maria

Devoção ao coração de Maria em busca de salvação das almas e da paz. Este culto ganhou forças com as aparições de Nossa Senhora de Fátima.

2.4.10.6 – Santo Expedito

Foi um soldado romano martirizado na Armênia e é padroeiro dos estudantes, concursistas, daqueles que têm demandas judiciais demoradas e casos de urgência em geral.

2.4.10.7 – São Geraldo

Há duas versões diferentes sobre sua vida. Em uma delas, foi o primeiro abade de Mayo dos Saxões, criado por Colmano de Lindisfarne. Na outra, nasceu na França e tornou-se bispo de Braga, desenvolvendo grandes ações políticas religiosas, tornando-se então arcebispo. Gerou as bases para a Liturgia Bracarense e viveu uma vida santa e ativa.

2.4.10.8 – Santa Luzia

Santa Luzia (que era de família rica e nobre) levou sua mãe doente ao túmulo de Santa Águeda e, depois que foi curada, distribuiu seus bens para os pobres. No entanto, foi denunciada como cristã pelo seu noivo, o cônsul Pascári, e foi condenada a viver em um bordel. Ainda virgem, resistiu de forma que “nem duas juntas de bois a conseguiram arrastar de lá”. Foi então martirizada, tendo seus olhos arrancados e foi degolada em 304.

2.4.10.9 – São Tarcísio

Jovem acólito romano que foi martirizado em Roma por não entregar a pagãos a sagrada eucaristia que levava para cristãos presos.

2.4.10.10 – São Vicente de Paula

Nasceu em Landes, em 1581 e tornou-se sacerdote aos 20 anos. Depois de trabalhar entre camponeses, cativos e galés, dedicou sua vida aos pobres. Fundou os Lazaristas e as Filhas da Caridade e foi grande impulsionador de ações de caridade na Igreja. Morreu em 1580 e foi canonizado em 1737.

2.4.10.11 – São Roque

Nasceu em Montpellier nos meados do século XIV, e seu nome remete à marca vermelha em forma de cruz que tinha em seu peito. Órfão ainda novo, doou seus bens em prol dos desfavorecidos e dos hospícios. Peregrinou a Roma e ao retornar, cuidou de pestíferos, tendo ele mesmo contraído a doença (apresentando chagas no corpo). Recebeu, então, cuidados de um senhor de idade, que dava pão ao santo através de seu cachorro. Ao retornar à sua casa, já curado, foi preso por não ser reconhecido por ninguém e morreu em cárcere.

2.4.10.12 – São Caetano

Nasceu em 1480 em Veneza e se tornou sacerdote em 1516. Fundou em Roma a Congregação dos Clérigos Regulares, conhecidos como Teatinos. Também foi cardeal e legado pontifício durante a Reforma.

2.5 – Descrição Formal e Estilística

2.5 – Descrição Formal e Estilística

2.5.1 – Retábulo-mor

Com maior predominância de elementos do rococó, o retábulo apresenta simplificação dos elementos escultóricos, dando mais destaque para as formas arquitetônicas (não apresentando talhas elaboradas). Seu coroamento é em arco duplo separado por tabuado em leque. No centro do coroamento há uma tarja com talha decorativa em motivos fitomórficos e simétricos, com destaque para a folha de acanto, cujo uso foi predominante no período barroco (fotos 1 e 4, item 6).

Possui renda no camarim com motivos simples (pequenas volutas) e trono escalonado com paredes em linhas arredondadas e frisos emoldurando os arremates superiores, tipicamente rococó (foto 5, item 6).

Por trás do camarim é perceptível a movimentação do retábulo em período posterior à sua construção, através das tábuas do forro e revestimentos das paredes laterais com pintura decorativa que ainda subsistem com os desenhos originais (foto 11, item 6).

Não há presença de nenhum tipo de coluna, havendo somente pilastras com pintura decorativa, em imitação de almofadas e nichos (foto 1, item 6).

A presença de repintura é muito evidente nas áreas onde há douramento, as quais receberam uma camada de purpurina provavelmente dourada. Hoje elas se apresentam amarronzadas por oxidação. Nas perdas de pintura, que não são poucas, vê-se claramente a decoração subjacente com curvas e linhas paralelas nas cores vermelho, ocre, cinza e preto (foto 2, item 6).

Circundando o sacrário há pintura decorativa em motivos fitomórficos (representação de ramos de videira com folhas e frutos – utilizadas na primeira e segunda fase do barroco). A fechadura possui espelho com decorações assimétricas em “rocailles” e elementos em formato de “C”, típicos do rococó, mas possivelmente foi inserida posteriormente (foto 3, item 6).

Os nichos mais internos se traduzem em peanha com recortes simples formando volutas opostas, coloração amarronzada, em formato de “S” (foto 1, item 6) e delimitados por pintura na versão atual. Os dois nichos mais externos são acréscimos posteriores, o que pode ser comprovado pela ocupação forçada extrapolando os limites do retábulo bem como pelas suas características estilísticas. Estes são neogóticos, entalhados com arcos ogivais concêntricos e somente a peanha reproduz ou pelo menos se aproxima do formato utilizada nas peanhas dos demais.

A mesa de altar foi totalmente substituída, não condizendo com o conjunto estilístico do retábulo (foto 14, item 6).

2.5.2 – Pinturas Parietais e Cimalhas do Forro (Parede da Epístola e Parede do Evangelho)

Toda a extensão das paredes recebeu repintura em tons de azul e branco, em uma imitação gestual de marmorizado, além de elementos decorativos em amarelo e vermelho, imitando moldura. Como parte da repintura se perdeu, é possível observar elementos da pintura subjacente (fotos 18 e 19, item 6). Com predominância de tons vermelhos e acinzentados, observa-se “rocailles”; concheamentos; agrupamentos de romãs, elementos fitomórficos delicados, assemelhando-se a guirlandas; pinturas imitativas de elementos arquitetônicos como frisos, entablamentos e colunas (fotos 22 e 23, item 6).

Acima destas encontram-se as cimalhas do forro, que apresentam a mesma repintura presente nas pinturas parietais, porém com menos perdas. Aqui se observa a mesma repintura em branco e tons de azul em imitação de marmorizado (fotos 20 e 21, item 6).

2.5.3 – Forro da Capela-mor

A pintura apresenta uma sugestão do tradicional muro-parapeito contínuo ao longo das paredes com alternância de balcões e, na parte central, a representação entre nuvens de Nossa Senhora, dois anjos e dois querubins, em perspectiva aérea, identificável com vários forros do estilo rococó em nosso estado (foto 31, item 6).

Assim como os panejamentos, observa-se pouca movimentação das nuvens, apresentando também leve sombreamento, criando a sensação de luminosidade homogênea em toda a pintura, ou pelo menos é o que sugere a pintura atual visível.

É importante pontuar que todo o forro foi recoberto de repintura, aparentemente reproduzindo ou retocando grosseiramente a composição mais antiga, o que é possível de ser afirmado pela apreciação fornecida através de inúmeras áreas de perdas na camada de tinta mais recente.

2.5.4 – Arco Cruzeiro

Feito em madeira, apresenta simplicidade de formas, não possuindo talha decorativa nem composições escultóricas em sua chave. O arco acompanha o formato das

pilastras que o sustentam, tendo apenas uma forma circular lisa. Abaixo do arco, há entablamento com friso ondulado (foto 39, item 6).

Em toda sua extensão há repintura em branco e tons de azul, imitando marmorizado. Em áreas consideráveis de sua perda, é possível ver a pintura subjacente em tons de marrom, vermelho, branco e ocre, com ornamentação rústica de motivos fitomórficos com uma decoração que dá continuidade àquelas das pinturas parietais da capela mor (fotos 40 e 41, item 6).

2.5.5 – Retábulos do Arco Cruzeiro - Nossa Senhora Aparecida e Sagrado Coração de Jesus

Apresenta coroamento típico da 1ª fase do barroco, contendo arquivolta, raios, círculos concêntricos, sendo que dois destes círculos possuem colunas torsas. Acima do coroamento, há uma sanefa em formatos simplificados, contendo apenas leves curvaturas (fotos 48 e 55, item 6).

O camarim possui renda de decoração simples e simétrica, contendo pequenas volutas. Em seu interior, há uma repintura imitando tecido e cortinado em tons de azul e vermelho, típicas do rococó (fotos 51 e 56, item 6). É possível ver a camada subjacente através de áreas de perda de camada pictórica correspondentes aos tons mais fortes de vermelhos e azuis, e modelo decorativo utilizado no restante das pinturas originais também perceptíveis em todo o retábulo, que são representativos do estilo barroco.

Abaixo do entablamento há pilastras intercaladas com colunas torsas, seguindo o padrão do coroamento em arcos concêntricos e colunas torsas. Acima das colunas, há capitéis quadrangulares e, abaixo de cada coluna, há uma grande mísula sustentando-as. Já as pilastras são apoiadas por bases em formato cônico (fotos 54 e 56, item 6).

O frontal do que seria uma mesa de altar é em tabuado reto de madeira. Apresenta fingimentos de entalhes com decoração criando curvas, profundidade e estampa padronizada com florais na parte central. Esta falsa mesa pode ser indicativo de uma inserção posterior, proveniente da substituição do elemento anterior em avanço, que seria o próprio móvel sugerido (fotos 50 e 56, item 6).

Todo o retábulo recebeu repintura em branco, azul e amarelo (e algumas pequenas áreas em verde e vermelho), com recorrência de temas fitomórficos pequenos e delicados (foto 49, item 6). No entanto, há extensas áreas de perda, deixando à mostra grandes áreas de douramento, tons de vermelho e azul indicando uma camada pictórica subjacente mais característica do barroco (fotos 54 e 58, item 6).

2.5.6 – Púlpito

Caixa em formato semicircular com cinco faces, apresentando formato de cântaro invertido. Apresenta simplificação de formas e predominância de linhas e arestas definidas, tanto em sua caixa como em sua bacia. Não apresenta consolo. Recebem repintura em toda a sua face exterior em branco e azul claro (foto 60, item 6). Através de pequenas janelas de prospecção, foi observada, em áreas de repintura branca, a presença de uma camada rosada subjacente, seguida de base de preparação branca e o suporte (madeira) (foto 61, item 6); e em áreas de repintura azul claro foi observada camada subjacente em azul acinzentado, seguida de base clara e suporte (madeira) (foto 63, item 6).

2.5.7 – Pia Batismal

Apresenta exterior da bacia em formato hexagonal, com detalhes entalhados em motivos geométricos de linhas e semicírculos. Seu suporte, apresentando formas curvilíneas, não é congruente com o estilo da bacia. Não possui camada pictórica, apenas uma camada de verniz (foto 65, item 6).

2.5.8 – Órgão

Caixa com pouquíssimos elementos decorativos, constituintes de dois elementos fitomórficos que arrematam a parte superior da tuberia externa. Predominância de linhas e arestas, possuindo frisos superiores e suas pilastras na face frontal (foto 70, item 6).

As laterais e face frontal da caixa foram repintados em branco, azul claro e vermelho. A face posterior não possui nenhuma policromia (foto 72, item 6). Em foto do SPHAN (vide mapeamento de diagnóstico – item 3.1, folha 11, é possível observar a presença de uma pintura diferente daquela encontrada hoje, o que nos leva a crer que talvez existe uma camada mais antiga de pintura sob aquela mais visível.

2.5.9 – Retábulo Nossa Senhora das Dores

Apresenta cinco camarins, sendo que cada um contém um pequeno arco como arremate, sendo que apenas o arco do centro é circular (os demais têm formato cônico). Cada camarim apresenta um pequeno conjunto de entablamentos e duas pilastras. Não há talha decorativa além daquela que dá a cada pilastra três faces, predominando formas limpas, linhas e arestas proeminentes, demonstrando clara influência do estilo neogótico (foto 75, item 6).

A mesa de altar não possui camada pictórica e possui apenas frisos em torno do vidro que mostra a imagem do Cristo Morto (foto 75 e 139, item 6).

Possui policromia original em branco com decorações em amarelo, laranja e ocre. Na parte superior do retábulo há pintura decorativa de estrelas, compondo um padrão, remetendo à simetria do neoclássico (fotos 76 e 77, item 6). Ao contrário do que foi observado em outros bens integrados nesta Igreja, não é visível nenhum tipo de pintura mais antiga sob a atual em áreas de perda de camada pictórica. Isso indica que a camada mais externa é a única camada de pintura neste retábulo e, possivelmente, a camada original.

O sacrário do retábulo apresenta pintura lisa azul clara e não apresenta talha decorativa. Possui, na sua porção superior, o entalhe de uma cruz com pontas trilobadas (foto 79, item 6).

2.5.10 – Retábulo da Sacristia

Este retábulo é resultado da adaptação e junção de três peças de mobiliário, não apresentando claramente elementos estilísticos específicos. O que se observa é uma predominância de formas quadradas e retangulares, com exceção do camarim, que possui forma poligonal diferenciada, porém simples (foto 83, item 6).

As gavetas não possuem talha decorativa, apresentando uma tarja de metal para identificação e um puxador de metal em formatos arredondados. As portas apresentam talha decorativa com frisos (fotos 85 e 86, item 6).

O retábulo não possui camada pictórica, tendo apenas o aspecto do suporte (madeira).

2.5.11 – Lavabo da Sacristia

Apresenta ornamentação em formas arredondadas, com pétalas e sessões de flores, assim como volutas horizontais. Apresenta frisos e sua bacia é em formato de concha. Sua bica é uma adaptação feita com torneira e cano PVC, destoando da composição do chafariz. Não apresenta camada pictórica (foto 87, item 6).

2.5.12 – Oratório da Sacristia

Possui ornamentação exterior simplificada, apresentando somente formas simples e linhas. Em cada porta há duas almofadas retangulares, sem talha decorativa. Em seu topo, há uma cruz cujas pontas apresentam maior largura (foto 92, item 6).

Em seu interior, há pintura decorativa original rústica em motivos fitomórficos de roseiras (foto 93, item 6), assim como motivos geométricos e a imitação de um esplendor. No forro do oratório há a pintura de uma coroa de espinhos envolta por esplendor (foto 96, item 6). Há a predominância de tons escuros, amarelo e vermelho, que são difíceis de distinguir devido à oxidação do verniz (fotos 94 e 95, item 6). Esta camada de pintura aparenta ser a original, uma vez que não se observa em áreas de perda a presença de outra camada subjacente e também devido às limitações da pintura do interior do oratório, que demarcam uma área na qual se encontravam partes que foram removidas.

2.6 - Análise de Materiais e Técnicas Pictóricas

2.6 - Análise de Materiais e Técnicas Pictóricas

2.6.1 – Forro da Capela-mor, Retábulo-mor, Pinturas Parietais e Cimalhas e Arco Cruzeiro

Todos estes elementos estão parcialmente encobertos por repinturas recentes (perceptíveis através de cortes estratigráficos realizados e retratados no item 4.1, figuras 8, 9 e 12) e é possível através das perdas destas analisar os aspectos dos estratos da decoração pictórica mais antiga (fotos 2, 6 e 27 item 6). A primeira observação no conjunto de arte aplicada da capela mor é que a decoração pictórica subjacente é semelhante entre si, caracterizando-se por uma tinta bem fosca, com aparência de têmpera pouco ou sem nenhuma oleosidade (foto 41, item 6).

Em análises microquímicas realizadas e relatadas no item 4, foram verificadas cinco camadas na parede do camarim - verde claro, creme, branco, encolagem e suporte (madeira) - e oito camadas no forro do camarim - verde claro, verde claro, verde, amarelo, verde escuro, branco, encolagem e suporte (madeira). Ainda no forro do camarim, foi encontrada, através do espalhamento de luz Raman, a presença do pigmento ftalocianina de cobre, que confere às tintas sua cor esverdeada.

Em amostra retirada da pintura parietal foi detectada a presença de um adesivo proteico através de micro análises e dos pigmentos amarelo de cromo e chumbo (vide item 4.1.1) por espalhamento de luz Raman.

A base de preparação nestas áreas é branca e de média espessura com exceção dos frisos do retábulo mor onde se percebe douramento com folha de ouro e a base branca é bem mais espessa.

O autor da decoração pictórica usou de hachuras e linhas para demarcar volumes e profundidade nas formas utilizando com maestria os recursos característicos da pintura a têmpera como completa opacidade da tinta (fotos 26 e 41, item 6).

2.6.2 – Retábulos do Arco Cruzeiro

Nestes retábulos também, como na decoração da capela mor se percebe a presença de pintura anterior sob as perdas da repintura atual. Através destas janelas ocasionais identifica-se uma pintura com tinta completamente opaca.

Chama atenção nesta pintura a utilização da folha de ouro aparentemente na técnica oleosa (do mordente) na confecção dos desenhos, ressaltando formas no interior da

decoração e rebatendo nos frisos das bordas dos relevos quando ele é em ouro brunido, bem mais brilhante (fotos 54 e 58, item 6).

A base de preparação tem aspecto de gesso aglutinado com cola orgânica, apresentando média espessura e coloração branca.

2.6.3 – Púlpito

A pintura atual em esmalte brilhante azul turquesa e branco sobrepõe apenas outra camada de tinta pouco espessa em tons de rosa terroso, aparentando se tratar de uma tinta a base de óleo sem base de preparação. Não foram encontradas camadas mais antigas de pintura e acredita-se que elas foram removidas para aplicação destas mais recentes (fotos 61 e 63 item 6).

2.6.4 – Caixa do Órgão

Não foram encontradas camadas de tinta subjacentes na caixa do órgão, através de uma foto do SPHAN de 1962 (vide mapeamento de diagnóstico – item 3.1, folha 11) vê-se uma pintura fingindo mármore na base da balaustrada do coro (similar a que se vê atualmente no arco cruzeiro – repintura) e a pintura branca da caixa do órgão.

2.6.5 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores

Este retábulo tem uma camada rala de tinta branca com pintura decorativa simplificada de elementos geométricos avermelhados em padronagem de losango no fundo do camarim e elemento floral único na parte inferior de cada nicho (foto 75, item 6). O fundo dos camarins e os contornos são decorados com estrelas e frisos dourados em purpurina dourada, hoje marrom (fotos 76 e 77, item 6). A tinta está muito lavada e aparentemente é uma têmpera não oleosa (foto 78, item 6).

2.6.6 – Oratório da Sacristia

A pintura do oratório da sacristia é bem simples, podendo ser classificada como naïf. As pinceladas são muito diretas e sem muita precisão nas cores verde vermelho e amarelo (foto 93, item 6).

A espessa camada de verniz atual, muito oxidada, camufla as características da tinta. Supostamente trata-se de pintura mais oleosa, podendo se tratar de uma têmpera bem oleosa ou tinta a óleo mesmo, a transparência das cores, a camada espessa e ausência completa de branco são indicativos para tal sugestão (fotos 95 e 96, item 6).

Não foi aplicada base de preparação.

2.6.7 – Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário)

Do pouco que se pôde fazer a conhecer da pintura original, encoberta sob espessas camadas de repinturas, é a técnica do esgrafiado com tinta têmpera sobre folha de ouro e as bordas do manto com o “pastiglio”. A técnica do “pastiglio” desenvolvida a partir do relevo modelado na base de preparação, encoberto pelo bolo armênio e revestido com as folhas de ouro são visíveis ainda que sob grosseiro revestimento de falsa folha de ouro (foto 97, item 6).

Base de preparação branca provavelmente gesso e cola orgânica, de média espessura.

Detalhada no item 4.1.1, observou-se através de espalhamento de luz Raman a presença do pigmento azul de ultramar, além de cinco camadas: folha de ouro, azul, azul, vermelho e branco, sendo esta a mais antiga.

2.6.8 – Nossa Senhora do Rosário e Santo Antônio

Imagem ricamente decorada nas técnicas do esgrafito que é a raspagem de tinta têmpera aplicada sobre folha de ouro criando desenhos; pintura decorativa floral com tinta a têmpera sobre ouro; “pastiglio” que são relevos de massa dourados e “poissoné” trata-se de pequenos pontos feitos através de punção diretamente sobre a base de preparação e revestido também com ouro e/ou tinta para reforçar e destacar algumas formas (fotos 107 e 116, item 6).

A carnação é muito lisa e feita na técnica conhecida como “porcelana”, que utiliza bexiga de carneiro para lustrar as várias camadas sobrepostas de tinta a têmpera até oferecer uma superfície lisa e brilhante semelhante a uma porcelana (foto 116, item 6).

Em análises microquímicas (detalhada no item 4.1.1), foi averiguada a solubilidade em água da amostra retirada do interior do manto de Nossa Senhora do Rosário, suspeitando-se da presença de uma cola proteica.

2.6.9 – São Sebastião

Pintura original não é visível, perceptível apenas através de pequenas prospecções (foto 120, item 6) e de análise estratigráfica realizada no item 4.1 (figura 11), que revela a presença de cola proteica nas camadas mais antigas. Identificou-se ainda, em corte estratigráfico, a presença de oito camadas no perizônio da imagem: base branca

(mais antiga), azul claro, creme, branco, camada verde com resquícios de vermelho e folha de ouro, branco e vermelho (mais recente).

2.6.10 – São João Batista

A repintura à base de esmalte oleoso encobre pintura original, como pode ser observado ao redor da placa metálica de identificação do fabricante (foto 128, item 6).

2.6.11 – Nossa Senhora das Dores

Carnação a têmpera com repintura muito crespa e danificada sobre ela. Através das perdas da camada atual é possível ver uma pintura bem mais elaborada e criando superfície lisa e aveludada (fotos 132 e 136, item 6). Nas análises detalhadas no item 4.1.1, observou-se a utilização de óxido de ferro com laca vermelha na área de carnação (pescoço).

2.6.12 – Senhor Morto

A carnação original foi limpa de forma incorreta, podendo-se verificar manchas desiguais e remoção de sua pátina (fotos 141 e 143 item 6). Percebe-se uma pintura a têmpera oleosa muito lisa, com detalhes de arroxamento e sangue explorando a transparência com a aplicação de camada fina e aquarelada da tinta (fotos 141 e 144, item 6).

No perizônio notam-se resquícios de filete de ouro nas bordas. A intervenção que foi realizada nesta imagem mascarou com tinta vinílica boa parte da pintura original.

2.6.13 – Cristo crucificado – Crucifixo

A carnação é a base de pintura a têmpera sobre camada de média espessura de base de preparação branca – aparentemente à base de gesso e cola proteica (foto 149, item 6).

2.6.14 – Divino Espírito Santo

A pintura mais antiga é a têmpera com detalhes dourados com folha de ouro sobre base branca de média espessura (gesso e cola orgânica) (foto 155, item 6). As partes novas e a repintura são com tinta a base de óleo diretamente sobre a madeira ou sobre a pintura antiga e purpurina dourada (hoje esverdeada) (fotos 152 e 153, item 6).

2.7 – Análise dos Materiais Compositivos e da Técnica Construtiva

2.7 – Análise dos Materiais Compositivos e da Técnica Construtiva

2.7.1 – Retábulo-mor

Retábulo constituído de tabuado de madeira com talhas simples e recortes, provavelmente resultado de trabalho artesanal. Os arremates são em frisos de madeira entalhada, sendo todas as partes do retábulo fixadas através de cravos artesanais (fotos 3, 11 e 12, item 6).

2.7.2 – Pinturas Parietais e Cimalhas do Forro

As pinturas encontram-se sobre tábuas de madeira que, fixadas por cravos artesanais – em certos pontos substituídos por pregos – formam as paredes laterais da capela mor (foto 27, item 6). A parte inferior destas paredes, no entanto, foi substituída por dois arcos de madeira entalhada e um arco de alvenaria (fotos 18 e 24, item 6).

Acredita-se que as cimalhas são constituídas de madeira entalhada manualmente, sendo também fixadas por cravos (fotos 20 e 21, item 6).

2.7.3 – Forro da Capela-mor

Constituído de 120 tábuas corridas de madeira (cuja configuração correta foi mapeada no item 3.1 deste projeto) em abóbada de berço e fixadas em cambotas originalmente por cravos artesanais (provavelmente). No entanto, devido à fragilidade das mesmas, foram instaladas faixas de alumínio em suas junções latitudinais, fixadas por sua vez com pregos (foto 36 e 37, item 6). O forro possui ainda arremate no lado do Arco Cruzeiro por duas tábuas estreitas (fotos 38 e 39, item 6).

2.7.4 – Arco Cruzeiro e Púlpito

O Arco Cruzeiro é composto de tábuas de madeira entalhadas, fixadas por cravos artesanais e, em alguns locais a fixação foi realizada com pregos, devido a remontagem parcial do arco (fotos 42, 45 e 47, item 6). Três molduras foram substituídas por novas madeiras.

O púlpito apresenta mesma técnica construtiva, sendo que também sofreu substituições de tábuas, perceptíveis pelas marcas de cortes (fotos 62, 63 e 64, item 6).

2.7.5 – Retábulos do Arco Cruzeiro (2)

Ambos retábulos são constituídos de tábuas e placas de madeira com talha decorativa – provavelmente trabalhada à mão, fixados por cravos artesanais (fotos 52, 53, 57 e 59, item 6).

2.7.6 – Pia Batismal

A parte superior da pia é composta de blocos de madeira com talha decorativa, feita manualmente (foto 65, item 6). Em seu interior há uma bacia de cimento, em substituição da original (provavelmente). Há ainda dobradiças e fechaduras em metal oxidado (foto 67, item 6).

A parte inferior é de madeira entalhada, porém de uma madeira diferente daquela utilizada na parte superior (foto 68, item 6).

2.7.7 – Caixa do Órgão

Constituída de tábuas e placas de madeira, apresentando talha decorativa, trabalhada à mão (provavelmente). Apresenta substituições de tábuas na parte frontal e várias dobradiças, pregos e uma fechadura. A tuberia do órgão não se encontra mais em sua caixa (foto 74, item 6).

2.7.8 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores

Composto de tábuas e placas de madeira, com frisos entalhados e recortes trabalhados manualmente, fixados por cravos artesanais e pregos. Possui várias complementações e substituições de tábuas de madeira (fotos 77, 80, 81 e 82, item 6).

2.7.9 – Retábulo da Sacristia

É resultado da adaptação de três peças de mobiliário diferentes (gaveteiro, arcaz e oratório), apresentando uniões grosseiras - fixadas por pregos - que deixam parte do retábulo em desnível (foto 83, item 6). São compostas de madeiras, sendo que a parte superior apresenta tábuas, gavetas e oratório e a parte inferior é um arcaz de madeiras entalhadas com quatro portas. Há vários puxadores de metal, assim como pequenas placas de identificação em cada gaveta e dobradiças e fechaduras nas portas da parte inferior, na qual também se observa substituições de parte da madeira (foto 84, 85 e 86, item 6).

2.7.10 – Lavabo da Sacristia

Entalhado em pedra-sabão, apresenta decoração de elementos conchoides e florais (fotos 87 e 88 item 6). Conforme, pode ser observado pela foto do IPHAN de 1962 (vide mapeamento de diagnóstico em anexo – item 3.1, folha 17) ele foi remontado eliminando a parte central com uma grande carranca e incluindo complementações em cimento (foto 89, item 6).

2.7.11 – Oratório da Sacristia

Constituído de placas e tábuas de madeira com pouca talha decorativa, trabalhada manualmente, fixadas por cravos artesanais e pregos (foto 94, 95 e 96, item 6).

2.7.12 – Conjunto de Imagens em Madeira

Compostas de mais de um bloco de madeira esculpida, fixadas entre si por cavilhas e/ou cola. Algumas peças apresentam olhos de vidro, inseridos através de ação contundente por inserção de cunha, abrindo na cabeça dois blocos na direção do veio da madeira.

A imagem de roca em madeira, composta de blocos esculpidos somente em regiões não cobertas pela túnica roxa (cabeça, pescoço e mãos – o tórax também é esculpido, porém é coberto pela túnica), blocos que compõem os ombros e braços e seis ripas de madeira que sustentam a imagem em pé. Há também uma base hexagonal em madeira, na qual as suas ripas são fixadas, que possui um furo central para a fixação da imagem em algum mobiliário de procissão (foto 130, 131, 133 e 137, item 6). Os ombros e braços são articulados (foto 133, item 6). Possui olhos de vidro, inseridos através de ação contundente por introdução de cunha na cabeça, abrindo dois blocos na direção do veio da madeira (foto 105, 106 e 116, item 6).

Na imagem do Senhor Morto, foram introduzidos dentes naturais (foto 140, item 6)

2.7.13 – Conjunto de Imagens em Gesso

Imagens constituídas de gesso moldado possivelmente em argila e depois modelado. A maioria das peças aparenta ser de moldes industrializados para produções em grande escala.

3 – DIAGNÓSTICO

3.1 – Mapeamento das Degradações e Patologias

3.1 – Mapeamento das Degradações e Patologias

Foram feitos dois tipos de mapeamentos para os elementos levando-se em conta a significância do item na decoração da capela e o grande número de peças envolvidas neste processo.

Para a arte aplicada definidora dos traços de caracterização estilística da decoração do templo foram realizados desenhos com colorações e geometrizações caracterizando as áreas e os tipos de degradação específicos para cada situação.

Os demais itens foram tratados a partir da cópia em preto e branco de uma ou mais fotos da peça em questão e a partir de linhas direcionais e áreas coloridas identificadas em legenda foi criado um mapeamento simplificado identificando as áreas de degradações e patologias mais graves em cada uma.

3.2 – Análise do Estado de Conservação

3.2 – Análise do Estado de Conservação

3.2.1 – Avaliação do Estado de Conservação dos Materiais

3.2.1.1 – Retábulo-mor

Suporte: Este sofreu penetração de água pluvial, o que facilitou o ataque de insetos xilófagos (perceptível por orifícios e galerias aparentes) nas partes apodrecidas e perdas (fotos 7 e 9, item 6).

Os raios do entablamento apresentam espaçamentos entre si, gerando vãos por onde podem passar sujidades. Algumas tábuas aparentam estar soltas e outras se encontram presas por pregos. Uma das tábuas da lateral direita superior do retábulo está deslocada e não se observa tábuas atrás da tarja, cuja fixação é precária (foto 4, item 6).

Além do arco, em diversas regiões observa-se que há tábuas cujas junções têm aberturas, criando pequenos vãos, inclusive entre o retábulo e as paredes (foto 13, item 6).

Há manchas no suporte que indicam penetração de água com desenvolvimento de micro-organismos (foto 15, item 6). Observou-se a presença de orifícios maiores que os de ataques de insetos xilófagos, sendo evidentemente de fixação inadequada de pregos.

Houve perda de suporte na renda do camarim, perda de frisos, molduras e de rodapés. Há ainda pregos pelo retábulo e alguns deles com resquícios de materiais, como barbante. Os pregos e cravos antigos presentes no suporte estão oxidados, causando o apodrecimento do suporte circundante.

Todos os nichos foram provavelmente adicionados posteriormente, pois apresentam-se com características estilísticas distintas do restante da talha (foto 1, item 6). Observou-se uma placa de metal aderida à esquerda da porta do sacrário.

A mesa do altar atual juntamente com as duas credências é de fatura de época posterior ao restante do retábulo, sendo evidentemente uma substituição (fotos 14 e 16, item 6). Nas junções entre altar e parede nas partes inferiores em ambos os lados, há regiões marcadas sem pintura, com orifícios, pregos aparentes e com pedaços de madeira fixados evidenciando a presença prévia de elementos distintos nestes locais (foto 16, item 6). Isso sugere que havia credências mais antigas das que hoje existem

na Igreja. Abaixo destas regiões, do lado esquerdo e próximo ao chão há uma área de perda de suporte, que deixa entulhos aparentes.

Camada Pictórica: Percebe-se repintura em todo o retábulo, consistindo de um fundo branco com pintura decorativa feita com purpurina dourada, que devido à sua oxidação, apresenta coloração marrom (fotos 2 e 3, item 6). Há também uma pintura prateada que circunda o sacrário. Esta pintura mais recente encontra-se muito fragilizada, apresentando aspecto pulverulento e desprendimento (foto 17, item 6). Esse desprendimento deixa aparente a pintura anterior, também branca, base de preparação ou o próprio suporte através de lacunas e desníveis. Existem ainda resquícios de douramento brunido perceptível pela aparência de extremo brilho em frisos e molduras, como a renda do camarim, por exemplo (foto 8, item 6). Há sujidades e manchas generalizadas, além de materiais aderidos (colas, parafina etc.) (fotos 2, 7 e 9, item 6).

O camarim passou por mais intervenções que o restante do retábulo destacando-se a substituição de tábuas das paredes laterais e do fundo. Todo ele está recoberto por repintura em esmalte azul claro e azul mais escuro nos frisos, esta repintura atingiu todo o interior do camarim incluindo aí paredes, forro e degraus do trono (fotos 5 e 9, item 6).

3.2.1.2 – Pinturas Parietais e Cimalha do Forro

Suporte: A pintura parietal, executada sobre revestimento tabuado de madeira, encontra-se em estado ruim de conservação. Observa-se no suporte a ocorrência de ataque de insetos xilófagos, perceptível por orifícios (foto 29, item 6). Houve perdas no suporte devido a galerias geradas por estes ataques. O suporte apodreceu em algumas áreas devido à penetração de água e apresenta rachaduras, furos de pregos e outros furos para fixação de decorações (como por exemplo cortina) (fotos 20 e 25, item 6).

Os arcos em madeira encontrados em ambas as paredes são intervenções posteriores, formado por tábuas com pintura imitativa de madeira (bem mais grosseira que as demais pinturas), interrompendo a pintura original. Estes arcos sofreram ataque intenso de insetos xilófagos, comprometendo sua estrutura, com algumas tábuas apresentando pouco mais que a película de pintura. Também apresentam muitos furos de pregos e sessões grosseiramente substituídas (foto 28 e 30, item 6).

Há um terceiro arco em alvenaria que é uma intervenção ainda mais recente e interrompeu uma parte ainda maior da composição policromada da parede (fotos 18, 19 e 24, item 6).

Camada Pictórica: As paredes receberam uma repintura, também decorativa que se encontra em estado avançado de desprendimento com inúmeras perdas que deixam aparente a pintura mais antiga (fotos 18, 19, 20, 22, 23, 26 e 27 item 6). Observam-se manchas, principalmente ocasionadas pela água, em toda a pintura. Na área acima dos arcos que a recortam foram utilizados, aparentemente, apoios para cortinas, restando destes um exemplar e marcas de perfurações de outros no tabuado de revestimento da parede (foto 25, item 6).

Os arcos inseridos na parede recortaram e interromperam a pintura original, evidenciando ainda mais a sua posterioridade. A pintura, como dita anteriormente, nesta região está descontinuada e desorganizada devido a uma remontagem inadequada das tábuas (fotos 25 e 26, item 6). Estes arcos já sofreram intervenção com substituição de algumas paredes do fuste por lâminas de compensado o que é identificável pela pintura marmorizada em tons de marrom e vermelho que aí assumem aspecto bem mais grosseiro que nas demais áreas. (foto 28, item 6)

3.2.1.3 – Forro da Capela-mor

Suporte: O forro encontra-se em péssimo estado de conservação. A penetração de água pluvial através das goteiras do telhado facilitou o surgimento de micro-organismos e conseqüentemente o apodrecimento da madeira e perdas de suporte em diversos pontos. Isso propiciou os ataques de insetos xilófagos, perceptíveis pela presença de excrementos espalhados em vários pontos do retábulo e do chão da capela, bem como pelas galerias que estes abriram e que são aparentes mesmo a distância. Estes fatores levaram ainda a aberturas nos vãos entre as tábuas onde se concentram e perpassam sujidades provenientes da estrutura e da parte posterior do forro (fotos 31 a 38, item 6).

Recentemente foi realizada uma fixação de forma bastante grosseira, com fitas de alumínio de aproximadamente três centímetros de largura, para auxiliar na sustentação das tábuas mais danificadas e com risco de queda. As tachas e/ou pregos que as fixaram encontram-se oxidados (fotos 36 e 37, item 6).

Os cravos originais de fixação encontram-se oxidados e as áreas do entorno apresentam perdas de camada pictórica e suporte. Houve a substituição de uma das tábuas centrais com complementação grosseira da pintura justamente na parte central que abrange parte do corpo de Nossa Senhora, de um dos anjos e de nuvens (foto 33, item 6). Algumas tábuas sofreram grandes perdas no suporte, restando áreas com apenas uma fina camada de madeira e película pictórica. Também se observa a presença de diversas rachaduras e fissuras, pelas quais aparecem sujidades

provenientes da parte de trás do forro e que são trazidas pela penetração de água, por exemplo (fotos 34 e 36, item 6). Deve ser acrescentada a presença de um espaçamento entre o forro e a parede acima do arco cruzeiro, que pode ter ocorrido por movimentação das tábuas de revestimento desta (fotos 34 e 38, item 6).

Observa-se no centro do forro uma perfuração por onde desce um pendente metálico provavelmente para dependurar um lustre (foto 32, item 6).

Camada Pictórica: O forro foi totalmente repintado, sendo possível observar a pintura anterior em áreas de desprendimento e perdas na pintura atual (foto 37, item 6). Há uma complementação grosseira de pintura na área central onde uma tábua de madeira foi substituída, já citada anteriormente (foto 33, item 6). Observa-se a perda generalizada de camada pictórica, resultado da movimentação do suporte e da intensa presença de umidade devido à penetração de água (foto 32 a 38, item 6). Isto provocou também outras alterações na camada pictórica, sendo possível perceber a sua diluição na área de interseção entre as tábuas e o desenvolvimento de micro-organismos causando manchas de várias dimensões e intensidades (fotos 35 e 36, item 6).

Através das lacunas e dos desníveis da capa de pintura atual é possível perceber muitas perdas e manchas também na pintura subjacente (fotos 35 e 36, item 6).

3.2.1.4 – Arco Cruzeiro

Suporte: O suporte sofreu ataque generalizado de insetos xilófagos, perceptível por vários orifícios e galerias, que ocasionaram perdas pontuais da madeira (foto 45, item 6). Além dos orifícios ocasionados pelos cupins, há aqueles gerados por fixação de pregos, sendo que alguns ainda se encontram no suporte, enferrujados. Houve substituição de cravos por pregos, evidenciando remontagem de parte do arco e justificando os vãos entre junções (foto 44, item 6).

Há perdas de frisos em vários pontos, também de parte do entablamento superior e do rodapé. Manchas escurecidas foram observadas no suporte indicando contato direto com umidade que o apodreceu, ocasionando em perdas esparsas. Na coluna da esquerda, na face anterior superior, há um orifício que deixa aparente a alvenaria de sua estrutura interna.

Há abrasões em ambos os socos, atingindo até o suporte (madeira). Pequenas perdas no entablamento do soco foram consolidadas com massa de PVA com pó de serragem, muito plástica e desnivelada (fotos 45e 46, item 6). Há rachaduras e fissuras que são resultado de uma movimentação excessiva da madeira ou até mesmo

de possível pressão durante desmonte e remontagem. Uma das rachaduras que se encontra no soco esquerdo dá a nítida impressão de ter sido causada por fixação incorreta. Foi feita a substituição de três molduras de madeira em faces inferiores distintas do soco. Acima do fecho, face voltada para a nave, há um recorte na madeira, provavelmente de substituição de tábuas, onde se concentram marcas de infiltração (foto 44, item 6).

Um relógio antigo de madeira encontra-se fixado na parte interior da coluna da esquerda.

Camada Pictórica: Todo o arco recebeu uma repintura bem fantasiada em branco e azul ultramar imitando mármore que se encontra em desprendimento e com perdas e/ou remoção (fotos 40 e 41, item 6). Há também descolamentos e lacunas na camada de pintura anterior, deixando por vezes a base de preparação aparente ou o suporte. Houve também perda da pintura por infiltrações, limpeza incorreta e abrasões. Observou-se ainda o acúmulo de sujidades generalizadas, assim como materiais aderidos (excrementos de insetos, chiclete) (fotos 42 e 43, item 6).

3.2.1.5 – Retábulos Arco Cruzeiro (2)

Os dois retábulos idênticos apresentam-se em estado de conservação similares, pois se encontram na mesma posição na Igreja (um de cada lado do arco cruzeiro) e, portanto, são submetidos a situações ambientais e outras que são análogas. As especificidades serão identificadas no mapeamento de danos de cada um deles.

Suporte: O suporte dos retábulos apresenta ataque generalizado de insetos xilófagos, identificado através da emissão de som oco quando certas áreas foram percutidas (comprovando espaços vagos de galerias e áreas de fragilidade), dos inúmeros orifícios e excrementos em várias partes dos retábulos (fotos 53, 56 e 58, item 6).

Além das várias perdas ocasionadas pelo intenso ataque de insetos xilófagos, há perdas de suporte ocasionadas pela penetração de água e, consequentemente, o apodrecimento da madeira; pela queda de peças do forro; acidentes ocasionados por limpezas inadequadas; etc. Perderam-se também os forros dos camarins, por motivos desconhecidos (fotos 53, 54 e 57, item 6).

Há marcas de queima da madeira na mesa do altar, proveniente das chamas de velas cerimoniais (fotos 48 e 51, item 6). Por todo o suporte observam-se rachaduras, fissuras, furos de pregos, furos resultantes de fixação de decorações para rituais e festas, refixação de partes que se soltaram, entre outros. Os cravos antigos e pregos

estão oxidados devido à presença de umidade. Isto provoca o surgimento de manchas avermelhadas na pintura ao seu redor e perdas no suporte.

Várias partes dos retábulos encontram-se soltas, deslocadas de sua posição original ou perdidas em consequência de reformas na Igreja, por esforço de apoio de peças ou mesmo de pessoas durante cultos ou no trabalho de preparação das peças para cultos ou festejos diversos. Há ainda complementações de suporte em áreas nas quais há madeiras novas sem pintura, em substituição de perdas originais, e fixação posterior de objetos, como caixa de luz e apoio para fiação elétrica (aparente sobre a pintura).

As mesas dos retábulos são aparentemente posteriores, uma vez que não apresentam as mesmas características estilísticas observadas nos retábulos, possuem talha simplificada e há somente uma pintura (que por sinal é a mesma encontrada hoje no restante dos retábulos) constituindo sua camada pictórica (fotos 50 e 55, item 6).

Camada Pictórica: A pintura original foi totalmente encoberta por repintura de fatura simples e material frágil (a base de preparação pode ser composta de cal). Há perda parcial da repintura, deixando aparente uma pintura de melhor qualidade com detalhes em ouro brunido (fotos 54 e 56, item 6). Esta perda, que atinge até a camada de pintura mais antiga, aparenta em algumas áreas ter sido ocasionada por intensa penetração de água pluvial pelo telhado e, em algumas áreas, por limpeza incorreta realizada com esfregação de material umedecido (fotos 51, 52 e 58, item 6).

Observam-se muitas perdas e manchas também na pintura mais antiga subjacente, assim como em seus douramentos (foto 58, item 6). Estas degradações são consequência de penetração de água, interação com a camada pictórica aquosa mais atual e acúmulo de sujidades como poeira, excrementos de aves e insetos, entre outros. Há também nesta mesma camada marcas de abrasões que, juntamente com as grandes áreas de perda, deixam visíveis a base de preparação branca e o suporte (foto 52, item 6).

3.2.1.6 – Púlpito

Suporte: Observam-se perdas de suporte localizadas principalmente nas molduras e frisos, sendo que há ausência de madeira em alguns destes ou mesmo seu deslocamento, indicando uma possível remontagem parcial do púlpito (fotos 63 e 64 item 6). O suporte também passou por outras intervenções severas como a substituição de partes da madeira com corte industrial aparente (serra elétrica) (foto 62, item 6).

O suporte sofreu ataque de insetos xilófagos, apresentando orifícios e galerias de cupins esparsos pelos púlpitos, sendo perceptíveis através da nova pintura, que os recobriu. Estes ataques aparentam estar inativos.

Camada Pictórica: O púlpito foi totalmente recoberto por repintura brilhante em azul claro e branco (foto 60, item 6). Não foi detectada a utilização de decorações em ouro, mesmo nas partes mais espessas da camada pictórica. Através de pequenas janelas abertas em pontos esparsos pela peça, foi possível observar a presença de uma camada de tinta rosada e uma base de preparação branca (fotos 61 e 63, item 6). No entanto, não há a presença de cores compatíveis com as pinturas mais antigas dos retábulos ou arco cruzeiro, como seria de se supor que existissem. Possivelmente, a pintura mais antiga foi removida para a aplicação do revestimento mais recente.

3.2.1.7 – Pia Batismal

Suporte: O suporte sofreu ataque generalizado de insetos xilófagos, sendo que os orifícios e galerias provenientes deste ultrapassam os limites da superfície, provocando inúmeras perdas de suporte de diversas dimensões, principalmente no tampo (foto 66, item 6).

A bacia apresenta uma grande rachadura, que a perpassa longitudinalmente. Esta rachadura é resultado da movimentação da madeira, ocasionada possivelmente pela flutuação de umidade constante que é inerente ao seu uso, uma vez que nas cerimônias de batismo a peça fica sujeita ao contato direto com a água (foto 69, item 6).

A coluna de sustentação é em madeira recortada e de aparência distinta do restante da peça, sendo possível observar que seus encaixes não são correspondentes. Da mesma forma, a fixação da base da mesma coluna ao chão também não foi correspondente ao espaço aberto na pedra, sendo necessária a inclusão de várias cunhas de madeira para fazer o apoio. Estes são indícios de que a coluna original foi substituída pela atual. Encontram-se também na mesma coluna esparsas rachaduras de diversos tamanhos em sentido longitudinal, em virtude da movimentação da madeira (foto 68, item 6).

O interior da bacia, composto de cimento, aparenta ser de fatura posterior e possivelmente é substituição de uma bacia mais antiga, provavelmente de pedrasabão ou outro material similar. Este revestimento apresenta remendo com cimento na parte central e manchas de oxidação por contato direto ou aproximação das dobradiças da pia (foto 67, item 6).

As dobradiças e fechaduras encontradas na pia batismal estão oxidadas, sendo que a fechadura é resultante de adaptação posterior e não corresponde à área em que foi fixada (a região em que foi fixada é menor do que a fechadura).

Além das alterações posteriores, foi amarrado um microfone à base de sustentação com arame, provavelmente para algum tipo de medição (impacto de movimentação ocasionada por explosão das mineradoras na circunvizinhança, por exemplo) (fotos 65 e 68, item 6).

Revestimento de madeira: A pia apresenta uma camada irregular de verniz que está muito abrasionada (fotos 68 e 69, item 6). Ambas as características se devem ao uso constante do objeto, assim como a sua limpeza inadequada. Há ainda sujidades e manchas, consequências do acúmulo de poeira, excrementos de aves e insetos, entre outros. Encontram-se também sobre a pia respingos de tinta e massa branca, provenientes provavelmente de pinturas na edificação (foto 66, item 6).

3.2.1.8 – Caixa Do Órgão

Suporte: O suporte sofreu ataques de insetos xilófagos pontuais, perceptíveis por orifícios, que juntamente com outros fatores como remoção inadequada de peças, ocasionou perdas do suporte, sendo estas mais visíveis na parte do fundo, onde não há pintura (fotos 72, 73 e 74, item 6).

Observou-se que a caixa do órgão encontra-se praticamente vazia, sem a tuberia e teclados do instrumento (foto 74, item 6).

As ferragens (fechadura, dobradiças, entre outros) encontram-se muito oxidadas, apresentando perdas. Em alguns locais observa-se sua substituição, feita por vezes grosseiramente.

O suporte ainda apresenta inúmeros respingos de tinta verde e branca tanto em seu exterior como em seu interior.

Camada Pictórica: A parte frontal da caixa do órgão recebeu uma repintura em esmalte brilhante azul claro e branco, aparentando estar aplicada diretamente sobre a madeira (fotos 70 e 71, item 6). Isto pode indicar a ausência de uma pintura mais antiga ou que esta foi removida para a aplicação da pintura atual. Sua parte posterior apresenta uma camada de verniz desgastado e abrasionado.

3.2.1.9 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores

Suporte: Encontra-se em péssimo estado de conservação e estilisticamente exhibe característica de período bem posterior aos demais elementos de arte aplicada da Igreja. Este retábulo foi adequado ao espaço em que se encontra atualmente, para tanto tendo perdido o arremate superior central já que o pé direito da capela não oferece altura para ele (foto 75, 76 e 77, item 6).

O forro do camarim foi totalmente substituído por tabuado novo sem pintura (foto 77, item 6).

Não possui sacrário original, sendo que existe um sacrário solto que não pertence ao retábulo (foto 79, item 6).

Apresenta complementação e substituição parcial de madeira nas laterais inferiores do sarcófago. Há rachaduras, pregos oxidados e muitas abrasões atingindo até o suporte (foto 80, item 6).

Por trás do retábulo vê-se a inclusão de tábuas novas e pregos industriais na fixação entre elas, provavelmente do período em que este móvel foi transferido para esta capela (fotos 81 e 82, item 6).

Camada Pictórica: O que resta da pintura exhibe uma decoração simples com grandes áreas de perda devido provavelmente a limpeza inadequada (higienização com o uso de água). O branco de fundo remanescente está bastante manchado (fotos 75, 76 e 78, item 6).

3.2.1.10 – Retábulo da Sacristia

Esta peça é resultante de adequação de mobiliários (gaveteiro, arcaz e oratório) em madeira e encontra-se em razoável estado de conservação.

Suporte: Não foram identificados ataques aparentes de insetos xilófagos. Observam-se algumas rachaduras, deslocamento entre junções e pregos oxidados. A sustentação do retábulo foi estabilizada na montagem sobre um grande arcaz, que se encontra em pior estado de conservação. Neste observou-se muitas substituições como em partes da madeira, nas dobradiças e fechaduras, em remendos no suporte. As portas frontais estão fora do prumo (foto 83, item 6).

A união entre as demais partes do retábulo foi feita grosseiramente, algumas partes sem fixação entre si, outras com tábuas de madeira fazendo as ligações entre elas, mas fora do nível (foto 84, item 6).

Revestimento de madeira: O acabamento da madeira é em verniz. As partes superior e inferior apresentam diferenças na tonalidade (mais claro ou mais escuro). O verniz foi aplicado em mais de uma demão criando uma camada espessa e irregular. Ele já está bastante oxidado e abrasionado (foto 85 e 86, item 6).

3.2.1.11 – Lavabo da Sacristia

Suporte: É constituído de pedra-sabão e encontra-se em péssimo estado de conservação (foto 87, item 6) já que da peça original só restam os arremates inferior e superior. Das partes restantes avalia-se que apresentam abrasões, grandes perdas de suporte na lateral direita e pequenas perdas esparsas por toda a sua extensão. Pequenas fissuras e uma grande rachadura na base também comprometem a estabilidade do suporte.

Recebeu adaptação de saída de água com Durepóxi® e cano PVC, assim como adaptação de torneira muito grosseira e sem a menor harmonia com a peça.

Há uma massa rígida aderida sobre o pé da face frontal, assim como manchas brancas, cimento aderido e respingos de tinta em diversas áreas (foto 91, item 6). Foi feita uma complementação em cimento de aletas (arremates laterais da parte inferior, uma de cada lado, em forma de meia concha) (foto 89, item 6).

3.2.1.12 – Oratório da Sacristia

Este oratório embutido na parede atualmente exerce a função de guarda dos Santos Óleos, de cálices e outros objetos rituais, uma vez que tanto o santo como a base que o sustentava já se perderam.

Suporte: Encontra-se em razoável estado de conservação. Apresenta perdas de suporte como na renda da abertura frontal e dois elementos nas paredes laterais, que são identificáveis pela ausência de pintura desenhando contornos pontuais em seu interior (fotos 94 e 95, item 6). Observa-se a presença de rachaduras, furos, abrasões e pregos, assim como ataques de insetos xilófagos. A fechadura foi substituída por uma nova e o registro da fechadura antiga foi deixado aberto (fotos 92 e 93, item 6).

Camada pictórica: A pintura é de fatura naïf com o desenho colorido a pincel sendo registrado diretamente sobre a madeira, deixando-a aparente. Ela já sofreu perdas

pontuais e abrasões principalmente pelo desvio de função que a expõe ao contato frequente com objetos contundentes de metal, por exemplo (fotos 95 e 96, item 6).

Toda a pintura está semi-encoberta por uma espessa camada de verniz, aplicada de maneira irregular, em avançado estado de oxidação apresentando respingos de tinta e manchas (provavelmente indicativas de presença de micro-organismos no interior do oratório).

3.2.1.13 – Nossa Senhora da Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário)

Suporte: A imagem encontra-se em estado ruim de conservação devido a intervenções anteriores inadequadas. O suporte sofreu ataques de insetos xilófagos, principalmente na parte inferior da base, perceptíveis pelas galerias aparentes (foto 98, item 6). Estes ataques são facilitados pelos altos níveis de umidade – proporcionados pela penetração de água pluvial.

O dedo polegar da mão direita da santa provavelmente foi quebrado, pois se encontra atualmente consolidado com Durepóxi®.

Nas costas da imagem encontram-se rachaduras longitudinais que se iniciam no véu e descem até a nuvem (foto 99, item 6). É possível que mais rachaduras sejam identificadas após a remoção da repintura.

Na parte posterior das nuvens foi prospectado uma área com espessa camada de massa branca, aparentemente recente.

Algumas arestas da base encontram-se muito arredondadas, sendo que o rosto e os pés estão deformados pelo excesso de massa aplicada posteriormente à confecção da imagem (fotos 100 a 102, item 6).

Camada Pictórica: A imagem recebeu em toda a sua extensão uma repintura, que sobrepõe outra repintura com poucos elementos decorativos. Abaixo desta segunda repintura, encontra-se a policromia original que apresenta douramento com folha de ouro, esgrafito e pastiglio nas bordas do manto (foto 102, item 6).

3.2.1.14 – Nossa Senhora do Rosário

Suporte: O suporte apresenta uma grande rachadura longitudinal nas costas da imagem, que vai do véu à base, abrindo-se de cima para baixo. Finalizando-se com aproximadamente 1 cm de largura (foto 104, item 6).

Foram encontrados na base diversos orifícios e pregos. Na parte direita da base há uma grande área de perda (à esquerda do espectador). Houve também perda de suporte na área do acabamento da manga da túnica da mão direita, que por sua vez perdeu parte de 4 dedos, restando apenas o polegar íntegro (foto 103, item 6).

Segundo informações orais, o menino Jesus pertence ao Santo Antônio português e foi grosseiramente fixado com cola quente no manto que encobre o braço esquerdo da Santa em substituição ao original. O Menino apresenta perda de suporte em seus pés na parte frontal, sendo que o pé direito foi grosseiramente complementado com massa e pó de serragem (foto 110, item 6).

Ainda verificam-se perdas no nariz de Nossa Senhora, dedo indicador e todos os dedos da mão direita do Menino Jesus e perdas no cabelo e véu de Nossa Senhora (provavelmente de ataques de insetos xilófagos) (foto 105, item 6). As orelhas da santa são perfuradas, sendo que o lóbulo direito está rasgado e com perda abaixo do furo. Abaixo da orelha esquerda há um grampo de metal fixado não se sabe com que propósito.

Camada Pictórica: A policromia encontra-se com perdas generalizadas. A carnação apresenta-se completamente manchada e escurecida. Não foram realizados testes químicos que pudessem esclarecer as razões desta degradação, mas aparentemente trata-se de uma camada posterior aplicada sobre a carnação que, ao se oxidar, provoca este aspecto acinzentado (o mesmo ocorreu com o Menino). Identifica-se ainda a perda total das linhas de contorno dos olhos e sobrancelhas, bem como a coloração dos lábios (foto 103, 105 e 106, item 6).

No menino Jesus há resquícios de carnação escurecida e observa-se perda das linhas de contorno. As nuvens da base e a carnação dos querubins encontram-se da mesma maneira muito escurecidas. Há grande acúmulo de sujidades generalizadas.

3.2.1.15 – Santo Antônio de Pádua

Suporte: Encontra-se em péssimo estado de conservação. O suporte sofreu ataques de insetos xilófagos generalizados, sendo perceptíveis grandes orifícios e galerias no alto da cabeça do santo (foto 114, item 6), assim como seu pé direito (principalmente nos dedos). Houve perda de todos os dedos de sua mão direita, perdas no cabelo e a base apresenta perdas em sua parte inferior, assim como marcas de abrasão (foto 117, item 6).

Houve distanciamento e separação de blocos do braço à direita do espectador e da face (a face ainda encontra-se na imagem) (foto 113, item 6). No verso da imagem à

uma rachadura longitudinal que começa na metade inferior da túnica e vai abrindo de cima até embaixo, atingindo 1 cm de largura, resultando em perda de suporte (fotos 112 e 115, item 6). Há ainda outras rachaduras longitudinais.

O menino que deveria acompanhar a imagem de Santo Antônio encontra-se fixado grosseiramente com cola quente na imagem de Nossa Senhora do Rosário.

A bíblia apresenta marcas de queima, provavelmente de proximidade a velas acesas em altar.

Camada Pictórica: A carnação apresenta muitas perdas, como no rosto da imagem, e nos dedos da mão esquerda (Foto 116 e 117, item 6). O esgrafito apresenta perdas esparsas em toda sua extensão, sendo que algumas delas atingem a madeira. Há craquelês na carnação especialmente na nuca do Santo.

3.2.1.16 – São Sebastião

Suporte: A parte inferior da base encontra-se atacada por insetos xilófagos, facilitado pelos altos níveis de umidade (ocasionados pela penetração de água pluvial). Estes ataques são perceptíveis por orifícios e galerias aparentes (foto 123, item 6).

Na parte frontal da imagem há uma marca de queimado, provavelmente originário de aproximação excessiva a velas acesas (foto 124, item 6).

A mão esquerda da imagem possui substituição grosseira do dedo mínimo e a na mão direita o dedo indicador quebrado foi refixado, em posição incorreta, assim como um dos galhos do tronco (foto 122, item 6). Observa-se também a presença de orifícios esparsos.

Quatro das flechas foram perdidas, sendo elas as flechas das pernas, uma da barriga e uma do braço. As demais flechas (apenas uma é de madeira) encontram-se oxidadas e amassadas (foto 118, item 6). O resplendor encontra-se amassado nas extremidades e seu aspecto prateado grosseiro se deve a uma camada de tinta (foto 125, item 6).

Camada Pictórica: A imagem recebeu em toda sua extensão uma espessa camada de repintura a base de tinta esmalte brilhante (fotos 121 e 122, item 6).

3.2.1.17 – São João Batista

Suporte: O suporte encontra-se em ótimo estado de conservação.

Camada Pictórica: Encontra-se totalmente repintada com tinta esmalte comercial brilhante, apresentando nesta camada muitas manchas e sujidades aderidas (fotos 126 e 127, item 6).

3.2.1.18 – Nossa Senhora das Dores

Suporte: Há fragilização das junções, sendo que algumas apresentam amarração com arame e pregos (foto 133, item 6). O suporte sofreu ataque de insetos xilófagos, sendo que um dos apoios laterais (esquerdo) foi muito atacado assim como as costas da imagem, perceptível pelo som oco emitido em exame de contato com o toque do nó dos dedos (foto 138, item 6). Observou-se a existência de parafusos oxidados.

Houve perda de parte do cabelo do lado direito inferior e na região dos olhos (pálpebras e região dos cílios) observa-se rachaduras na cabeça, trincas verticais na face, orifícios na orelha e separação do cabelo (foto 135, item 6).

Camada Pictórica: A carnação está totalmente recoberta por repintura, apresenta graves craquelês generalizados e que atingem as duas camadas de pintura. Há perda de policromia e suporte nas pálpebras e região dos cílios e muitas perdas na carnação (foto 132 e 136, item 6). A camada pictórica adquiriu com as degradações uma textura crespa muito evidente e apresenta muitos materiais aderidos (foto 132, item 6).

3.2.1.19 – Senhor Morto

Suporte: A peça passou por restauração recente completa. Destacando-se que o couro presente nos ombros foi substituído, preso com tachinhas e pintado (foto 142, item 6). Já se percebe que atrás do ombro há uma perda que deixa aparente a base de preparação, da mesma forma que o segundo dedo do pé direito que se perdeu (foto 147, item 6).

O perizônio possui uma rachadura vertical na parte central e no verso (foto 146, item 6).

A coroa de espinhos em cipó amarrado apresenta pequenas rachaduras.

Camada Pictórica: Recebeu repintura esparsa em toda a sua extensão deixando aparente apenas partes da carnação original, sendo que o sangue foi grosseiramente coberto de tinta vermelha terrosa e o perizônio com tinta vinílica ou acrílica bege e purpurina com elementos florais e circulares (foto 146, item 6). Há craquelês na camada pictórica que recobre o perizônio e a coroa de espinhos está repintada.

A carnação foi limpa de forma desigual, deixando manchas, e foi reintegrada de forma a criar mais manchas também (foto 141, item 6).

3.2.1.20 – Crucifixo

Suporte: A cruz apresenta diversos orifícios e seus elementos em prata encontram-se deformados, sendo que o arremate superior não apresenta mais acabamento da extremidade de cima (foto 148 e 149, item 6).

O resplendor aparenta não pertencer à peça e está se soltando. Os arremates em prata foram fixados com pregos que se encontram oxidados. Há perdas parciais e completas de diferentes partes dos raios da cruz (foto 150, item 6).

Houve consolidação incorreta de dedos e braço direito, sendo que a cola escorreu pelos braços e oxidou (foto 151, item 6).

Camada pictórica: O Cristo apresenta muitas perdas em sua carnação e douramento, sendo estas possivelmente devido a limpeza incorreta com água. Há ainda muitas perdas no cabelo, no perizônio nas manchas de sangue.

3.2.1.21 – Divino Espírito Santo

Suporte: Foi parcialmente refeito, sendo que seus raios e apoio arredondado do fundo são novas adições, perceptíveis pelas características de corte da madeira (verso), espessura e simplificação das formas. O suporte, tanto novo quanto velho, está íntegro, em bom estado de conservação.

Camada Pictórica: Recebeu repintura recente, sendo que abaixo desta foi possível identificar pelo menos uma camada de repintura, nas partes mais antigas (fotos 152 a 155, item 6). A camada pictórica atual apresenta-se muito espessa, com atenuação de arestas.

3.2.1.22 – Conjunto de Imagens em Gesso

As imagens, por fazerem parte do acervo da Igreja, foram incluídas no projeto porém, por se tratar de peças executadas em escala comercial, seu diagnóstico será uma avaliação básica do conjunto para uma intervenção simplificada.

Suporte: Foi possível observar em várias imagens perdas de suporte, principalmente de dedos (foto 156 e 157, item 6).

Camada Pictórica: Algumas pinturas receberam repintura recente (foto 157, item 6).

3.2.2. Avaliação do Estado de Conservação do Sistema Estrutural

3.2.2.1 – Retábulo-mor

A estrutura do retábulo apresenta-se estável, mas nota-se que a presença de umidade e o contato com a água pluvial provocou apodrecimento e ataques de insetos xilófagos localizados principalmente nas partes mais altas, mais próximas ao telhado. Alguns trechos isolados e não de grande extensão encontram-se mais comprometidos, sendo necessária a sua substituição (em alguns outros já se observa trocas recentes de peças). Há grande acúmulo de sujidades e entulho (fotos 11 e 12, item 6).

As intervenções arquitetônicas refletiram-se também no retábulo mor, o que é claramente percebido por um acesso atrás do camarim, no qual é possível perceber a continuidade das tábuas do forro e das suas paredes com pintura decorativa. O mesmo pode ser dito de partes do trono (vide documentação fotográfica em anexo) (foto 11, item 6).

3.2.2.2 – Pinturas Parietais / Cimalhas

Esta estrutura só será passível de avaliação quando do desmonte de algumas tábuas, provavelmente apresenta degradações relacionadas com a penetração de água pluvial proveniente do forro da capela-mor e da janela, ocasionando ataques de insetos xilófagos e surgimento de micro-organismos. Como as tábuas de ambas as paredes foram reposicionadas, espera-se encontrar orifícios de pregos e cravos. Deve-se também encontrar grande acúmulo de sujidades e presença de entulhos, o que já pode ser observado através de perdas no suporte.

3.2.2.3 – Forro da Capela-mor

Na estrutura de sustentação do forro supõe-se, em virtude do que pôde ser avaliado pela superfície pictórica e até mesmo pelos acréscimos de sustentação das tábuas (fita de alumínio pregada sobre as tábuas), que há apodrecimento de cambotas, as quais foram também submetidas à penetração de chuva pelo telhado e aos ataques de insetos xilófagos. Acredita-se, pelo o que é possível perceber da fixação destas tábuas, que em torno de 60% das cambotas têm comprometimento nas suas funções.

3.2.2.4 – Arco Cruzeiro

A estrutura é embutida e o que se observou foi através de perdas do suporte e aberturas entre as junções das tábuas do arco. Donde se concluiu que devido a penetrações de água pluvial, o sistema estrutural deve apresentar áreas de apodrecimento e ter sofrido ataques de insetos xilófagos. A face do arco virada para a nave possui substituições de tábuas em seu entorno, sendo possível que partes da estrutura também tenham sido substituídas.

3.2.2.5 – Retábulos do Arco Cruzeiro (2)

A estrutura de sustentação já sofreu intervenções, identificáveis através da substituição de peças, que são visíveis por baixo e por trás da mesa. Também é possível observar o acúmulo de sujidades, assim como marcas de penetração de água que propiciaram fragilização do suporte e ataque de insetos xilófagos (análise similar para os dois retábulos) (foto 59, item 6).

3.2.2.6 – Púlpito

O púlpito é estruturado no próprio suporte que é a madeira onde ele é entalhado e a fixação na arquitetura é por chumbamento diretamente na parede. Não existem vestígios que ofereçam dúvidas quanto a sua estabilidade, ele aparentemente mantém-se firme com a antiga fixação.

3.2.2.7 – Pia Batismal

Esta pia se estrutura no próprio suporte, a madeira, e a sua sustentação de apoio no piso de pedra está precário. A adaptação de um novo pé para a pia não ofereceu encaixe perfeito no espaço da pedra e ele se encontra apoiado com cunhas de madeira (foto 68, item 6).

3.2.2.8 – Caixa do Órgão

A caixa do órgão é um móvel de madeira que se apóia no piso e balaustrada do coro. Não foram detectados pontos de fragilidade neste apoio. Os danos do suporte foram discriminados na avaliação do diagnóstico do suporte acima.

3.2.2.9 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores

Como este retábulo aparentemente foi adequado ao local onde hoje se encontra, deve ser possível observar em seu sistema estrutural registros disto através de marcas de outras montagens, pregos mais novos, orifícios e cortes mais antigos nas madeiras por trás do móvel. O piso em sua parte posterior é de chão batido, criando um ambiente muito úmido. Esta umidade compromete a integridade de algumas tábuas, principalmente as inferiores e destacam-se muitas substituições (fotos 81 e 82, item 6).

3.2.2.10 – Retábulo da Sacristia

Este retábulo foi montado a partir do recolhimento de móveis distintos. A estrutura de pequenos gaveteiros é suportada por uma espécie de bancada com armários frontais e a amarração entre estas partes foi feita com tábuas e pregos pela lateral e pelo fundo do móvel (foto 84, item 6). A estrutura atual tem perda de nível, ataques de insetos xilófagos, muitos orifícios, rachaduras e as ferragens e pregos estão bastante oxidadas. As madeiras desiguais e de qualidades questionáveis, além da infestação de insetos nos madeirame da Igreja e a presença de goteiras propiciaram as degradações (foto 86, item 6).

3.2.2.11– Lavabo da Sacristia

O lavabo está chumbado diretamente na parede e conforme documentação anterior (IPHAN, vide item 3.1, folha 17/31) ele foi alterado tendo sofrido perda de parte do seu corpo. Ele se apresenta bem fixado e com firmeza à parede apesar do acabamento ser bastante grosseiro. Os problemas observados são principalmente de ordem estética.

3.2.2.12 – Oratório da Sacristia

Esta peça tem como estrutura o próprio suporte – a madeira já avaliada acima e a parede onde ele é embutido que não demonstra riscos eminentes em sua função de sustentação.

3.3 – Identificação dos Agentes de Degradação

3.3 – Identificação dos Agentes de Degradação

Um dos agentes de degradação mais recorrente na Igreja é o ataque de insetos xilófagos, que gera orifícios e galerias de várias dimensões e acarreta em fragilização e perda do suporte. Este, além de ocorrer neste tipo de suporte – madeira – que é recorrente em todos os ambientes da igreja é facilitado pela intensa penetração de água pluvial que ocorre em vários pontos e principalmente através de goteiras nos forros. A penetração de água, por sua vez, ocasiona o apodrecimento do suporte, que propicia também o surgimento de micro-organismos. Essa flutuação de umidade ainda cria distanciamento entre as tábuas constituintes dos bens, por onde perpassam sujidades concentradas em suas estruturas posteriores; gera rachaduras e fissuras, consequências de movimentação excessiva da madeira, e ocasiona a oxidação de elementos metálicos como cravos, pregos, dobradiças e fechaduras, que pode acarretar no apodrecimento da madeira circundante.

Os fatores citados anteriormente ocasionaram também a alteração e perda de camada pictórica, que se encontra muito alterada pela repintura aplicada (tinta provavelmente solúvel em água); acúmulo de sujidades como poeira, excrementos de animais e insetos e devido a limpezas inadequadas.

Uma gama dos agentes de degradação se deve à interação humana, sendo eles: remontagem de partes ou de bens integrados por completo, que pode ocasionar em fragilização do suporte e que por vezes não foi feita de forma correta, deixando partes soltas e interrompendo a continuidade da pintura através da recolocação de partes em lugares errados; realização de limpeza incorreta, provavelmente com esfregação de material úmido, que pode ter removido parte da camada pictórica; remoção de pintura original para aplicação de nova pintura; fixação de objetos e decorações diversas através de pregos e outros orifícios criados no suporte; presença de velas cerimoniais acesas, que queimam a madeira; utilização dos bens integrados como apoio de peças ou pessoas em situações diversas que pode deformar o suporte ou rompê-lo ao exercer sobre ele uma força maior do que sua estrutura fragilizada (ou não) pode suportar, e tentativas de conserto como adição de complementações em materiais diversos, adição de novos pregos, substituição de partes não correspondentes, aplicação de repinturas, e impactos em diversas intensidades que podem gerar abrasões superficiais ou profundas, deformações, rachaduras, fissuras, perda de camada pictórica e/ou perda de suporte.

3.4 – Intervenções Anteriores

3.4 – Intervenções Anteriores

3.4.1 – Retábulo do Altar-mor

Foi adicionada uma placa de metal à esquerda da porta do sacrário; houve substituição de algumas tábuas da estrutura do retábulo; este recebeu repintura em branco e purpurina dourada, que atualmente encontra-se amarronzada; o camarim recebeu uma repintura mais recente do que o restante do retábulo, além de ter tábuas das paredes laterais e do fundo substituídas.

3.4.2 – Pinturas Parietais / Cimalhas

As paredes receberam repintura em toda a sua extensão. Foram adicionadas três arcos às paredes, sendo que os arcos em madeira são de um primeiro momento e o arco em alvenaria, de um momento mais recente. Nos arcos de madeira é fácil de notar intervenção posterior com substituição parcial da madeira (por compensado) e aplicação de nova pintura marmorizada bem mais grosseira que a primeira nestas partes.

3.4.3 – Forro da Capela-mor

O forro recebeu uma camada de repintura em toda a sua extensão; houve a substituição de uma das tábuas centrais, na qual houve complementação grosseira da pintura correspondente à parte do corpo de Nossa Senhora, de um dos anjos e de partes de nuvens; houve a fixação com pregos de cinco fitas de alumínio (de aproximadamente 3 cm de espessura) em regiões de encontro latitudinal de tábuas.

3.4.4 – Arco Cruzeiro

Houve a consolidação de áreas de perda de suporte com uma massa de PVA com pó de serragem no entablamento do soco direito; três molduras de madeira foram substituídas em faces inferiores distintas dos socos; há provavelmente substituição de tabuas acima do fecho na face voltada para a nave; todo o arco recebeu repintura em branco e azul ultramar imitando mármore.

3.4.5 – Retábulos do Arco Cruzeiro

Ambos retábulos receberam repintura frágil de fatura simples. Há complementações onde se perdeu o suporte original e as mesas dos retábulos aparentemente foram adicionadas posteriormente. Houve substituição de peças em sua estrutura, visíveis por baixo e por trás das mesas.

3.4.6 – Púlpito

Recebeu em toda a sua superfície uma repintura brilhante em branco e azul claro; sofreu substituições de partes em madeira, claramente posteriores devido ao seu corte regular; suspeita-se que uma camada mais antiga de pintura tenha sido removida para a aplicação da camada atual.

3.4.7 – Pia Batismal

A coluna de sustentação da pia aparenta ser uma substituição, assim como o interior da bacia, de cimento, sendo que este apresenta, ainda, um remendo também em cimento.

3.4.8 – Caixa do Órgão

Houve substituição de algumas fechaduras e dobradiças, de forma grosseira. A parte frontal da caixa foi repintada em esmalte brilhante branco e azul claro. Também se suspeita que uma camada de pintura mais antiga tenha sido removida para a aplicação da camada de tinta atual.

3.4.9 – Retábulo de Nossa Senhora das Dores

Houve substituições do forro do camarim por novo tabuado, sem pintura. Recebeu complementação e substituição das madeiras nas laterais do sacrário.

3.4.10 – Retábulo da Sacristia

Este é resultado de uma montagem de móveis diverso e recebeu várias substituições em partes de madeira, de dobradiças e fechaduras e remendos.

3.4.11 – Lavabo da Sacristia

Este foi completamente remontado, perdeu parte importante do seu corpo onde aparecia uma carranca (item 3.1, folha 17/31). Recebeu complementação em cimento das aletas (arremates laterais da parte inferior, uma de cada lado, em forma de meia concha).

3.4.12 – Oratório da Sacristia

Observou-se a substituição de fechadura e aplicação de verniz muito espesso e irregular.

3.5 – Estimativas de Áreas Degradadas

3.5 – Estimativas de áreas degradadas

3.5.1 - Retábulo mor

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Coroamento	5,95 m ²	7 m ²		
Entablamento superior	0,15 m ²	1 m ²		
Tábuas, colunas e pilastras	3,24 m ²	5,4 m ²		
Camarim	2,4 m ²	4 m ²	8,44 m ³	14,08 m ³
Trono	1 m ² (e está 100% repintado)	2 m ²	2,27 m ²	4,54 m ³
Friso central	1,172 m ²	2,93 m ²	0,164m ³	0,41m ³
Painéis e almofadas	1,9 m ²	2 m ²		
Sacrário	0,330 m ²	0,413 m ²	0,268 m ³	0,335 m ³
Antemesa	0,965 m ²	1,016 m ²	1,042m ³	1,097m ³
Frisos laterais	0,0165 m ²	0,055 m ²	0,0031m ³	0,0078m ³
Mesa do altar	0,265 m ²	1,326 m ²	0,0297m ³	1,485m ³
Painéis laterais	1,08 m ²	2,4 m ²		

3.5.2 - Pinturas parietais – lado esquerdo (evangelho)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	16 m ²	20 m ²		

3.5.3 - Pinturas parietais – lado direito (epístola)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	17 m ²	20 m ²		

3.5.4 - Cimalha do forro da capela mor – lado esquerdo (evangelho)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,6 m ²	3 m ²		

3.5.5 - Cimalha do forro da capela mor – lado direito (epístola)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,45 m ²	3 m ²		

3.5.6 - Forro da capela mor

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	25 m ²	30 m ²		

3.5.7 - Arco cruzeiro

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Arco	3,25 m ²	13 m ³	1,26 m ³	5,07 m ³
Entablamento superior	0,18 m ²	0,6 m ²	0,002 m ³	0,250 m ³
Pilastras	8,4 m ²	14 m ²	2,73 m ³	4,55 m ³
Entablamento do soco	0,32 m ²	1,6 m ²	0,155 m ³	0,776 m ³
Soco	0,24 m ²	0,8 m ²	0,098 m ³	0,328 m ³
Base	0,48 m ²	0,6 m ²	0,196 m ³	0,246 m ³

3.5.8 - Retábulo do arco cruzeiro – lado esquerdo (evangelho)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Sanefa	0,8 m ²	1 m ²		
Coroamento	0,81 m ²	0,9 m ²		
Entablamento superior	0,2 m ²	0,4 m ²		
Pilastras e colunas	1,26 m ²	1,4 m ²		
Camarim	0,06 m ²	0,1 m ²	0,093 m ³	0,155 m ³
Entablamento intermediário	0,085 m ²	0,1 m ²		
Sacrário	0,5 m ²	0,5 m ²	0,1 m ³	0,1 m ³
Mísulas e pilastras	0,38m ²	0,4m ²		
Friso inferior	0,11 m ²	0,2 m ²		
Antemessa	0,243m ²	0,669m ²	0,297m ³	0,8506m ³
Mesa	0,28 m ²	0,8 m ²	0,316 m ³	0,904 m ³

3.5.9 - Retábulo do Arco cruzeiro – lado direito (epístola)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Sanefa	0,5 m ²	1 m ²		
Coroamento	0,63 m ²	0,9 m ²		
Entablamento superior	0,24 m ²	0,4 m ²		
Pilastras e colunas	1,19 m ²	1,4 m ²		
Camarim	0,09 m ²	0,1 m ²	0,139 m ³	0,155 m ³
Entablamento intermediário	0,085 m ²	0,1 m ²		
Sacrário	0,275 m ²	0,5 m ²	0,055 m ³	0,1 m ³

Friso inferior	0,14 m ²	0,2 m ²		
Mesa	0,12m ²	0,8 m ²	0,135m ³	0,904m ³
Antemesa	0,1003m ²	0,669m ²	0,1275m ³	0,8506m ³

3.5.10 - Púlpito

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Sanefa central	0,064 m ² (100% repintado)	0,9 m ²		0,0064m ³
Sanefas laterais	0,02m ²			0,02m ³
Batente	0,1m ²	0,1m ²		
Pilastras	0,066m ²	0,066 m ²	0,0085m ³	0,0085m ³
Frisos	0,073m ²	0,073 m ²	0,015m ³	0,015m ³
Tambor	0,195m ²	0,195 m ²	0,239m ³	0,239m ³
Bacia	0,0102m ²	0,0102 m ²	0,0020m ³	0,0020m ³

3.5.11 - Pia Batismal

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,16 m ² (aprox.)	0,4 m ² (aprox.)		

3.5.12 - Caixa do órgão

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Friso Superior	0,7m ² (100% repintado)	0,7m ²		
Painéis Vermelhos	1,8 m ² (100% repintados)	1,8 m ²		
Tuberia externa	1 m ²	1m ²		
Tábuas brancas inferiores	3m ²	3m ²		
Frisos azuis laterais frontais	0,6m ²	0,6m ²		
Frisos laterais superiores	0,011m ²	0,011m ²	0,0033m ³	0,0033m ³
Painéis laterais	0,072m ²	0,072m ²	0,246m ³	0,246m ³
Verso	0,056m ²	0,059 m ²	0,1881m ³	0,198m ³

3.5.13 - Retábulo de Nossa Senhora das Dores (medidas dadas da esquerda para a direita)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Arremate do camarim 01	0,05 m ²	0,05 m ²		
Entablamentos do camarim 01	0,01 m ²	0,01 m ²		
Camarim 01	0,12 m ²	0,12 m ²	0,037 m ³	0,037 m ³
Tabuado superior entre camarins 01 e 02	0,1 m ²	0,1 m ²		
Arremate do camarim 02	0,056 m ²	0,07 m ²		
Entablamentos do camarim 02	0,008 m ²	0,01 m ²		
Camarim 02	0,12 m ²	0,15 m ²	0,04 m ³	0,050 m ³
Tabuado superior entre camarins 02 e 03	0,064 m ²	0,08 m ²		
Arremate do camarim 03	0,042 m ²	0,07 m ²		
Entablamentos do camarim 03	0,006 m ²	0,01 m ²		
Camarim 03	0,18 m ²	0,3 m ²	0,085 m ³	0,142 m ³
Tabuado superior entre camarins 03 e 04	0,044 m ²	0,08 m ²		
Arremate do camarim 04	0,038 m ²	0,07 m ²		
Entablamentos do camarim 04	0,005 m ²	0,01 m ²		
Camarim 04	0,082 m ²	0,15 m ²	0,027 m ³	0,050 m ³
Tabuado superior entre camarins 04 e 05	0,06 m ²	0,1 m ²		
Arremate do camarim 05	0,03 m ²	0,05 m ²		
Entablamentos do camarim 05	0,006 m ²	0,01 m ²		
Camarim 05	0,072 m ²	0,12 m ²	0,020 m ³	0,037 m ³
Friso central	0,23 m ²	0,46 m ²		
Mesa	0,54 m ²	0,9 m ²	0,214 m ³	0,328 m ³
Sarcófago	0,36 m ²	0,6 m ²	0,131 m ³	0,219 m ³
Base	0,34 m ²	0,4 m ²		

3.5.14 - Retábulo da sacristia (medidas de planta – valores aproximados)

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Camarim	0,04 m ²	0,2 m ²	0,012 m ³	0,060 m ³
Gaveteiro 1º andar	0,0315 m ²	0,21 m ²	0,0078 m ³	0,052 m ³
Gaveteiro 2º andar	0,0603 m ²	0,402 m ²	0,0150 m ³	0,1005 m ³
Gaveteiro 3º andar	0,0945 m ²	0,63 m ²	0,0235 m ³	0,157 m ³
Arcaz	0,451 m ²	0,902 m ²	0,945 m ³	1,89 m ³
Base	1,746 m ²	2,91m ²	0,1746 m ³	0,291m ³

3.5.15 - Lavabo da sacristia

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,0594 m ²	0,108 m ²	0,0159 m ³ (aprox.)	0,029 m ³

3.5.16 - Oratório da sacristia

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,1113 m ²	0,68 m ²	0,1505 m ³	0,215 m ³

3.5.17 - Nossa Senhora Aparecida de Córregos

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,036 m ² (e é 100% repintada)	0,362 m ² (aprox.)	0,01 m ³ (aprox.)	0,108 m ³ (aprox.)

3.5.18 - São Sebastião

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,15 m ² (e é 100% repintado)	0,28 m ² (aprox.)	0,036 m ³ (aprox.)	0,067 m ³ (aprox.)

3.5.19 - São João Batista

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,034 m ² (e é 100% repintado)	0,17 m ² (aprox.)	0,008 m ³ (aprox.)	0,043 m ³ (aprox.)

3.5.20 - Nossa Senhora do Rosário

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Santa	0,19 m ²	0,24 m ²	0,044 m ³	0,055 m ³
Menino Jesus	0,022 m ²	0,028 m ²	0,002 m ³	0,003 m ³

3.5.21 - Santo Antônio

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,166 m ²	0,238 m ²	0,034 m ³	0,049 m ³

3.5.22 - Nossa Senhora das Dores

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Imagem	0,04 m ²	0,09 m ² (aprox.)	0,019 m ³	0,043 m ³ (aprox.)
Resplendor	0,0088 m ²	0,0196 m ²		

3.5.23 - Senhor Morto

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Imagem	0,31 m ²	0,53 m ² (aprox.)	0,085 m ³	0,143 m ³ (aprox.)
Coroa de espinhos	0,192 m ²	0,320 m ² (diâmetro)		

3.5.24 - Crucifixo

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
Cristo	0,035 m ²	0,05 m ² (aprox.)	0,002 m ³	0,004 m ³ (aprox.)
Cruz	0,523 m ²	0,748 m ²	0,026 m ³	0,038 m ³

3.5.25 - Divino Espírito Santo

PARTE	ÁREA DEGRADADA	ÁREA TOTAL	VOLUME DEGRADADO	VOLUME TOTAL
	0,036 m ² (é 100% repintado e 70% substituída)	0,36 m ² (aprox.)	0,005 m ³	0,051 m ³ (aprox.)

Conjunto de imagens de gesso:

- * Dimensões variadas com altura aproximada de 80 cm
- * 50% delas foram repintadas
- * 30% delas apresentam perdas de suporte (dedos, mãos, nariz)

4 – ANÁLISES QUÍMICAS

4.1 - Análises Científicas de Materiais e Técnicas

4.1 - Análises Científicas de Materiais e Técnicas

As amostras foram coletas pelo Grupo Oficina de Restauro e entregues a professora Isolda Mendes do departamento de química da UFMG com o pedido de análise de aglutinantes, pigmentos e descrição de camadas por cortes estratigráficos. As amostras foram analisadas através de micro análises, microscópios, espalhamento de luz Raman. Outras análises podem ser realizadas para uma descrição mais completa dos pigmentos e corantes. Resultados mais apurados sobre os aglutinantes serão disponibilizados quando as análises cromatográficas forem terminadas.

Esta coleta foi realizada com foco na objetividade das análises através de amostragem dos materiais empregados nos elementos envolvidos. O objetivo das pesquisas científicas é complementar as informações que não puderam ser compreendidas nos exames organolépticos *in loco* com lupa ou mesmo nos testes com bisturis e solventes disponíveis durante as etapas de levantamentos de dados e identificações para o projeto.

A similaridade das técnicas (suporte e tintas utilizados numa mesma época) nos elementos propiciou respostas para vários deles com um mesmo exame, como foi o caso das amostras retiradas nas pinturas das pinturas parietais e no retábulo-mor que atenderam também às do forro, da capela mor e do arco cruzeiro. O branco que recobre boa parte da decoração original da capela mor, aparentemente cal, foi identificado como solúvel em água provavelmente pela presença da cola proteica. A pintura original é a têmpera, esta informação se baseia no reconhecimento das características visuais e se ampara em tantas pesquisas que confirmam o uso recorrente deste material no período da execução e no estado de Minas Gerais. Esta condição de solubilidade em água oferece limitações no emprego de solventes sobre a têmpera da camada pictórica original que também é suscetível aos solventes polares. Esta conclusão gerou como uma das opções de intervenção a decapagem mecânica da repintura com auxílio de bisturis cirúrgicos.

Já os cortes estratigráficos solicitados, vieram a auxiliar na leitura inconclusa dos estratos pesquisados através das prospecções efetuadas. Foram os casos do camarim do retábulo mor, das imagens de Nossa Senhora Aparecida de Córregos (N. Sra. do Rosário) e de São Sebastião.

Tabela 1 – Resultados das análises

Amostra	Localização	Descrição	Corte (fig)	Micro análise	Raman (fig)
COR1 	Retábulo Mor	branco	-	Solúvel em água, provavelmente cola proteica.	-
COR2 	Retábulo Mor	ouro / bolo/branco	-	Solúvel em água, provavelmente cola proteica.	-
COR3 	Retábulo Mor	branco	-	Solúvel em água, provavelmente cola proteica.	Amarelo de cromo e chumbo (1)
COR6 	Retábulo Mor/camarim	5 camadas: madeira, impermeabilizante, branco, creme e verde clara	(8)	-	-

COR8 	Retábulo Mor/camarim forro	8 camadas: madeira, impermeabilizante, branca, verde escuro, amarela, verde, verde clara e verde clara	(9)	-	Ftalociani na de cobre (2)
COR9 	Nossa Senhora Aparecida de Córregos (Nossa Senhora do Rosário)	Corte com 5 camadas: branca, vermelha, azul, azul, folha de ouro	(10)	-	Azul de ultramar (3)
COR15 	São Sebastião	Corte em dois fragmentos oito camadas, descrição na figura 11.	(11)	Cola proteica primeiras camadas e aglutinantes acrílicos ou vinílicos camadas branca e vermelha	-
COR19 	Nossa senhora do Rosário Portuguesa	-	-	Solúvel em água, provavelmente cola proteica.	Gesso (4)
COR25 	Nossa Senhora das Dores	-	-	-	óxido de ferro + laca vermelha (5 e 6)

COR32 	Arco da parede Capela Mor (lado da epístola)	Branco com camada transparente amarelada	-	-	Resina com éster (7)
COR31 	Pintura parietal (lado da epístola)	Corte com 4 camadas descrição na figura 12.	(12)	-	

4.1.1 – Mapeamento de Amostras

4.1.2 – Espectros de Espalhamento de Luz Ramam e Fotografia dos Cortes

4.1.2 – Espectros de espalhamento de luz Raman e fotografia dos cortes

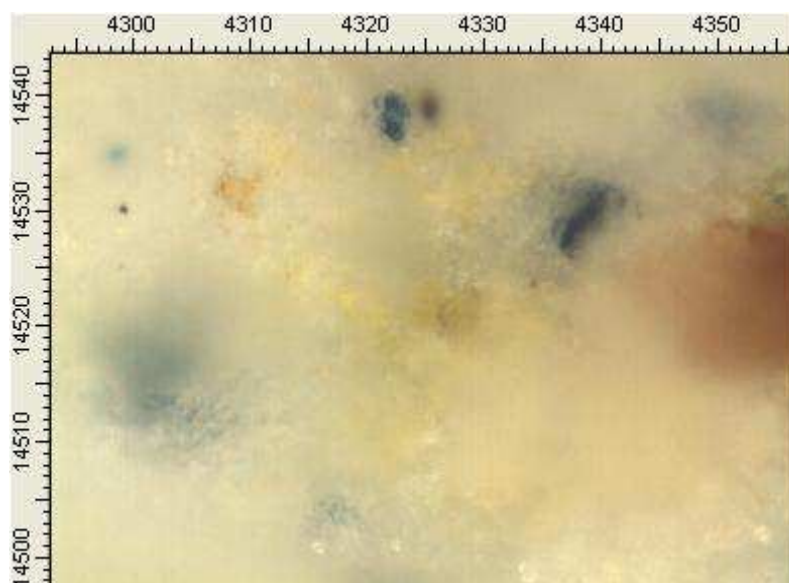
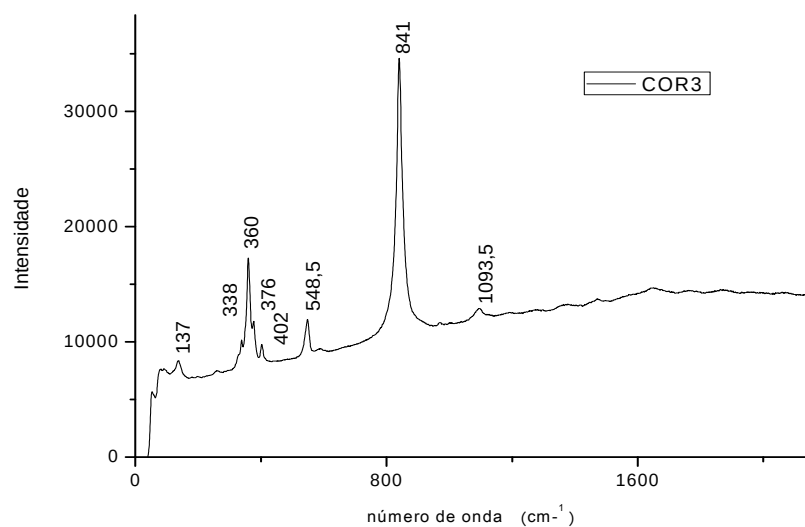


Figura 1 – Espectro de espalhamento de luz Raman amostra COR3, amarelo de cromo e chumbo. Laser de 633nm, condições: 5mW, 10s, 10 scans. Fotografia do local de análise com aumento de 900x.

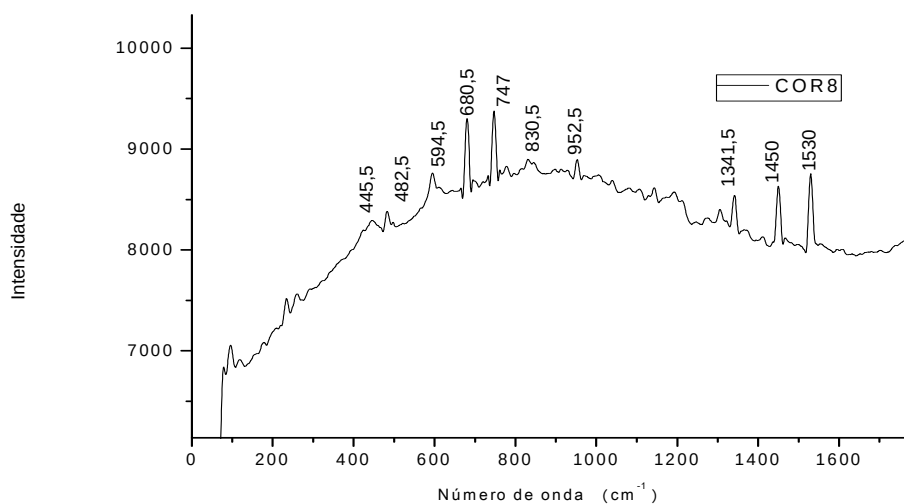


Figura 2 – Espectro de espalhamento de luz Raman amostra COR8, de ftalocianina de cobre

Laser de 633nm, condições: 5mW, 10s , 10 scans. Fotografia do local de análise com aumento de 900x.

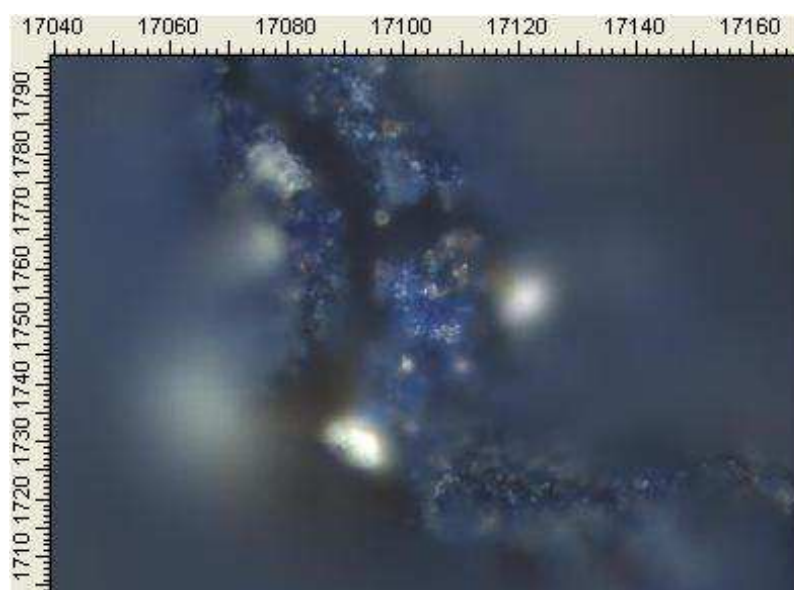
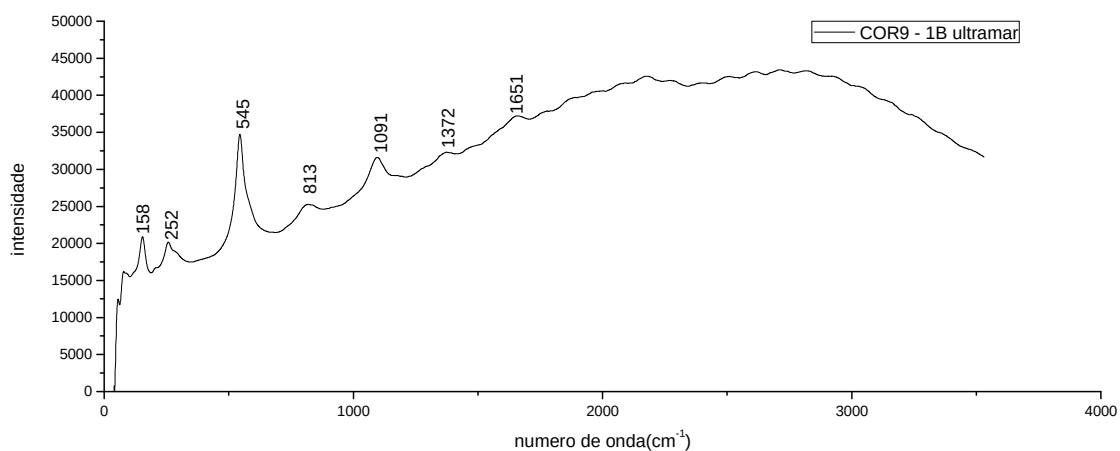


Figura 3 – Espectro de espalhamento de luz Raman amostra COR9, de azul de ultramar.

Laser de 633nm, condições: 5mW, 10s , 10 scans. Fotografia do local de análise com aumento de 900x.

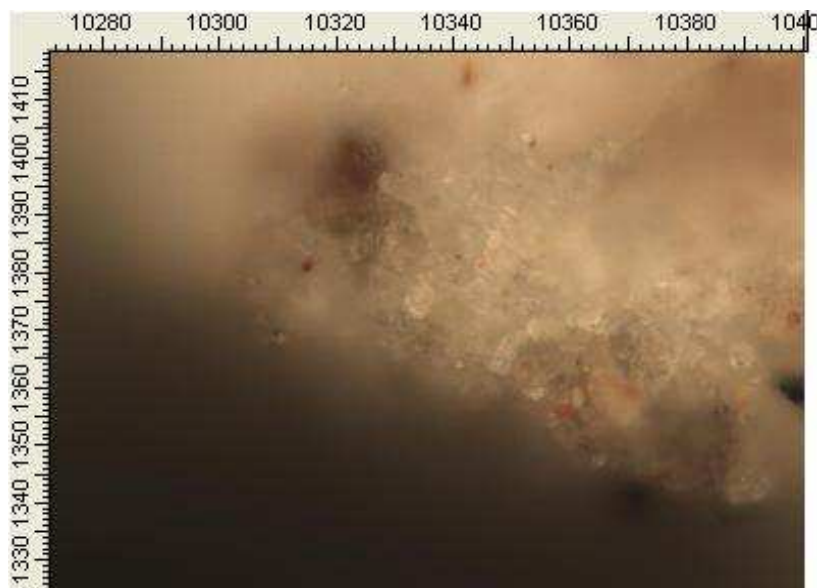
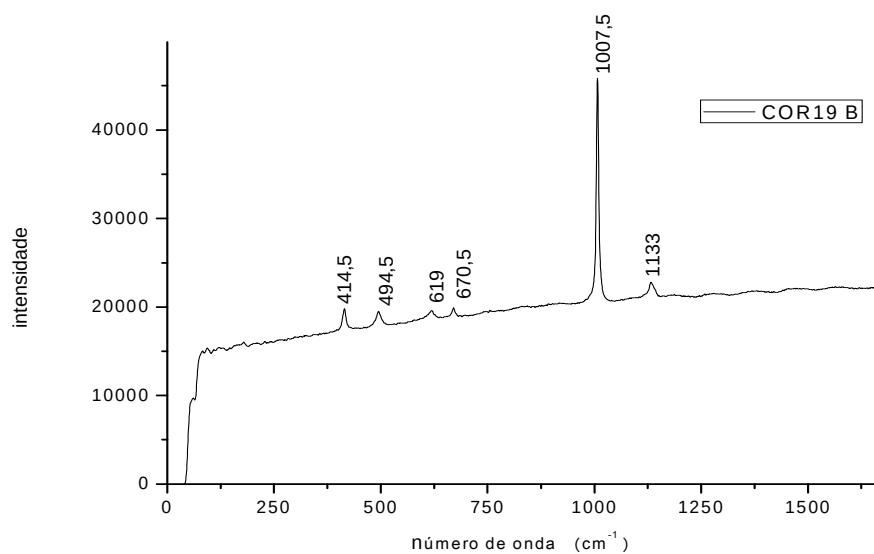


Figura 4 – Espectro de espalhamento de luz Raman amostra COR19, de gesso
Laser de 633nm, condições: 20mW, 10s, 10 scans. Fotografia do local de análise com
aumento de 900x.

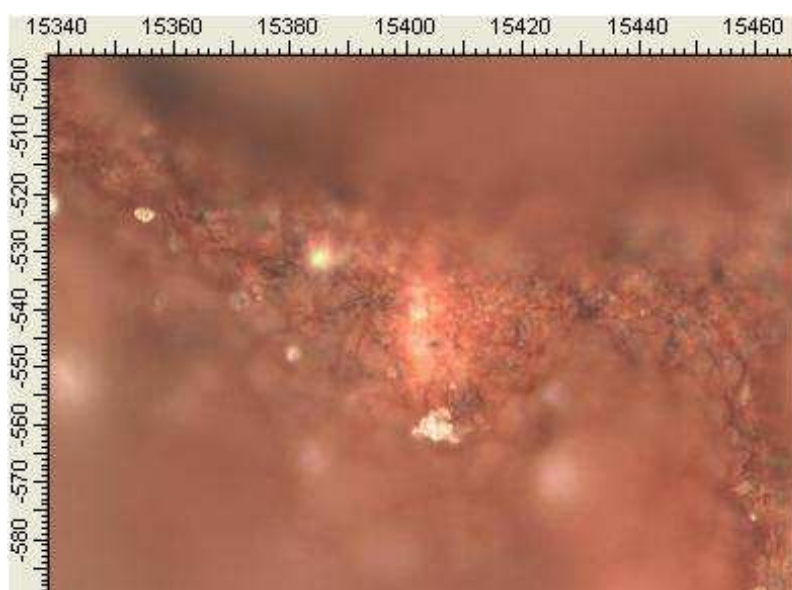
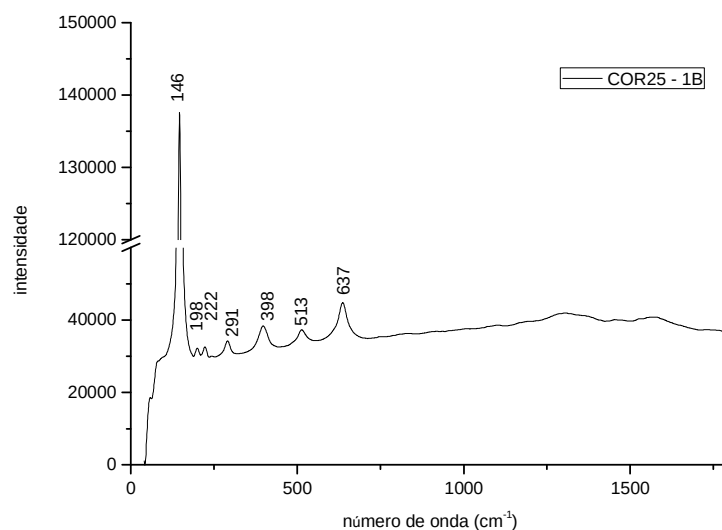


Figura 5 – Espectro de espalhamento de luz Raman amostra COR25, de óxido de ferro. Laser de 633nm, condições: 5mW, 1Os , 10 scans. Fotografia do local de análise com aumento de 900x.

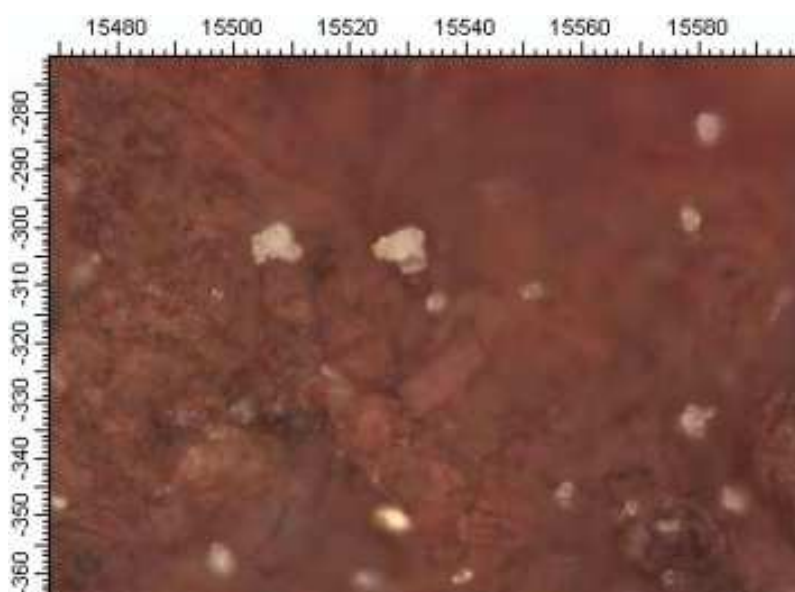
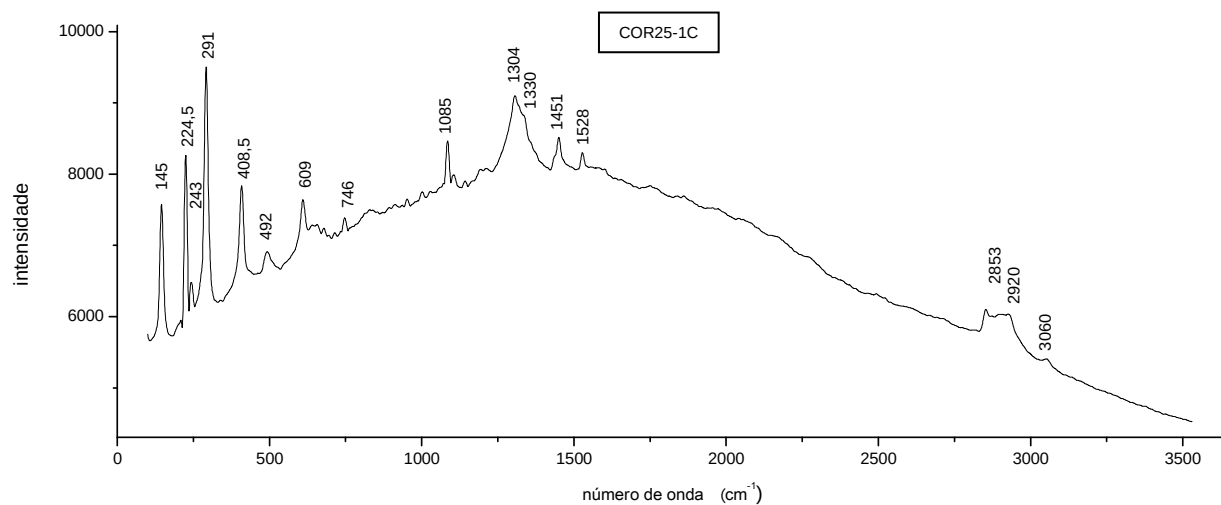


Figura 6 – Espectro de espalhamento de luz Raman amostra COR25-1C, não identificado provavelmente um corante, necessita de mais investigações. Laser de 633nm, condições: 5mW, 1Os, 10 scans. Fotografia do local de análise com aumento de 900x.

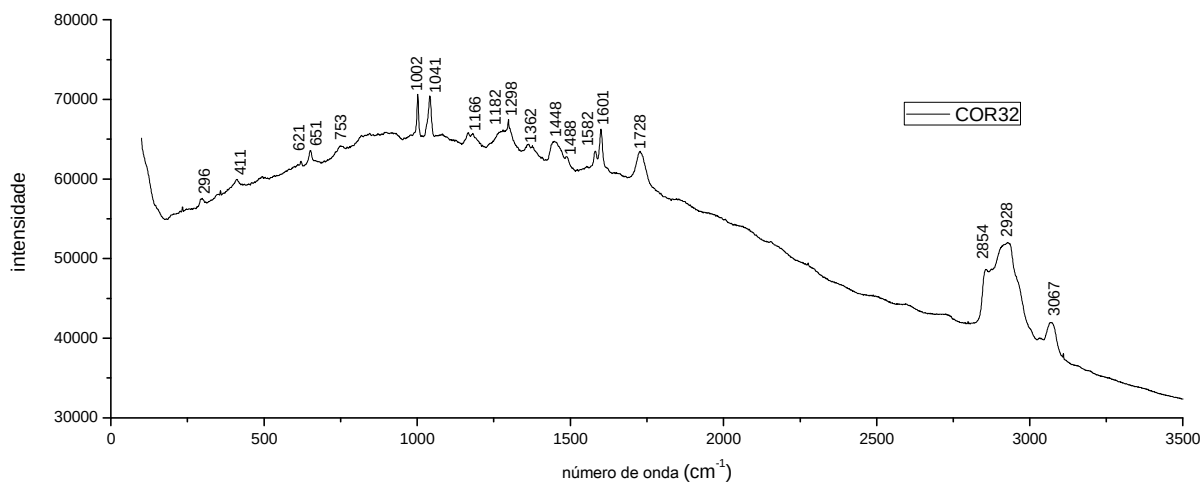


Figura 7 – Espectro de espalhamento de luz Raman amostra COR32, característico resina com presença de éster. Laser de 785nm, condições: 20mW, 30s, 10 scans. Fotografia do local de análise com aumento de 900x.

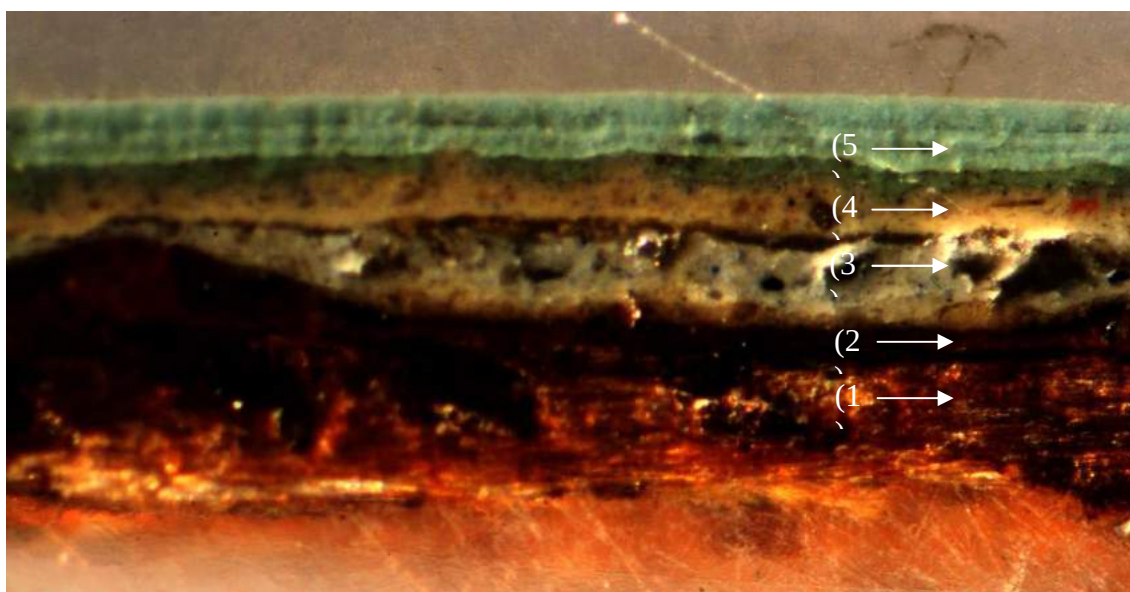


Figura 8 – Fotografia do corte estratigráfico na amostra COR6. O corte apresenta 5 camadas, de baixo para cima: (1) madeira, (2) impermeabilizante, (3) camada branca grossa, (4) camada creme e (5) verde clara. Aumento de 120x.

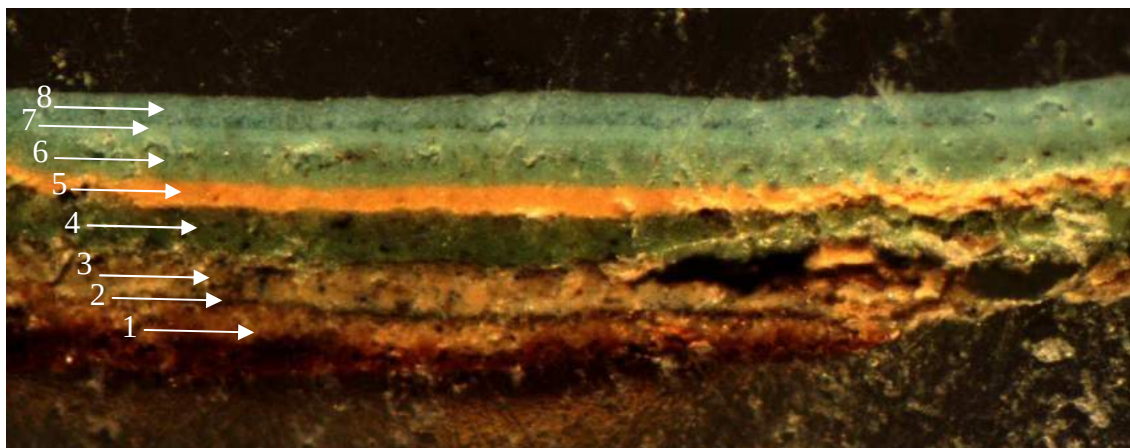


Figura 9 – Fotografia do corte estratigráfico na amostra COR8. O corte apresenta 8 camadas, de baixo para cima: (1) madeira, (2) impermeabilizante, (3) camada branca, (4) camada verde escuro, (5) camada amarela, (6)verde, (7)verde clara e (8)verde clara. Aumento de 120x.

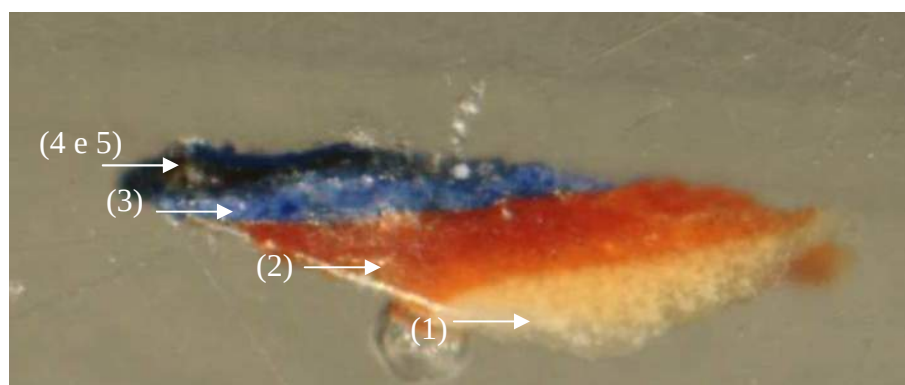


Figura 10 – Fotografia do corte estratigráfico na amostra COR9. O corte apresenta 5 camadas, de baixo para cima: (1) base branca , (2) camada vermelha, (3) camada azul, (4) camada azul escuro possível reação do mordente com a camada azul anterior e (5) folha de ouro. Aumento de 120x.

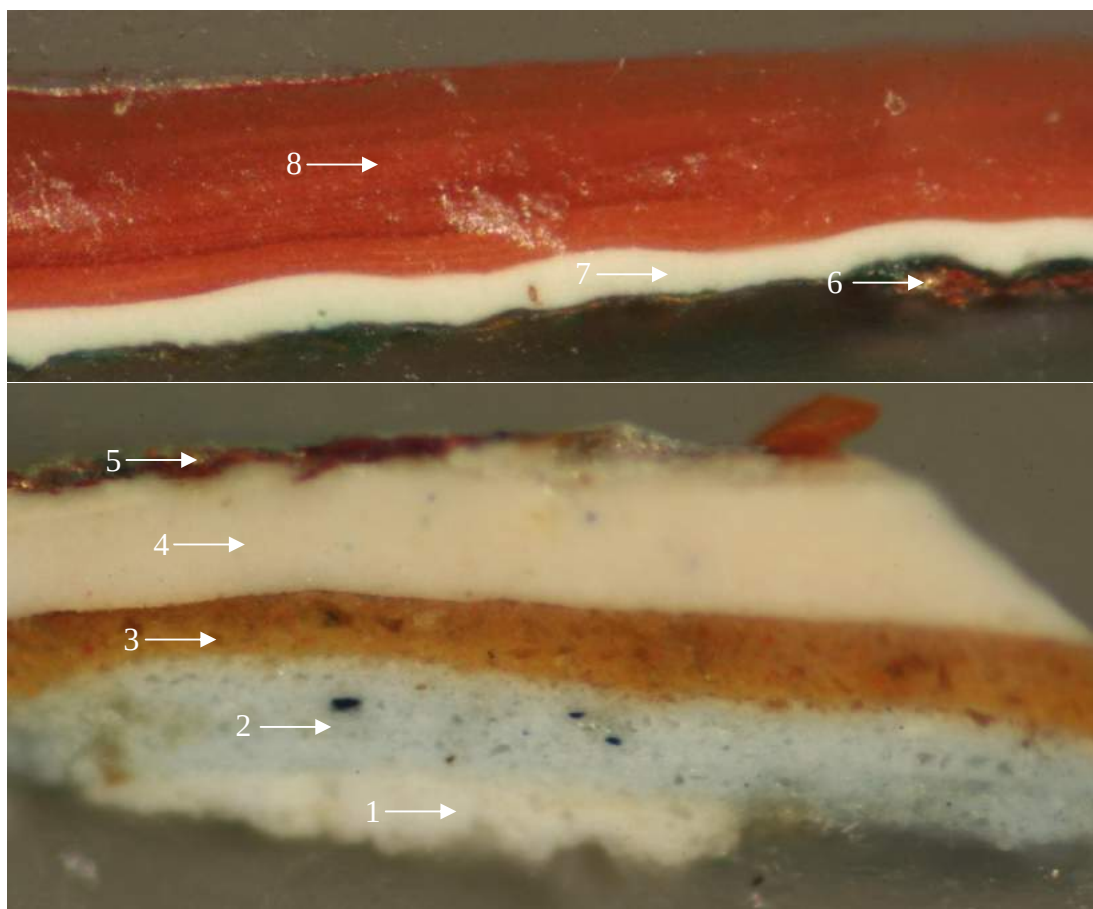


Figura 11 – Fotografias dos cortes estratigráficos na amostra COR15. O corte apresenta 8 camadas em dois fragmentos, de baixo para cima: (1) base branca, (2) camada azul clara, (3) camada creme (4) camada branca, (5 e 6) camada verde com resquícios de vermelho e folha de ouro, (7) branca e (8) vermelho. Aumento de 120x.

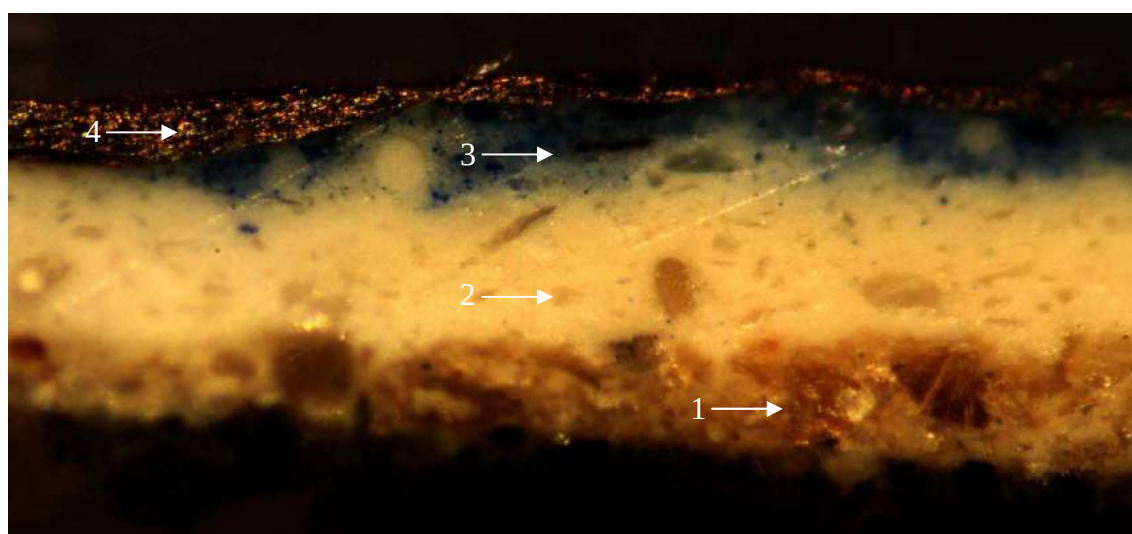


Figura 12 – Fotografia do corte estratigráfico na amostra COR31. O corte apresenta 4 camadas, de baixo para cima: (1) camada amarelada, (2) camada branca, (3) camada azul e (4) folha de ouro. Aumento 120x.

4.1.3 – Conclusões

4.1.3 – Conclusões

Foram encontrados pigmentos azuis diferentes, ultramar e azul de ftalocianina de cobre. Foi identificado também o uso de duas técnicas diferentes de douramento, uma com base branca, bolo armênio e folha de ouro e uma segunda com a base branca mordente e folha de ouro. Em geral foram encontrados os seguintes materiais: sulfato de cálcio (gesso), cromato de chumbo, óxido de ferro, bolo armênio, azul ultramar, azul de ftalocianina de cobre, ouro, cola proteica, aglutinante acrílico ou vinílico. Os materiais encontrados nos diversos fragmentos de amostras estão descritos na tabela 1.

Nota:

- 1) *A equipe executora emite o presente relatório dentro do rigor técnico e científico para tanto, de forma que qualquer resultado que advier referir-se-á exclusivamente às provas apuradas e à técnica disponível à época de realização dos estudos, não consistindo qualquer opinião pessoal de qualquer dos envolvidos na realização dos trabalhos.*
- 2) *De acordo com o disposto no item anterior, a equipe contratada não se responsabiliza pelo teor de qualquer laudo, parecer ou estudo emitido por outra equipe ou técnico, de qualquer região do país ou exterior, que apresente qualquer resultado sobre a autenticidade e época de realização da obra, mormente quanto a resultado que seja contrário aos resultados apurados pelo presente estudo.*

Observação (Grupo Oficina)

A figura 12, referente ao corte estratigráfico da amostra COR32, mostra uma camada dourada de grande espessura se comparada a uma estratigrafia de uma folha de ouro tradicional, como pode ser confirmado nas figuras 10 e 11. A espessura da camada dourada encontrada na amostra COR32, bem como o seu posicionamento em relação aos outros estratos (última camada, portanto a mais recente) pode indicar ser uma folha de ouro falso ou mesmo uma purpurina dourada. Esta última foi utilizada, por exemplo, na repintura do retábulo mor da Igreja.

A existência desta camada dourada em uma região da pintura parietal da capela mor é um dado surpreendente, uma vez que não foi observada a presença de ouro ou douramentos na pintura atual e muito menos na pintura mais antiga, bastante visível conforme pode ser visto nas várias fotografias em anexo no item 5.

A hipótese mais provável é a de que o material dourado tenha sido introduzido na região da amostra acidentalmente.

5 – DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Marianna; GUIGLEMETI, Denise O; GUIGLEMETI, Wallace A; MENDES, Marylka; SLAIBI, Tais Helena de Almeida. **Materiais empregados em conservação-restauração de bens culturais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Conservadores-restauradores de Bens Culturais, 2011.

ATTWATER, Donald. **Dicionário de Santos**. 2 ed. São Paulo: Art Editora, 1991.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. 3 ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

INVENTÁRIO NACIONAL DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS. Ministério da Cultura, SPHAN/Pró-Memória.

MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SARMIENTO, Ernesto. **Iconografía y Simbología: Breves apuntes para el primer curso de restauración de monumentos y obras de arte**. Cusco, 1975

TAVARES, Jorge Campos. **Dicionário de Santos**. 3 ed. Porto: Lello Editores, 2004.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea: vidas de santos**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2003.

7 – FICHA TÉCNICA

Pesquisa Histórica

José Bizzoto Ramos – Historiador

Levantamentos

Rosangela Reis Costa – Restauradora

Vistoria/Diagnóstico

Rosangela Reis Costa – Restauradora

Elaboração Projeto/Desenhos/Mapeamentos/Digitação

Bárbara Mesquita dos Santos Gomes – Restauradora

Rosangela Reis Costa – Restauradora

Camila Magalhães Lage – Arquiteta

Análises Químicas

Isolda de Castro Mendes – Dra. Química

Equipe Laboratório Escola de Química da UFMG

Júlia Parreiras de Matos

Rita de Cássia Cavalcante

Fotografias

Rosangela Reis Costa

Responsabilidade de Execução

Século 30 Arquitetura e Restauro Ltda

Belo Horizonte, maio de 2013

Trabalho revisado em agosto de 2013